

Segmento: PUCRS

12/08/2020 | BBC Brasil | bbc.com/portuguese | Geral

Coronavírus: A longa lista de possíveis sequelas da covid-19

<http://www.bbc.com/portuguese/geral-53654692>

Direito de imagem Lucy Nicholson/Reuters Image caption Além dos pulmões, doença pode afetar coração, rins, intestino, sistema vascular e até o cérebro

Sete meses depois do surgimento da covid-19, mais de 18 milhões já foram infectados pelo novo coronavírus no mundo e cerca de 11 milhões de pacientes são considerados recuperados.

De um lado, a comunidade científica ainda busca uma vacina contra o Sars-CoV-2. De outro, médicos tentam entender quais consequências de médio e longo prazo o vírus pode trazer para aqueles que já entraram em contato com ele.

Uma série de estudos divulgados nos últimos meses e a observação clínica dos profissionais que estão na linha de frente indicam as possíveis sequelas que a doença pode deixar - ainda que não seja possível dizer se elas são temporárias ou perenes.

Já se sabe, por exemplo, que alguns sintomas podem persistir não apenas entre aqueles que tiveram casos mais graves da doença e que, além de danos nos pulmões, o Sars-CoV-2 pode afetar o coração, os rins, o intestino, o sistema vascular e até o cérebro. Respiração comprometida após a alta

O pneumologista Gustavo Prado, do hospital Alemão Oswaldo Cruz, conta que tem recebido um volume expressivo de pacientes que tiveram quadros moderados de covid-19 e relatam, por exemplo, cansaço e falta de ar.

Um dos primeiros estudos sobre a função pulmonar de pacientes que haviam acabado de receber alta na China indicava, em abril, que a redução da capacidade pulmonar era uma das principais consequências observadas mesmo entre aqueles que não chegaram a ficar em estado crítico.

Publicado em abril no European Respiratory Journal, o trabalho ressaltava a ocorrência de fenômenos semelhantes em epidemias causadas por outros coronavírus, os da Sars e da Mers, em que as sequelas se estenderam por meses ou anos em alguns casos.

Mais recentemente, um estudo publicado no Journal of the American Medical Association (JAMA) verificou que, entre 143 pacientes avaliados na Itália, apenas 12,6% haviam sido internados em uma UTI, mas 87,4% relatavam persistência de pelo menos um sintoma, entre eles fadiga e falta de ar, mais de dois meses depois de terem alta.

"A gente tem visto mesmo uma latência para a recuperação plena dos pacientes que tiveram quadros moderados", afirma o pneumologista do Fleury João Salge.

Muitos desses pacientes, ele conta, retornam às atividades do dia a dia, mas relatam cansaço e veem sua produtividade e qualidade de vida afetados.

A eles, o médico tem recomendado que façam exercícios físicos, respeitando as limitações do momento, e que tentem pouco a pouco desafiar o organismo para recuperar o condicionamento.

Mas ainda não se sabe por quanto tempo esses sintomas podem se estender.

Direito de imagem Bruno Kelly/Reuters Image caption 'Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada', diz Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados Fibrose pulmonar

Nos casos mais graves, é possível que haja sequelas permanentes, como a fibrose pulmonar, uma doença crônica caracterizada pela formação de cicatrizes no tecido pulmonar.

"A cicatriz preenche o espaço, mas não tem a mesma elasticidade, as mesmas características do tecido original", explica Prado.

Assim, o pulmão expande menos, ou com maior dificuldade, com uma consequente perda de eficiência nas trocas gasosas. Com a redução da capacidade respiratória vem a falta de ar e o cansaço frequentes.

A fibrose pode ser causada pela inflamação intensa e generalizada que o organismo provoca para tentar expulsar o vírus do corpo. Nesse caso, ela é consequência do processo de reparação natural do tecido danificado.

Direito de imagem Luiza Gonzalez/Reuters Image caption Sequelas pulmonares também podem ser resultado de procedimentos como a ventilação mecânica

Mas também pode ser resultado do próprio tratamento, quando o paciente é intubado, por exemplo.

"Apesar de necessária na síndrome respiratória grave, a ventilação não adequada pode impor estresse sobre tecidos pulmonares - por uma distensão exagerada, pela manutenção de pressões altas no enchimento do pulmões ou pela oferta de oxigênio exagerada", exemplifica Prado.

É a chamada lesão pulmonar induzida pela ventilação, ou VILI (acrônimo da expressão em inglês "ventilator-induced lung injury"), que pode evoluir para uma fibrose. Síndrome pós-UTI

Longe de ser exclusividade da covid-19, esse tipo de lesão caracteriza diversas síndromes respiratórias mais graves.

A particularidade, nesse caso, é o fato de que o intervalo de internação dos pacientes infectados pelo novo coronavírus costuma ser maior, o que aumenta a probabilidade de ocorrência desse tipo de sequela.

"Eles ficam muito tempo intubados, traqueostomizados, em ECMO (sigla para "extracorporeal membrane oxygenation", ou oxigenação por membrana extracorporeal, que consiste no uso de uma máquina que realiza a função do coração e pulmões e bombeia o sangue)", diz a pneumologista e pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo.

O período prolongado no hospital também eleva as chances de outro problema que acomete aqueles afetados por infecções graves: a síndrome pós-UTI.

Os sintomas vão desde perda de força muscular, alterações da sensibilidade e da força motora por disfunção dos nervos até depressão, ansiedade, alterações cognitivas, prejuízo de memória e da capacidade de raciocínio.

Os casos graves de covid-19 são a minoria, cerca de 5% do total. Diante de uma pandemia de grandes proporções, entretanto, um percentual pequeno pode significar números absolutos elevados. Entre cerca de 11 milhões de recuperados, por exemplo, os 5% se tornam 550 mil.

Nesse sentido, Prado, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, chama atenção para o fato que parte desse grande contingente vai precisar de acompanhamento médico por algum tempo, seja no SUS ou na saúde privada.

"E boa parte dos pacientes ainda pertence à população economicamente ativa. A gente precisa desmistificar um pouco essa ideia de que é só o idoso com comorbidade", acrescenta. 'Marco zero'

Os pulmões são uma espécie de "marco zero" para o Sars-CoV-2. Uma vez que o vírus consegue atravessar nossa barreira imunológica e se instala no pulmão, ele segue fazendo estragos em outros órgãos.

Um artigo publicado em abril na revista Science destacava que um possível sinalizador das regiões mais vulneráveis do corpo seria aquelas ricas em receptores chamados ECA2 (enzima conversora da angiotensina 2).

Com a função de regular a pressão sanguínea, essas proteínas ficam na superfície da célula e são usadas como porta de entrada pelo vírus, que utiliza a estrutura celular para se reproduzir.

Além dos pulmões (mais especificamente os alvéolos pulmonares), o ECA2 também é encontrado em órgãos como o coração, o intestino e os rins - que têm sofrido lesões importantes em pacientes em estado mais grave.

"Por isso dizemos que a covid-19 é uma doença sistêmica, e não apenas respiratória", diz Dalcolmo, da Fiocruz.

Os cientistas ainda investigam se esses danos são causados diretamente pelo vírus ou por fatores indiretos ligados à doença.

Uma possibilidade, por exemplo, é que a "tempestade inflamatória" que o sistema imunológico gera para tentar combater o vírus, inundando o organismo de citocinas, acabe lesionando esses órgãos. Parte também pode ser uma consequência da própria infecção. Rins e coração

Independentemente da causa, os cientistas procuram entender quais desses efeitos têm consequências de curto, médio ou longo prazo.

Um estudo recente - com resultados preocupantes - realizado na Alemanha apontou que, entre 100 pacientes recuperados, 78% apresentaram algum tipo de anomalia no coração mais de dois meses após a alta. Boa parte (67%) tivera uma forma branda da doença e sequer havia sido hospitalizada.

No caso dos rins, as evidências mostram uma incidência elevada de falência entre os casos mais graves de covid-19.

Um amplo estudo com dados de pacientes internados em Nova York entre 1 de março e 5 de abril revelou que, dentre 5.449, mais de um terço, 1.993, desenvolveram insuficiência renal aguda. Cérebro

A ocorrência de uma série de sintomas neurológicos que vão de confusão mental e dificuldade cognitiva a delírio também tem sido documentada entre pacientes com covid-19.

No Brasil, uma força-tarefa do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (Inscer), vinculado à PUC-RS, investiga, entre outras frentes, quais sequelas podem ficar desses sintomas.

O neurologista Jaderson Costa da Costa, que coordena o grupo, conta que, entre os casos mais graves atendidos pela equipe no Hospital São Lucas, em Porto Alegre, têm sido observadas convulsões, casos de síndrome de Guillain-Barré (que ataca o sistema nervoso e causa fraqueza muscular) e de encefalite, a inflamação do parênquima do encéfalo.

Um estudo recente da University College London chamou atenção para um caso raro e grave de encefalite que tem acometido alguns pacientes com covid - a encefalomielite aguda disseminada. Sistema vascular

Outra complicação neurológica que os médicos têm observado em pacientes com casos graves é a ocorrência de acidentes vasculares cerebrais (AVC).

Por alguma razão que os cientistas ainda desconhecem, o Sars-CoV-2 aumenta a tendência de coagulação do sangue.

Tanto que um fragmento de proteína usado no diagnóstico de trombose, o dímero-D, virou um marcador de gravidade para pacientes com covid.

"Quando ele está alto, é um sinal de possível evolução para um quadro mais grave", diz o pneumologista do Fleury João Salge.

A coagulação desenfreada pode levar a um tromboembolismo venoso - o bloqueio de uma via sanguínea, que pode acabar causando AVC, embolia pulmonar ou a necrose de extremidades, levando à necessidade de amputação, o que também tem sido observado em pacientes com covid.

"Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada", diz o pneumologista Gustavo Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados.

Para ele, a ampla gama de possíveis sequelas deixadas pela covid-19 e a dimensão da população atingida deveriam transformar esse processo de recuperação em uma questão mais ampla, que envolvesse uma estratégia de saúde pública e assistência social e incluísse profissionais da saúde de diferentes frentes.

Já assistiu aos nossos novos vídeos no YouTube? Inscreva-se no nosso canal! "> Pule YouTube post de BBC News Brasil

Alerta: Conteúdo de terceiros pode conter publicidade

Final de YouTube post de BBC News Brasil

Direitos da imagem BBC News Brasil BBC News Brasil

"> Pule YouTube post 2 de BBC News Brasil

Alerta: Conteúdo de terceiros pode conter publicidade

Final de YouTube post 2 de BBC News Brasil

Direitos da imagem BBC News Brasil BBC News Brasil

"> Pule YouTube post 3 de BBC News Brasil

Alerta: Conteúdo de terceiros pode conter publicidade

Final de YouTube post 3 de BBC News Brasil

Direitos da imagem BBC News Brasil BBC News Brasil

12/08/2020 | Blog Estúdio Atlântida | atl.clicrbs.com.br/estudioatlantida/ | Geral

ATL House produz conteúdos especiais durante a pandemia

<http://atl.clicrbs.com.br/estudioatlantida/2020/08/12/atl-house-produz-conteudos-especiais-durante-a-pandemia/>

Desde o início da pandemia, a ATL House está fechada. Prezando pela saúde de todos, a Casa da Atlântida está seguindo os protocolos exigidos pelos órgãos responsáveis. Mas a saudade de poder curtir a melhor vibe da nossa casinha segue por aqui! Por isso, resolvemos trazer esse clima pro digital, como está acontecendo em vários momentos diferentes durante esse período de isolamento social. Produzimos conteúdos postados no Instagram da Atlântida, mas agora também está aqui no blog. Tem conteúdo pra quem curte a vibe geek. Tem conteúdo pra quem quer dar umas boas risadas. Tem conteúdo pra quem quer curtir boas músicas. E tem conteúdo pra quem só quer curtir com os amigos!

@banrisul @puers @tornakholding #redeadatlantida #radioatlantida #atlhouse #geek #nerd #casadaatlantida #nossacasinha #portoalegre #riograndedosul Uma publicação compartilhada por Rede Atla?ntida (@rede_atlantida) em 17 de Jul, 2020 às 8:06 PDT @banrisul @puers @tornakholding #redeadatlantida #radioatlantida #desafiodafarinha #desafio #challenge #farinha #atlhouse #nossacasinha #casadaatlantida Uma publicação compartilhada por Rede Atla?ntida (@rede_atlantida) em 24 de Jul, 2020 às 3:00 PDT @banrisul @puers @tornakholding #redeadatlantida #radioatlantida #atlhouse #nossacasinha #casadaatlantida #música #rafinha #rafinharadio Uma publicação compartilhada por Rede Atla?ntida (@rede_atlantida) em 30 de Jul, 2020 às 1:00 PDT Como

combinado, aqui tá o vídeo cheio de podres sobre a amizade dessas loucas! ? @jujumassena @barbarasacomori @banrisul @puhrs @tornakholding #redeatlântida #rádioatlântida #atlhouse #nossacasinha #casadaatlântida #música #rafinha #rafinharadio Uma publicação compartilhada por Rede Atlântida (@rede_atlantida) em 7 de Ago, 2020 às 9:08 PDT

12/08/2020 | Época | oglobo.globo.com/epoca/ | Geral

Coronavírus: A longa lista de possíveis sequelas da Covid-19

<https://epoca.globo.com/sociedade/coronavirus-longa-lista-de-possiveis-sequelas-da-covid-19-24581562>

PUBLICIDADE

Sete meses depois do surgimento da covid-19, mais de 18 milhões já foram infectados pelo novo coronavírus no mundo e cerca de 11 milhões de pacientes são considerados recuperados.

De um lado, a comunidade científica ainda busca uma vacina contra o Sars-CoV-2. De outro, médicos tentam entender quais consequências de médio e longo prazo o vírus pode trazer para aqueles que já entraram em contato com ele.

Uma série de estudos divulgados nos últimos meses e a observação clínica dos profissionais que estão na linha de frente indicam as possíveis sequelas que a doença pode deixar - ainda que não seja possível dizer se elas são temporárias ou perenes.

Já se sabe, por exemplo, que alguns sintomas podem persistir não apenas entre aqueles que tiveram casos mais graves da doença e que, além de danos nos pulmões, o Sars-CoV-2 pode afetar o coração, os rins, o intestino, o sistema vascular e até o cérebro. Respiração comprometida após a alta

O pneumologista Gustavo Prado, do hospital Alemão Oswaldo Cruz, conta que tem recebido um volume expressivo de pacientes que tiveram quadros moderados de covid-19 e relatam, por exemplo, cansaço e falta de ar.

Um dos primeiros estudos sobre a função pulmonar de pacientes que haviam acabado de receber alta na China indicava, em abril, que a redução da capacidade pulmonar era uma das principais consequências observadas mesmo entre aqueles que não chegaram a ficar em estado crítico.

Publicado em abril no European Respiratory Journal, o trabalho ressaltava a ocorrência de fenômenos semelhantes em epidemias causadas por outros coronavírus, os da Sars e da Mers, em que as sequelas se estenderam por meses ou anos em alguns casos.

PUBLICIDADE

Mais recentemente, um estudo publicado no Journal of the American Medical Association (JAMA) verificou que, entre 143 pacientes avaliados na Itália, apenas 12,6% haviam sido internados em uma UTI, mas 87,4% relatavam persistência de pelo menos um sintoma, entre eles fadiga e falta de ar, mais de dois meses depois de terem alta.

"A gente tem visto mesmo uma latência para a recuperação plena dos pacientes que tiveram quadros moderados", afirma o pneumologista do Fleury João Salge.

Muitos desses pacientes, ele conta, retornam às atividades do dia a dia, mas relatam cansaço e veem sua produtividade e qualidade de vida afetados.

A eles, o médico tem recomendado que façam exercícios físicos, respeitando as limitações do momento, e que tentem pouco a pouco desafiar o organismo para recuperar o condicionamento.

Mas ainda não se sabe por quanto tempo esses sintomas podem se estender. 'Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada', diz Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados Foto: BRUNO KELLY/REUTERS Fibrose pulmonar

Nos casos mais graves, é possível que haja sequelas permanentes, como a fibrose pulmonar, uma doença crônica caracterizada pela formação de cicatrizes no tecido pulmonar.

"A cicatriz preenche o espaço, mas não tem a mesma elasticidade, as mesmas características do tecido original", explica Prado. PUBLICIDADE

Assim, o pulmão expande menos, ou com maior dificuldade, com uma consequente perda de eficiência nas trocas gasosas. Com a redução da capacidade respiratória vem a falta de ar e o cansaço frequentes.

A fibrose pode ser causada pela inflamação intensa e generalizada que o organismo provoca para tentar expulsar o vírus do corpo. Nesse caso, ela é consequência do processo de reparação natural do tecido danificado.

Mas também pode ser resultado do próprio tratamento, quando o paciente é intubado, por exemplo.

"Apesar de necessária na síndrome respiratória grave, a ventilação não adequada pode impor estresse sobre tecidos pulmonares - por uma distensão exagerada, pela manutenção de pressões altas no enchimento do pulmões ou pela oferta de oxigênio exagerada", exemplifica Prado.

É a chamada lesão pulmonar induzida pela ventilação, ou VILI (acrônimo da expressão em inglês "ventilator-induced lung injury"), que pode evoluir para uma fibrose. Sequelas pulmonares também podem ser resultado de procedimentos como a ventilação mecânica Foto: LUIZA GONZALEZ/REUTERS Síndrome pós-UTI

Longe de ser exclusividade da covid-19, esse tipo de lesão caracteriza diversas síndromes respiratórias mais graves.

A particularidade, nesse caso, é o fato de que o intervalo de internação dos pacientes infectados pelo novo coronavírus costuma ser maior, o que aumenta a probabilidade de ocorrência desse tipo de sequela. PUBLICIDADE

"Eles ficam muito tempo intubados, traqueostomizados, em ECMO (sigla para "extracorporeal membrane oxygenation", ou oxigenação por membrana extracorporeal, que consiste no uso de uma máquina que realiza a função do coração e pulmões e bombeia o sangue)", diz a pneumologista e pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo.

O período prolongado no hospital também eleva as chances de outro problema que acomete aqueles afetados por infecções graves: a síndrome pós-UTI.

Os sintomas vão desde perda de força muscular, alterações da sensibilidade e da força motora por disfunção dos nervos até depressão, ansiedade, alterações cognitivas, prejuízo de memória e da capacidade de raciocínio.

Os casos graves de covid-19 são a minoria, cerca de 5% do total. Diante de uma pandemia de grandes proporções, entretanto, um percentual pequeno pode significar números absolutos elevados. Entre cerca de 11 milhões de recuperados, por exemplo, os 5% se tornam 550 mil.

Nesse sentido, Prado, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, chama atenção para o fato que parte desse grande contingente vai precisar de acompanhamento médico por algum tempo, seja no SUS ou na saúde privada.

"E boa parte dos pacientes ainda pertence à população economicamente ativa. A gente precisa desmistificar um pouco essa ideia de que é só o idoso com comorbidade", acrescenta. PUBLICIDADE

'Marco zero'

Os pulmões são uma espécie de "marco zero" para o Sars-CoV-2. Uma vez que o vírus consegue atravessar nossa barreira imunológica e se instala no pulmão, ele segue fazendo estragos em outros órgãos.

Um artigo publicado em abril na revista Science destacava que um possível sinalizador das regiões mais vulneráveis do corpo seria

aquelas ricas em receptores chamados ECA2 (enzima conversora da angiotensina 2).

Com a função de regular a pressão sanguínea, essas proteínas ficam na superfície da célula e são usadas como porta de entrada pelo vírus, que utiliza a estrutura celular para se reproduzir.

Além dos pulmões (mais especificamente os alvéolos pulmonares), o ECA2 também é encontrado em órgãos como o coração, o intestino e os rins - que têm sofrido lesões importantes em pacientes em estado mais grave.

"Por isso dizemos que a covid-19 é uma doença sistêmica, e não apenas respiratória", diz Dalcolmo, da Fiocruz.

Os cientistas ainda investigam se esses danos são causados diretamente pelo vírus ou por fatores indiretos ligados à doença.

Uma possibilidade, por exemplo, é que a "tempestade inflamatória" que o sistema imunológico gera para tentar combater o vírus, inundando o organismo de citocinas, acabe lesionando esses órgãos. Parte também pode ser uma consequência da própria infecção.

PUBLICIDADE

Rins e coração

Independentemente da causa, os cientistas procuram entender quais desses efeitos têm consequências de curto, médio ou longo prazo.

Um estudo recente - com resultados preocupantes - realizado na Alemanha apontou que, entre 100 pacientes recuperados, 78% apresentaram algum tipo de anomalia no coração mais de dois meses após a alta. Boa parte (67%) tivera uma forma branda da doença e sequer havia sido hospitalizada.

No caso dos rins, as evidências mostram uma incidência elevada de falência entre os casos mais graves de covid-19.

Um amplo estudo com dados de pacientes internados em Nova York entre 1 de março e 5 de abril revelou que, dentre 5.449, mais de um terço, 1.993, desenvolveram insuficiência renal aguda. Cérebro

A ocorrência de uma série de sintomas neurológicos que vão de confusão mental e dificuldade cognitiva a delírio também tem sido documentada entre pacientes com covid-19.

No Brasil, uma força-tarefa do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (Inscer), vinculado à PUC-RS, investiga, entre outras frentes, quais sequelas podem ficar desses sintomas.

O neurologista Jaderson Costa da Costa, que coordena o grupo, conta que, entre os casos mais graves atendidos pela equipe no Hospital São Lucas, em Porto Alegre, têm sido observadas convulsões, casos de síndrome de Guillain-Barré (que ataca o sistema nervoso e causa fraqueza muscular) e de encefalite, a inflamação do parênquima do encéfalo. PUBLICIDADE

Um estudo recente da University College London chamou atenção para um caso raro e grave de encefalite que tem acometido alguns pacientes com covid - a encefalomielite aguda disseminada. Sistema vascular

Outra complicação neurológica que os médicos têm observado em pacientes com casos graves é a ocorrência de acidentes vasculares cerebrais (AVC).

Por alguma razão que os cientistas ainda desconhecem, o Sars-CoV-2 aumenta a tendência de coagulação do sangue.

Tanto que um fragmento de proteína usado no diagnóstico de trombose, o dímero-D, virou um marcador de gravidade para pacientes com covid.

"Quando ele está alto, é um sinal de possível evolução para um quadro mais grave", diz o pneumologista do Fleury João Salge.

A coagulação desenfreada pode levar a um tromboembolismo venoso - o bloqueio de uma via sanguínea, que pode acabar causando AVC, embolia pulmonar ou a necrose de extremidades, levando à necessidade de amputação, o que também tem sido observado em pacientes com covid.

"Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada", diz o pneumologista Gustavo Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados.

Para ele, a ampla gama de possíveis sequelas deixadas pela covid-19 e a dimensão da população atingida deveriam transformar esse processo de recuperação em uma questão mais ampla, que envolvesse uma estratégia de saúde pública e assistência social e incluísse profissionais da saúde de diferentes frentes. PUBLICIDADE

12/08/2020 | G1 Bem Estar | g1.globo.com/bemestar | Geral

Coronavírus: A longa lista de possíveis sequelas da Covid-19

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/12/coronavirus-a-longa-lista-de-possiveis-sequelas-da-covid-19.ghtml>

Além dos pulmões, considerado 'marco zero' para o vírus, coração, rins, intestino, sistema vascular e até o cérebro podem ser afetados. Para especialistas, país deve começar a discutir a reabilitação dos recuperados.

Sete meses depois do surgimento da covid-19, mais de 18 milhões já foram infectados pelo novo coronavírus no mundo e cerca de 11 milhões de pacientes são considerados recuperados.

De um lado, a comunidade científica ainda busca uma vacina contra o Sars-CoV-2. De outro, médicos tentam entender quais consequências de médio e longo prazo o vírus pode trazer para aqueles que já entraram em contato com ele.

Uma série de estudos divulgados nos últimos meses e a observação clínica dos profissionais que estão na linha de frente indicam as possíveis sequelas que a doença pode deixar — ainda que não seja possível dizer se elas são temporárias ou perenes.

Já se sabe, por exemplo, que alguns sintomas podem persistir não apenas entre aqueles que tiveram casos mais graves da doença e que, além de danos nos pulmões, o Sars-CoV-2 pode afetar o coração, os rins, o intestino, o sistema vascular e até o cérebro.

Respiração comprometida após a alta

O pneumologista Gustavo Prado, do hospital Alemão Oswaldo Cruz, conta que tem recebido um volume expressivo de pacientes que tiveram quadros moderados de covid-19 e relatam, por exemplo, cansaço e falta de ar.

Um dos primeiros estudos sobre a função pulmonar de pacientes que haviam acabado de receber alta na China indicava, em abril, que a redução da capacidade pulmonar era uma das principais consequências observadas mesmo entre aqueles que não chegaram a ficar em estado crítico.

Publicado em abril no European Respiratory Journal, o trabalho ressaltava a ocorrência de fenômenos semelhantes em epidemias causadas por outros coronavírus, os da Sars e da Mers, em que as sequelas se estenderam por meses ou anos em alguns casos.

Mais recentemente, um estudo publicado no Journal of the American Medical Association (JAMA) verificou que, entre 143 pacientes avaliados na Itália, apenas 12,6% haviam sido internados em uma UTI, mas 87,4% relatavam persistência de pelo menos um sintoma, entre eles fadiga e falta de ar, mais de dois meses depois de terem alta.

"A gente tem visto mesmo uma latência para a recuperação plena dos pacientes que tiveram quadros moderados", afirma o pneumologista do Fleury João Salge.

Muitos desses pacientes, ele conta, retornam às atividades do dia a dia, mas relatam cansaço e veem sua produtividade e qualidade

de vida afetados.

A eles, o médico tem recomendado que façam exercícios físicos, respeitando as limitações do momento, e que tentem pouco a pouco desafiar o organismo para recuperar o condicionamento.

Mas ainda não se sabe por quanto tempo esses sintomas podem se estender.

Fibrose pulmonar

Nos casos mais graves, é possível que haja sequelas permanentes, como a fibrose pulmonar, uma doença crônica caracterizada pela formação de cicatrizes no tecido pulmonar.

"A cicatriz preenche o espaço, mas não tem a mesma elasticidade, as mesmas características do tecido original", explica Prado.

Assim, o pulmão expande menos, ou com maior dificuldade, com uma consequente perda de eficiência nas trocas gasosas. Com a redução da capacidade respiratória vem a falta de ar e o cansaço frequentes.

A fibrose pode ser causada pela inflamação intensa e generalizada que o organismo provoca para tentar expulsar o vírus do corpo. Nesse caso, ela é consequência do processo de reparação natural do tecido danificado.

Mas também pode ser resultado do próprio tratamento, quando o paciente é intubado, por exemplo.

"Apesar de necessária na síndrome respiratória grave, a ventilação não adequada pode impor estresse sobre tecidos pulmonares — por uma distensão exagerada, pela manutenção de pressões altas no enchimento do pulmões ou pela oferta de oxigênio exagerada", exemplifica Prado.

É a chamada lesão pulmonar induzida pela ventilação, ou VILI (acrônimo da expressão em inglês "ventilator-induced lung injury"), que pode evoluir para uma fibrose.

Síndrome pós-UTI

Longe de ser exclusividade da covid-19, esse tipo de lesão caracteriza diversas síndromes respiratórias mais graves.

A particularidade, nesse caso, é o fato de que o intervalo de internação dos pacientes infectados pelo novo coronavírus costuma ser maior, o que aumenta a probabilidade de ocorrência desse tipo de sequela.

"Eles ficam muito tempo intubados, traqueostomizados, em ECMO (sigla para "extracorporeal membrane oxygenation", ou oxigenação por membrana extracorporeal, que consiste no uso de uma máquina que realiza a função do coração e pulmões e bombeia o sangue)", diz a pneumologista e pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo.

O período prolongado no hospital também eleva as chances de outro problema que acomete aqueles afetados por infecções graves: a síndrome pós-UTI.

Os sintomas vão desde perda de força muscular, alterações da sensibilidade e da força motora por disfunção dos nervos até depressão, ansiedade, alterações cognitivas, prejuízo de memória e da capacidade de raciocínio.

Os casos graves de covid-19 são a minoria, cerca de 5% do total. Diante de uma pandemia de grandes proporções, entretanto, um percentual pequeno pode significar números absolutos elevados. Entre cerca de 11 milhões de recuperados, por exemplo, os 5% se tornam 550 mil.

Nesse sentido, Prado, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, chama atenção para o fato que parte desse grande contingente vai precisar de acompanhamento médico por algum tempo, seja no SUS ou na saúde privada.

"E boa parte dos pacientes ainda pertence à população economicamente ativa. A gente precisa desmistificar um pouco essa ideia de que é só o idoso com comorbidade", acrescenta.

'Marco zero'

Os pulmões são uma espécie de "marco zero" para o Sars-CoV-2. Uma vez que o vírus consegue atravessar nossa barreira imunológica e se instala no pulmão, ele segue fazendo estragos em outros órgãos.

Um artigo publicado em abril na revista Science destacava que um possível sinalizador das regiões mais vulneráveis do corpo seria aquelas ricas em receptores chamados ECA2 (enzima conversora da angiotensina 2).

Com a função de regular a pressão sanguínea, essas proteínas ficam na superfície da célula e são usadas como porta de entrada pelo vírus, que utiliza a estrutura celular para se reproduzir.

Além dos pulmões (mais especificamente os alvéolos pulmonares), o ECA2 também é encontrado em órgãos como o coração, o intestino e os rins — que têm sofrido lesões importantes em pacientes em estado mais grave.

"Por isso dizemos que a covid-19 é uma doença sistêmica, e não apenas respiratória", diz Dalcolmo, da Fiocruz.

Os cientistas ainda investigam se esses danos são causados diretamente pelo vírus ou por fatores indiretos ligados à doença.

Uma possibilidade, por exemplo, é que a "tempestade inflamatória" que o sistema imunológico gera para tentar combater o vírus, inundando o organismo de citocinas, acabe lesionando esses órgãos. Parte também pode ser uma consequência da própria infecção.

Rins e coração

Independentemente da causa, os cientistas procuram entender quais desses efeitos têm consequências de curto, médio ou longo prazo.

Um estudo recente — com resultados preocupantes — realizado na Alemanha apontou que, entre 100 pacientes recuperados, 78% apresentaram algum tipo de anomalia no coração mais de dois meses após a alta. Boa parte (67%) tivera uma forma branda da doença e sequer havia sido hospitalizada.

No caso dos rins, as evidências mostram uma incidência elevada de falência entre os casos mais graves de covid-19.

Um amplo estudo com dados de pacientes internados em Nova York entre 1 de março e 5 de abril revelou que, dentre 5.449, mais de um terço, 1.993, desenvolveram insuficiência renal aguda.

Cérebro

A ocorrência de uma série de sintomas neurológicos que vão de confusão mental e dificuldade cognitiva a delírio também tem sido documentada entre pacientes com covid-19.

No Brasil, uma força-tarefa do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (Inscer), vinculado à PUC-RS, investiga, entre outras frentes, quais sequelas podem ficar desses sintomas.

O neurologista Jaderson Costa da Costa, que coordena o grupo, conta que, entre os casos mais graves atendidos pela equipe no Hospital São Lucas, em Porto Alegre, têm sido observadas convulsões, casos de síndrome de Guillain-Barré (que ataca o sistema nervoso e causa fraqueza muscular) e de encefalite, a inflamação do parênquima do encéfalo.

Um estudo recente da University College London chamou atenção para um caso raro e grave de encefalite que tem acometido alguns pacientes com covid — a encefalomielite aguda disseminada.

Outra complicação neurológica que os médicos têm observado em pacientes com casos graves é a ocorrência de acidentes vasculares cerebrais (AVC).

Por alguma razão que os cientistas ainda desconhecem, o Sars-CoV-2 aumenta a tendência de coagulação do sangue.

Tanto que um fragmento de proteína usado no diagnóstico de trombose, o dímero-D, virou um marcador de gravidade para pacientes com covid.

"Quando ele está alto, é um sinal de possível evolução para um quadro mais grave", diz o pneumologista do Fleury João Salge.

A coagulação desenfreada pode levar a um tromboembolismo venoso — o bloqueio de uma via sanguínea, que pode acabar causando AVC, embolia pulmonar ou a necrose de extremidades, levando à necessidade de amputação, o que também tem sido observado em pacientes com covid.

"Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada", diz o pneumologista Gustavo Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados.

Para ele, a ampla gama de possíveis sequelas deixadas pela covid-19 e a dimensão da população atingida deveriam transformar esse processo de recuperação em uma questão mais ampla, que envolvesse uma estratégia de saúde pública e assistência social e incluísse profissionais da saúde de diferentes frentes.

12/08/2020 | Giro Marília | giromarilia.com.br | Geral

Covid-19: a longa lista de possíveis sequelas causadas pelo novo coronavírus

<https://www.giromarilia.com.br/noticia/saude/covid-19-a-longa-lista-de-possiveis-sequelas-causadas-pelo-novo-coronavirus/30064>

Lucy Nicholson/Reuters/BBC Além dos pulmões, doença pode afetar coração, rins, intestino, sistema vascular e até o cérebro

Sete meses depois do surgimento da Covid-19, mais de 20 milhões já foram infectados pelo novo coronavírus no mundo e cerca de 11 milhões de pacientes são considerados recuperados.

Leia também

Por que desenvolver uma vacina é tão complexo - e nem sempre factível

Plano para prevenir novas pandemias custaria 2% do gasto global com a Covid-19

Face shield protege mais do que máscaras de pano? Infectologista responde

De um lado, a comunidade científica ainda busca uma vacina contra o Sars-CoV-2. De outro, médicos tentam entender quais consequências de médio e longo prazo o vírus pode trazer para aqueles que já entraram em contato com ele.

Uma série de estudos divulgados nos últimos meses e a observação clínica dos profissionais que estão na linha de frente indicam as possíveis sequelas que a doença pode deixar - ainda que não seja possível dizer se elas são temporárias ou perenes.

Já se sabe, por exemplo, que alguns sintomas podem persistir não apenas entre aqueles que tiveram casos mais graves da doença e que, além de danos nos pulmões, o Sars-CoV-2 pode afetar o coração, os rins, o intestino, o sistema vascular e até o cérebro. Respiração comprometida após a alta

O pneumologista Gustavo Prado, do hospital Alemão Oswaldo Cruz, conta que tem recebido um volume expressivo de pacientes que tiveram quadros moderados de Covid-19 e relatam, por exemplo, cansaço e falta de ar.

Um dos primeiros estudos sobre a função pulmonar de pacientes que haviam acabado de receber alta na China indicava, em abril, que a redução da capacidade pulmonar era uma das principais consequências observadas mesmo entre aqueles que não chegaram a ficar em estado crítico.

Publicado em abril no *European Respiratory Journal*, o trabalho ressaltava a ocorrência de fenômenos semelhantes em epidemias causadas por outros coronavírus, os da Sars e da Mers, em que as sequelas se estenderam por meses ou anos em alguns casos.

Mais recentemente, um estudo publicado no *Journal of the American Medical Association (JAMA)* verificou que, entre 143 pacientes avaliados na Itália, apenas 12,6% haviam sido internados em uma UTI, mas 87,4% relatavam persistência de pelo menos um sintoma, entre eles fadiga e falta de ar, mais de dois meses depois de terem alta .

"A gente tem visto mesmo uma latência para a recuperação plena dos pacientes que tiveram quadros moderados", afirma o pneumologista do Fleury João Salge.

Muitos desses pacientes , ele conta, retornam às atividades do dia a dia, mas relatam cansaço e veem sua produtividade e qualidade de vida afetados.

A eles, o médico tem recomendado que façam exercícios físicos, respeitando as limitações do momento, e que tentem pouco a pouco desafiar o organismo para recuperar o condicionamento.

Mas ainda não se sabe por quanto tempo esses sintomas podem se estender. Bruno Kelly/Reuters 'Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada', diz Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados Fibrose pulmonar

Nos casos mais graves, é possível que haja sequelas permanentes, como a fibrose pulmonar , uma doença crônica caracterizada pela formação de cicatrizes no tecido pulmonar.

"A cicatriz preenche o espaço, mas não tem a mesma elasticidade, as mesmas características do tecido original", explica Prado.

Assim, o pulmão expande menos, ou com maior dificuldade, com uma consequente perda de eficiência nas trocas gasosas. Com a redução da capacidade respiratória vem a falta de ar e o cansaço frequentes.

A fibrose pode ser causada pela inflamação intensa e generalizada que o organismo provoca para tentar expulsar o vírus do corpo. Nesse caso, ela é consequência do processo de reparação natural do tecido danificado. Luiza Gonzalez/Reuters Sequelas pulmonares também podem ser resultado de procedimentos como a ventilação mecânica

Mas também pode ser resultado do próprio tratamento, quando o paciente é intubado, por exemplo.

"Apesar de necessária na síndrome respiratória grave, a ventilação não adequada pode impor estresse sobre tecidos pulmonares - por uma distensão exagerada, pela manutenção de pressões altas no enchimento do pulmões ou pela oferta de oxigênio exagerada", exemplifica Prado.

É a chamada lesão pulmonar induzida pela ventilação, ou VILI (acrônimo da expressão em inglês " ventilator-induced lung injury "), que pode evoluir para uma fibrose. Síndrome pós-UTI

Longe de ser exclusividade da Covid-19, esse tipo de lesão caracteriza diversas síndromes respiratórias mais graves.

A particularidade, nesse caso, é o fato de que o intervalo de internação dos pacientes infectados pelo novo coronavírus costuma ser maior, o que aumenta a probabilidade de ocorrência desse tipo de sequela.

"Eles ficam muito tempo intubados, traqueostomizados, em ECMO (sigla para " extracorporeal membrane oxygenation ", ou oxigenação por membrana extracorporeal, que consiste no uso de uma máquina que realiza a função do coração e pulmões e bombeia

o sangue)", diz a pneumologista e pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo.

O período prolongado no hospital também eleva as chances de outro problema que acomete aqueles afetados por infecções graves: a síndrome pós-UTI.

Os sintomas vão desde perda de força muscular, alterações da sensibilidade e da força motora por disfunção dos nervos até depressão, ansiedade, alterações cognitivas, prejuízo de memória e da capacidade de raciocínio.

Os casos graves de Covid-19 são a minoria, cerca de 5% do total. Diante de uma pandemia de grandes proporções, entretanto, um percentual pequeno pode significar números absolutos elevados. Entre cerca de 11 milhões de recuperados, por exemplo, os 5% se tornam 550 mil.

Nesse sentido, Prado, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, chama atenção para o fato que parte desse grande contingente vai precisar de acompanhamento médico por algum tempo, seja no SUS ou na saúde privada.

"E boa parte dos pacientes ainda pertence à população economicamente ativa. A gente precisa desmistificar um pouco essa ideia de que é só o idoso com comorbidade", acrescenta. 'Marco zero'

Os pulmões são uma espécie de "marco zero" para o Sars-CoV-2. Uma vez que o vírus consegue atravessar nossa barreira imunológica e se instala no pulmão, ele segue fazendo estragos em outros órgãos. BBC

Um artigo publicado em abril na revista Science destacava que um possível sinalizador das regiões mais vulneráveis do corpo seria aquelas ricas em receptores chamados ECA2 (enzima conversora da angiotensina 2).

Com a função de regular a pressão sanguínea, essas proteínas ficam na superfície da célula e são usadas como porta de entrada pelo vírus, que utiliza a estrutura celular para se reproduzir.

Além dos pulmões (mais especificamente os alvéolos pulmonares), o ECA2 também é encontrado em órgãos como o coração, o intestino e os rins - que têm sofrido lesões importantes em pacientes em estado mais grave.

"Por isso dizemos que a Covid-19 é uma doença sistêmica, e não apenas respiratória", diz Dalcolmo, da Fiocruz.

Os cientistas ainda investigam se esses danos são causados diretamente pelo vírus ou por fatores indiretos ligados à doença.

Uma possibilidade, por exemplo, é que a "tempestade inflamatória" que o sistema imunológico gera para tentar combater o vírus, inundando o organismo de citocinas, acabe lesionando esses órgãos. Parte também pode ser uma consequência da própria infecção. Rins e coração

Independentemente da causa, os cientistas procuram entender quais desses efeitos têm consequências de curto, médio ou longo prazo.

Um estudo recente - com resultados preocupantes - realizado na Alemanha apontou que, entre 100 pacientes recuperados, 78% apresentaram algum tipo de anomalia no coração mais de dois meses após a alta. Boa parte (67%) tivera uma forma branda da doença e sequer havia sido hospitalizada.

No caso dos rins, as evidências mostram uma incidência elevada de falência entre os casos mais graves de Covid-19.

Um amplo estudo com dados de pacientes internados em Nova York entre 1 de março e 5 de abril revelou que, dentre 5.449, mais de um terço, 1.993, desenvolveram insuficiência renal aguda. Cérebro

A ocorrência de uma série de sintomas neurológicos que vão de confusão mental e dificuldade cognitiva a delírio também tem sido documentada entre pacientes com Covid-19.

No Brasil, uma força-tarefa do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (Inscer), vinculado à PUC-RS, investiga, entre outras frentes, quais sequelas podem ficar desses sintomas.

O neurologista Jaderson Costa da Costa, que coordena o grupo, conta que, entre os casos mais graves atendidos pela equipe no Hospital São Lucas, em Porto Alegre, têm sido observadas convulsões, casos de síndrome de Guillain-Barré (que ataca o sistema nervoso e causa fraqueza muscular) e de encefalite, a inflamação do parênquima do encéfalo.

Um estudo recente da University College London chamou atenção para um caso raro e grave de encefalite que tem acometido alguns pacientes com covid - a encefalomielite aguda disseminada. Sistema vascular

Outra complicação neurológica que os médicos têm observado em pacientes com casos graves é a ocorrência de acidentes vasculares cerebrais (AVC).

Por alguma razão que os cientistas ainda desconhecem, o Sars-CoV-2 aumenta a tendência de coagulação do sangue.

Tanto que um fragmento de proteína usado no diagnóstico de trombose, o dímero-D, virou um marcador de gravidade para pacientes com covid.

"Quando ele está alto, é um sinal de possível evolução para um quadro mais grave", diz o pneumologista do Fleury João Salge.

A coagulação desenfreada pode levar a um tromboembolismo venoso - o bloqueio de uma via sanguínea, que pode acabar causando AVC, embolia pulmonar ou a necrose de extremidades, levando à necessidade de amputação, o que também tem sido observado em pacientes com covid.

"Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada", diz o pneumologista Gustavo Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados.

Para ele, a ampla gama de possíveis sequelas deixadas pela Covid-19 e a dimensão da população atingida deveriam transformar esse processo de recuperação em uma questão mais ampla, que envolvesse uma estratégia de saúde pública e assistência social e incluísse profissionais da saúde de diferentes frentes.

Fonte: IG SAÚDE

12/08/2020 | Governo do Rio Grande do Sul | estado.rs.gov.br | Geral

Reforma Tributária é debatida em especialização do IET/PUCRS

<https://estado.rs.gov.br/reforma-tributaria-e-debatida-em-especializacao-do-iet-pucrs>

A proposta de Reforma Tributária do Estado foi tema de um evento da especialização em Direito Tributário, promovida pelo Instituto de Estudos Tributários (IET) e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) na terça-feira (11/8). A 9ª edição da série Debates Extraordinários, coordenada pelo presidente do IET/PUCRS, Pedro Adamy, e pelo segundo vice-presidente, Arthur Ferreira Neto, contou com a participação do subsecretário da Receita Estadual, Ricardo Neves Pereira, e do deputado estadual Giuseppe Riesgo, relator do projeto da Reforma Tributária na Assembleia Legislativa.

Ao longo do encontro, os participantes debateram e analisaram os principais aspectos técnicos da proposta. Adamy e Ferreira abriram o evento valorizando a importância do tema e do debate promovido.

Neves salientou que a Reforma traz uma série de melhorias no sistema tributário, atendendo a demandas históricas dos setores, que proporcionarão simplificação e competitividade para o Estado. "Estamos há um ano e meio construindo esse projeto, a partir de discussões e do diálogo com a sociedade, incorporando inclusive diversas sugestões de melhoria", destacou o subsecretário.

Riesgo, por sua vez, ressaltou também a necessidade de evoluir o sistema tributário em nível federal, como no caso da tributação de

veículos automotores, apresentando exemplos de critérios utilizados em outros países.

Após quase um mês de debate com a sociedade, o governo do Estado entregou à Assembleia Legislativa, na última segunda-feira (10/8), os três projetos de lei que reúnem as medidas da proposta da Reforma Tributária RS. O período também tem sido marcado por inúmeros eventos para explicar os projetos, com sugestões sendo recolhidas de entidades de classe e empresariais.

Para conferir a gravação do evento do IET/PUCRS, clique aqui.

Texto: Ascom Fazenda/Receita Estadual

Edição: Secom

12/08/2020 | Grupo Rio Claro SP | gruporioclarosp.com.br | Geral

Covid-19: a longa lista de possíveis sequelas causadas pelo novo coronavírus

<https://www.gruporioclarosp.com.br/2020/08/12/covid-19-a-longa-lista-de-possiveis-sequelas-causadas-pelo-novo-coronavirus/>

Lucy Nicholson/Reuters/BBC

Além dos pulmões, doença pode afetar coração, rins, intestino, sistema vascular e até o cérebro

Sete meses depois do surgimento da Covid-19, mais de 20 milhões já foram infectados pelo novo coronavírus no mundo e cerca de 11 milhões de pacientes são considerados recuperados. Leia também

Por que desenvolver uma vacina é tão complexo - e nem sempre factível

Plano para prevenir novas pandemias custaria 2% do gasto global com a Covid-19

Face shield protege mais do que máscaras de pano? Infectologista responde

De um lado, a comunidade científica ainda busca uma vacina contra o Sars-CoV-2. De outro, médicos tentam entender quais consequências de médio e longo prazo o vírus pode trazer para aqueles que já entraram em contato com ele.

Uma série de estudos divulgados nos últimos meses e a observação clínica dos profissionais que estão na linha de frente indicam as possíveis sequelas que a doença pode deixar - ainda que não seja possível dizer se elas são temporárias ou perenes.

Já se sabe, por exemplo, que alguns sintomas podem persistir não apenas entre aqueles que tiveram casos mais graves da doença e que, além de danos nos pulmões, o Sars-CoV-2 pode afetar o coração, os rins, o intestino, o sistema vascular e até o cérebro. Respiração comprometida após a alta

O pneumologista Gustavo Prado, do hospital Alemão Oswaldo Cruz, conta que tem recebido um volume expressivo de pacientes que tiveram quadros moderados de Covid-19 e relatam, por exemplo, cansaço e falta de ar.

Um dos primeiros estudos sobre a função pulmonar de pacientes que haviam acabado de receber alta na China indicava, em abril, que a redução da capacidade pulmonar era uma das principais consequências observadas mesmo entre aqueles que não chegaram a ficar em estado crítico.

Publicado em abril no European Respiratory Journal, o trabalho ressaltava a ocorrência de fenômenos semelhantes em epidemias causadas por outros coronavírus, os da Sars e da Mers, em que as sequelas se estenderam por meses ou anos em alguns casos.

Mais recentemente, um estudo publicado no Journal of the American Medical Association (JAMA) verificou que, entre 143 pacientes avaliados na Itália, apenas 12,6% haviam sido internados em uma UTI, mas 87,4% relatavam persistência de pelo menos um sintoma, entre eles fadiga e falta de ar, mais de dois meses depois de terem alta.

"A gente tem visto mesmo uma latência para a recuperação plena dos pacientes que tiveram quadros moderados", afirma o pneumologista do Fleury João Salge.

Muitos desses pacientes, ele conta, retornam às atividades do dia a dia, mas relatam cansaço e veem sua produtividade e qualidade de vida afetados.

A eles, o médico tem recomendado que façam exercícios físicos, respeitando as limitações do momento, e que tentem pouco a pouco desafiar o organismo para recuperar o condicionamento.

Mas ainda não se sabe por quanto tempo esses sintomas podem se estender.

Bruno Kelly/Reuters 'Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada', diz Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados Fibrose pulmonar

Nos casos mais graves, é possível que haja sequelas permanentes, como a fibrose pulmonar, uma doença crônica caracterizada pela formação de cicatrizes no tecido pulmonar.

"A cicatriz preenche o espaço, mas não tem a mesma elasticidade, as mesmas características do tecido original", explica Prado.

Assim, o pulmão expande menos, ou com maior dificuldade, com uma consequente perda de eficiência nas trocas gasosas. Com a redução da capacidade respiratória vem a falta de ar e o cansaço frequentes.

A fibrose pode ser causada pela inflamação intensa e generalizada que o organismo provoca para tentar expulsar o vírus do corpo. Nesse caso, ela é consequência do processo de reparação natural do tecido danificado.

Luiza Gonzalez/Reuters Sequelas pulmonares também podem ser resultado de procedimentos como a ventilação mecânica

Mas também pode ser resultado do próprio tratamento, quando o paciente é intubado, por exemplo.

"Apesar de necessária na síndrome respiratória grave, a ventilação não adequada pode impor estresse sobre tecidos pulmonares - por uma distensão exagerada, pela manutenção de pressões altas no enchimento do pulmões ou pela oferta de oxigênio exagerada", exemplifica Prado.

É a chamada lesão pulmonar induzida pela ventilação, ou VILI (acrônimo da expressão em inglês "ventilator-induced lung injury"), que pode evoluir para uma fibrose. Síndrome pós-UTI

Longe de ser exclusividade da Covid-19, esse tipo de lesão caracteriza diversas síndromes respiratórias mais graves.

A particularidade, nesse caso, é o fato de que o intervalo de internação dos pacientes infectados pelo novo coronavírus costuma ser maior, o que aumenta a probabilidade de ocorrência desse tipo de sequela.

"Eles ficam muito tempo intubados, traqueostomizados, em ECMO (sigla para "extracorporeal membrane oxygenation", ou oxigenação por membrana extracorporeal, que consiste no uso de uma máquina que realiza a função do coração e pulmões e bombeia o sangue)", diz a pneumologista e pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo.

O período prolongado no hospital também eleva as chances de outro problema que acomete aqueles afetados por infecções graves: a síndrome pós-UTI.

Os sintomas vão desde perda de força muscular, alterações da sensibilidade e da força motora por disfunção dos nervos até depressão, ansiedade, alterações cognitivas, prejuízo de memória e da capacidade de raciocínio.

Os casos graves de Covid-19 são a minoria, cerca de 5% do total. Diante de uma pandemia de grandes proporções, entretanto, um

percentual pequeno pode significar números absolutos elevados. Entre cerca de 11 milhões de recuperados, por exemplo, os 5% se tornam 550 mil.

Nesse sentido, Prado, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, chama atenção para o fato que parte desse grande contingente vai precisar de acompanhamento médico por algum tempo, seja no SUS ou na saúde privada.

"E boa parte dos pacientes ainda pertence à população economicamente ativa. A gente precisa desmistificar um pouco essa ideia de que é só o idoso com comorbidade", acrescenta. 'Marco zero'

Os pulmões são uma espécie de "marco zero" para o Sars-CoV-2. Uma vez que o vírus consegue atravessar nossa barreira imunológica e se instala no pulmão, ele segue fazendo estragos em outros órgãos.

BBC

Um artigo publicado em abril na revista Science destacava que um possível sinalizador das regiões mais vulneráveis do corpo seria aquelas ricas em receptores chamados ECA2 (enzima conversora da angiotensina 2).

Com a função de regular a pressão sanguínea, essas proteínas ficam na superfície da célula e são usadas como porta de entrada pelo vírus, que utiliza a estrutura celular para se reproduzir.

Além dos pulmões (mais especificamente os alvéolos pulmonares), o ECA2 também é encontrado em órgãos como o coração, o intestino e os rins - que têm sofrido lesões importantes em pacientes em estado mais grave.

"Por isso dizemos que a Covid-19 é uma doença sistêmica, e não apenas respiratória", diz Dalcolmo, da Fiocruz.

Os cientistas ainda investigam se esses danos são causados diretamente pelo vírus ou por fatores indiretos ligados à doença.

Uma possibilidade, por exemplo, é que a "tempestade inflamatória" que o sistema imunológico gera para tentar combater o vírus, inundando o organismo de citocinas, acabe lesionando esses órgãos. Parte também pode ser uma consequência da própria infecção. Rins e coração

Independentemente da causa, os cientistas procuram entender quais desses efeitos têm consequências de curto, médio ou longo prazo.

Um estudo recente - com resultados preocupantes - realizado na Alemanha apontou que, entre 100 pacientes recuperados, 78% apresentaram algum tipo de anomalia no coração mais de dois meses após a alta. Boa parte (67%) tivera uma forma branda da doença e sequer havia sido hospitalizada.

No caso dos rins, as evidências mostram uma incidência elevada de falência entre os casos mais graves de Covid-19.

Um amplo estudo com dados de pacientes internados em Nova York entre 1 de março e 5 de abril revelou que, dentre 5.449, mais de um terço, 1.993, desenvolveram insuficiência renal aguda. Cérebro

A ocorrência de uma série de sintomas neurológicos que vão de confusão mental e dificuldade cognitiva a delírio também tem sido documentada entre pacientes com Covid-19.

No Brasil, uma força-tarefa do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (Inscer), vinculado à PUC-RS, investiga, entre outras frentes, quais sequelas podem ficar desses sintomas.

O neurologista Jaderson Costa da Costa, que coordena o grupo, conta que, entre os casos mais graves atendidos pela equipe no Hospital São Lucas, em Porto Alegre, têm sido observadas convulsões, casos de síndrome de Guillain-Barré (que ataca o sistema nervoso e causa fraqueza muscular) e de encefalite, a inflamação do parênquima do encéfalo.

Um estudo recente da University College London chamou atenção para um caso raro e grave de encefalite que tem acometido alguns pacientes com covid - a encefalomielite aguda disseminada. Sistema vascular

Outra complicação neurológica que os médicos têm observado em pacientes com casos graves é a ocorrência de acidentes vasculares cerebrais (AVC).

Por alguma razão que os cientistas ainda desconhecem, o Sars-CoV-2 aumenta a tendência de coagulação do sangue.

Tanto que um fragmento de proteína usado no diagnóstico de trombose, o dímero-D, virou um marcador de gravidade para pacientes com covid.

"Quando ele está alto, é um sinal de possível evolução para um quadro mais grave", diz o pneumologista do Fleury João Salge.

A coagulação desenfreada pode levar a um tromboembolismo venoso - o bloqueio de uma via sanguínea, que pode acabar causando AVC, embolia pulmonar ou a necrose de extremidades, levando à necessidade de amputação, o que também tem sido observado em pacientes com covid.

"Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada", diz o pneumologista Gustavo Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados.

Para ele, a ampla gama de possíveis sequelas deixadas pela Covid-19 e a dimensão da população atingida deveriam transformar esse processo de recuperação em uma questão mais ampla, que envolvesse uma estratégia de saúde pública e assistência social e incluísse profissionais da saúde de diferentes frentes.

Fonte: IG SAÚDE

12/08/2020 | Jornal do Comércio | jornaldocomercio.com | Geral

Empreendedorismo constrói mito de que fracasso é fruto da preguiça, diz Leandro Karnal

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/ge2/noticias/2020/08/751917-empreendedorismo-construi-mito-de-que-fracasso-e-fruto-da-preguica-diz-leandro-karnal.html

Segundo o pesquisador, nem todo pobre é alguém acomodado

Empreendedorismo constrói mito de que fracasso é fruto da preguiça, diz Leandro Karnal Mauro Belo Schneider
12 ago 2020

Segundo o pesquisador, nem todo pobre é alguém acomodado A pandemia do coronavírus impossibilitou muitos empreendedores e empreendedoras de trabalharem da forma como conheciam antes do surto da doença - seja porque o comércio permaneceu fechado, seja pelo distanciamento social. Isso fez com que o ato de empreender fosse, também, repensado. O historiador Leandro Karnal, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs) e comentarista da CNN, tem uma visão interessante sobre o tema. "Nem todos devem abrir seu negócio. E empreendedores não são, necessariamente, felizes", considera ele, em entrevista exclusiva ao GeraçãoE.

Ops! Este conteúdo é exclusivo para assinantes... SE VOCÊ JÁ É ASSINANTE:

Faça seu login e tenha acesso completo ao conteúdo do GE.

Fazer login agora

Em caso de dúvidas,
ligue (51) 3213.1313 ou

envie um e-mail.

AINDA NÃO É ASSINANTE?

Assine o Jornal do Comércio e acesse todos os conteúdos.

CLIQUE AQUI E CONHEÇA NOSSOS PLANOS

A pandemia do coronavírus impossibilitou muitos empreendedores e empreendedoras de trabalharem da forma como conheciam antes do surto da doença - seja porque o comércio permaneceu fechado, seja pelo distanciamento social. Isso fez com que o ato de empreender fosse, também, repensado. O historiador Leandro Karnal, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs) e comentarista da CNN, tem uma visão interessante sobre o tema. "Nem todos devem abrir seu negócio. E empreendedores não são, necessariamente, felizes", considera ele, em entrevista exclusiva ao GeraçãoE.

Na conversa a seguir, ele também critica formatos ultrapassados adotados pelas empresas. As reuniões, conforme Karnal, "raramente são produtivas". Além disso, afirma que a ideia de pensar fora da caixa é apenas mais uma fórmula que impede a criatividade.

Entre 24 e 27 de agosto, Leandro Karnal e Luiza Helena Trajano, do Magazine Luiza, darão um curso on-line gratuito na Pucrs. As inscrições podem ser feitas por pessoas de todo o Brasil e devem ser realizadas no link <https://mkt.pucrs.br/cursogratico> até o dia 23 de agosto.

GeraçãoE - O que você pensa sobre empreendedorismo?

Leandro Karnal - Entendido como iniciativa pessoal de desafio, independência do Estado e capacidade de criar e de inovar, acho uma das grandes forças de uma sociedade. O mundo cresce quando inventamos um novo produto, um serviço inovador ou uma ideia de produção mais rápida, mais eficaz e, acima de tudo, mais sustentável.

GE - Você diz que o empreendedorismo coloca a responsabilidade do fracasso sobre as pessoas. Pode falar mais sobre isso?

Karnal - O empreendedorismo é ótimo. Mas ele pode esconder coisas complicadas. Uma delas é fazer crer que todos possuem as mesmas oportunidades e que a meritocracia (um valor claro) seja absoluta e universal. Visto assim, o empreendedorismo constrói o mito de que o fracasso é sempre fruto da preguiça. Algumas vezes, não sempre, o fracasso é uma construção social. O capitalismo patrimonial (o dinheiro herdado vai gerando sozinho dinheiro sem desafios) atrapalha a ideia de empreendedorismo. Nem todo milionário é um genial criador, pode ser apenas um idiota que herdou muito e ainda não conseguiu estragar a herança. Nem todo pobre é alguém acomodado.

GE - O que é a teologia do empreendedorismo?

Karnal - É a crença mágica de que empreendedorismo salva tudo. Quando o desafio de empreender vira mantra e autoajuda, surge a teologia do empreendedorismo. Em primeiro lugar, nem todas as pessoas são empreendedoras. Há gente perfeitamente feliz na repetição. Nem todo mundo tem condições de empreender. Nem todos devem abrir seu negócio. E empreendedores não são, necessariamente, felizes. A biografia de Steve Jobs mostra um homem extraordinariamente inteligente, criador ao extremo, insatisfeito e com um problema frequente no quesito de lidar com seres humanos e amar. Comparativamente, a pessoa assalariada que tem um salário suficiente para viver pode ser bem mais feliz do que Steve Jobs. Empreender não é acreditar em um sistema mágico que, acessado, garante a felicidade. Aliás, bons empreendedores não acreditam em sistemas fechados e prontos. Empreendedores odeiam coisas prontas.

GE - Quais os efeitos da busca constante pelo sucesso na sociedade?

Karnal - O sucesso é algo bom. Você atinge seus objetivos, cresce, recebe recompensas pessoais e financeiras. O sucesso não é um problema. Porém, visto como algo em si e que serve para atacar outras pessoas ou danificar o ambiente, o sucesso é um vício. Aliás, fracasso também vicia.

GE - O que acha dessas fórmulas de sair da caixa para ser criativo?

Karnal - Se for fórmula não serve, pois deixará a criatividade. Gente criativa não segue fórmula. Sair da minha caixa e entrar na caixa dada pelo palestrante ou pela empresa é só trocar para a caixa mais conveniente a quem está propondo.

GE - Por que você compara as reuniões das empresas com ritos litúrgicos?

Karnal - Reuniões raramente são produtivas. São exercícios simbólicos de poder. Decidem pouco. O que deve ser decidido já foi nos bastidores. Funcionam como celebrações litúrgicas, como uma missa. Tem Glória e Ato Penitencial. Louvamos pessoas (chefes) e falamos dos pecados coletivos e individuais. Reuniões ocupam o espaço vazio para que as horas de trabalho sejam preenchidas. Os ritos não são inúteis, apenas são ritos e não reuniões. Funcionam como símbolo do poder e não como exercício administrativo ou de aperfeiçoamento de resultados.

GE - As empresas exigem funcionários felizes e empolgados. Isso é possível?

Karnal - Sempre é possível ser feliz e empolgado. Muitos projetos nas empresas são empolgantes. Apenas devemos distinguir que empresas demandam felicidade porque isto aumenta a produtividade da equipe e diminui a ansiedade salarial. Gente feliz demanda menos dinheiro e fica até mais tarde. Por isso, devemos distinguir entre uma genuína felicidade coletiva por um projeto envolvente e uma sedução de uma cenoura à frente da manada para fazer avançar. Felicidade é fundamental, mas deveria ser fundamental para todos os envolvidos, inclusive os colaboradores.

12/08/2020 | **Jornal do Comércio** | jornaldocomercio.com | Geral

DBServer muda estrutura societária para potencializar inovação e projetos globais

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/mercado_digital/2020/08/752031-dbserver-muda-estrutura-societaria-para-potencializar-inovacao-e-projetos-globais.html

E se o mundo está em transformação, não dá mesmo para ficar parado. Depois de 27 anos de atuação no mercado, a DBServer, considerada uma das empresas mais inovadoras da Região Sul, tem mudanças importantes na sua estrutura societária. As novidades, que foram apresentadas aos colaboradores em uma LIVE, deverão impactar diretamente a operação, aumentando a fluidez e potencializando a área de inovação e os projetos de internacionalização.

Mário Bastos, um dos três fundadores, deixa a sociedade para se dedicar a novos projetos pessoais e profissionais fora do país, como o de construir uma representação da DB em Portugal, onde passará a residir. Eduardo Peres será o head da operação de Porto Alegre e Verner Heidrich liderará a operação em São Paulo - ambos são fundadores e permanecem como sócios. "Entendemos que os novos tempos exigem ação e transformação. Pensando assim é que nos tornamos uma das empresas mais inovadoras da região e assim seguiremos adiante em nossa jornada", comenta Peres.

A DBServer é uma das mais tradicionais empresas de tecnologia do Rio Grande do Sul. Está instalada no Tecnopuc, onde ocupa uma das maiores áreas do parque tecnológico da Pucrs, com 2 mil m², e tem cerca de 550 profissionais - em São Paulo, são mais 50 colaboradores no time.

A empresa atua na transformação digital de seus clientes, com foco no design, construção e sustentação de produtos digitais, como softwares e soluções mobile. Entre os clientes estão players como Sicredi, Carrefour, Grupo O Boticário, Lojas Renner e Cia. Zaffari. "O nosso foco ajudar as empresas e identificarem o seu real problema e apoiá-las nessa jornada, sempre inspirados pelas novas tecnologias", destaca o gestor. Para isso, as equipes de desenvolvimento da DBServer interagem diretamente com outras competências da empresa, como o DBLab - o Laboratório de Inovação e com especialistas em Inteligência Artificial (IA), Data Science, Realidade Estendida, IoT e Arquitetura e Mobilidade.

Peres explica que a ida de Bastos para Portugal, e o início dessa nova relação, agora como parceiros, traz benefícios para os projetos

de internacionalização da DBServer, que já atua em mercados fora do Brasil desde 1998 com clientes nos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Portugal, Reino Unido e Holanda.

São cerca de 70 profissionais dedicados direta e indiretamente aos projetos internacionais, que são realizados de forma híbrida - 2/3 sempre executados pelo time da DBServer no Brasil. Essa maior conexão com o mercado internacional também vai permitir novas experiências profissionais para o time da companhia, como a de participar de projetos in loco, em outros países.

"Com essa mudança, teremos um foco maior no mercado local e uma estrutura mais fluida dentro da DBServer, que nos permitirá aproveitar ainda mais as oportunidades do mercado, inclusive os de internacionalização", destaca Peres.

12/08/2020 | Lapada Lapada | lapadalapada.com.br | Geral

Covid-19: a longa lista de possíveis sequelas causadas pelo novo coronavírus

<https://lapadalapada.com.br/2020/08/12/covid-19-a-longa-lista-de-possiveis-sequelas-causadas-pelo-novo-coronavirus.html>

Visualizações 0

Lucy Nicholson/Reuters/BBC

Além dos pulmões, doença pode afetar coração, rins, intestino, sistema vascular e até o cérebro

Sete meses depois do surgimento da Covid-19, mais de 20 milhões já foram infectados pelo novo coronavírus no mundo e cerca de 11 milhões de pacientes são considerados recuperados. Leia também

Por que desenvolver uma vacina é tão complexo - e nem sempre factível

Plano para prevenir novas pandemias custaria 2% do gasto global com a Covid-19

Face shield protege mais do que máscaras de pano? Infectologista responde

De um lado, a comunidade científica ainda busca uma vacina contra o Sars-CoV-2. De outro, médicos tentam entender quais consequências de médio e longo prazo o vírus pode trazer para aqueles que já entraram em contato com ele.

Uma série de estudos divulgados nos últimos meses e a observação clínica dos profissionais que estão na linha de frente indicam as possíveis sequelas que a doença pode deixar - ainda que não seja possível dizer se elas são temporárias ou perenes.

Já se sabe, por exemplo, que alguns sintomas podem persistir não apenas entre aqueles que tiveram casos mais graves da doença e que, além de danos nos pulmões, o Sars-CoV-2 pode afetar o coração, os rins, o intestino, o sistema vascular e até o cérebro. Respiração comprometida após a alta

O pneumologista Gustavo Prado, do hospital Alemão Oswaldo Cruz, conta que tem recebido um volume expressivo de pacientes que tiveram quadros moderados de Covid-19 e relatam, por exemplo, cansaço e falta de ar.

Um dos primeiros estudos sobre a função pulmonar de pacientes que haviam acabado de receber alta na China indicava, em abril, que a redução da capacidade pulmonar era uma das principais consequências observadas mesmo entre aqueles que não chegaram a ficar em estado crítico.

Publicado em abril no European Respiratory Journal, o trabalho ressaltava a ocorrência de fenômenos semelhantes em epidemias causadas por outros coronavírus, os da Sars e da Mers, em que as sequelas se estenderam por meses ou anos em alguns casos.

Mais recentemente, um estudo publicado no Journal of the American Medical Association (JAMA) verificou que, entre 143 pacientes avaliados na Itália, apenas 12,6% haviam sido internados em uma UTI, mas 87,4% relatavam persistência de pelo menos

um sintoma, entre eles fadiga e falta de ar, mais de dois meses depois de terem alta .

"A gente tem visto mesmo uma latência para a recuperação plena dos pacientes que tiveram quadros moderados", afirma o pneumologista do Fleury João Salge.

Muitos desses pacientes , ele conta, retornam às atividades do dia a dia, mas relatam cansaço e veem sua produtividade e qualidade de vida afetados.

A eles, o médico tem recomendado que façam exercícios físicos, respeitando as limitações do momento, e que tentem pouco a pouco desafiar o organismo para recuperar o condicionamento.

Mas ainda não se sabe por quanto tempo esses sintomas podem se estender.

Bruno Kelly/Reuters 'Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada', diz Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados Fibrose pulmonar

Nos casos mais graves, é possível que haja sequelas permanentes, como a fibrose pulmonar , uma doença crônica caracterizada pela formação de cicatrizes no tecido pulmonar.

"A cicatriz preenche o espaço, mas não tem a mesma elasticidade, as mesmas características do tecido original", explica Prado.

Assim, o pulmão expande menos, ou com maior dificuldade, com uma consequente perda de eficiência nas trocas gasosas. Com a redução da capacidade respiratória vem a falta de ar e o cansaço frequentes.

A fibrose pode ser causada pela inflamação intensa e generalizada que o organismo provoca para tentar expulsar o vírus do corpo. Nesse caso, ela é consequência do processo de reparação natural do tecido danificado.

Luiza Gonzalez/Reuters Sequelas pulmonares também podem ser resultado de procedimentos como a ventilação mecânica

Mas também pode ser resultado do próprio tratamento, quando o paciente é intubado, por exemplo.

"Apesar de necessária na síndrome respiratória grave, a ventilação não adequada pode impor estresse sobre tecidos pulmonares - por uma distensão exagerada, pela manutenção de pressões altas no enchimento do pulmões ou pela oferta de oxigênio exagerada", exemplifica Prado.

É a chamada lesão pulmonar induzida pela ventilação, ou VILI (acrônimo da expressão em inglês " ventilator-induced lung injury "), que pode evoluir para uma fibrose. Síndrome pós-UTI

Longe de ser exclusividade da Covid-19, esse tipo de lesão caracteriza diversas síndromes respiratórias mais graves.

A particularidade, nesse caso, é o fato de que o intervalo de internação dos pacientes infectados pelo novo coronavírus costuma ser maior, o que aumenta a probabilidade de ocorrência desse tipo de sequela.

"Eles ficam muito tempo intubados, traqueostomizados, em ECMO (sigla para " extracorporeal membrane oxygenation ", ou oxigenação por membrana extracorporeal, que consiste no uso de uma máquina que realiza a função do coração e pulmões e bombeia o sangue)", diz a pneumologista e pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo.

O período prolongado no hospital também eleva as chances de outro problema que acomete aqueles afetados por infecções graves: a síndrome pós-UTI.

Os sintomas vão desde perda de força muscular, alterações da sensibilidade e da força motora por disfunção dos nervos até depressão, ansiedade, alterações cognitivas, prejuízo de memória e da capacidade de raciocínio.

Os casos graves de Covid-19 são a minoria, cerca de 5% do total. Diante de uma pandemia de grandes proporções, entretanto, um percentual pequeno pode significar números absolutos elevados. Entre cerca de 11 milhões de recuperados, por exemplo, os 5% se tornam 550 mil.

Nesse sentido, Prado, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, chama atenção para o fato que parte desse grande contingente vai precisar de acompanhamento médico por algum tempo, seja no SUS ou na saúde privada.

"E boa parte dos pacientes ainda pertence à população economicamente ativa. A gente precisa desmistificar um pouco essa ideia de que é só o idoso com comorbidade", acrescenta. 'Marco zero'

Os pulmões são uma espécie de "marco zero" para o Sars-CoV-2. Uma vez que o vírus consegue atravessar nossa barreira imunológica e se instala no pulmão, ele segue fazendo estragos em outros órgãos.

BBC

Um artigo publicado em abril na revista Science destacava que um possível sinalizador das regiões mais vulneráveis do corpo seria aquelas ricas em receptores chamados ECA2 (enzima conversora da angiotensina 2).

Com a função de regular a pressão sanguínea, essas proteínas ficam na superfície da célula e são usadas como porta de entrada pelo vírus, que utiliza a estrutura celular para se reproduzir.

Além dos pulmões (mais especificamente os alvéolos pulmonares), o ECA2 também é encontrado em órgãos como o coração, o intestino e os rins - que têm sofrido lesões importantes em pacientes em estado mais grave.

"Por isso dizemos que a Covid-19 é uma doença sistêmica, e não apenas respiratória", diz Dalcolmo, da Fiocruz.

Os cientistas ainda investigam se esses danos são causados diretamente pelo vírus ou por fatores indiretos ligados à doença.

Uma possibilidade, por exemplo, é que a "tempestade inflamatória" que o sistema imunológico gera para tentar combater o vírus, inundando o organismo de citocinas, acabe lesionando esses órgãos. Parte também pode ser uma consequência da própria infecção. Rins e coração

Independentemente da causa, os cientistas procuram entender quais desses efeitos têm consequências de curto, médio ou longo prazo.

Um estudo recente - com resultados preocupantes - realizado na Alemanha apontou que, entre 100 pacientes recuperados, 78% apresentaram algum tipo de anomalia no coração mais de dois meses após a alta. Boa parte (67%) tivera uma forma branda da doença e sequer havia sido hospitalizada.

No caso dos rins, as evidências mostram uma incidência elevada de falência entre os casos mais graves de Covid-19.

Um amplo estudo com dados de pacientes internados em Nova York entre 1 de março e 5 de abril revelou que, dentre 5.449, mais de um terço, 1.993, desenvolveram insuficiência renal aguda. Cérebro

A ocorrência de uma série de sintomas neurológicos que vão de confusão mental e dificuldade cognitiva a delírio também tem sido documentada entre pacientes com Covid-19.

No Brasil, uma força-tarefa do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (Inscer), vinculado à PUC-RS, investiga, entre outras frentes, quais sequelas podem ficar desses sintomas.

O neurologista Jaderson Costa da Costa, que coordena o grupo, conta que, entre os casos mais graves atendidos pela equipe no Hospital São Lucas, em Porto Alegre, têm sido observadas convulsões, casos de síndrome de Guillain-Barré (que ataca o sistema nervoso e causa fraqueza muscular) e de encefalite, a inflamação do parênquima do encéfalo.

Um estudo recente da University College London chamou atenção para um caso raro e grave de encefalite que tem acometido alguns pacientes com covid - a encefalomielite aguda disseminada. Sistema vascular

Outra complicação neurológica que os médicos têm observado em pacientes com casos graves é a ocorrência de acidentes vasculares cerebrais (AVC).

Por alguma razão que os cientistas ainda desconhecem, o Sars-CoV-2 aumenta a tendência de coagulação do sangue.

Tanto que um fragmento de proteína usado no diagnóstico de trombose, o dímero-D, virou um marcador de gravidade para pacientes com covid.

"Quando ele está alto, é um sinal de possível evolução para um quadro mais grave", diz o pneumologista do Fleury João Salge.

A coagulação desenfreada pode levar a um tromboembolismo venoso - o bloqueio de uma via sanguínea, que pode acabar causando AVC, embolia pulmonar ou a necrose de extremidades, levando à necessidade de amputação, o que também tem sido observado em pacientes com covid.

"Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada", diz o pneumologista Gustavo Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados.

Para ele, a ampla gama de possíveis sequelas deixadas pela Covid-19 e a dimensão da população atingida deveriam transformar esse processo de recuperação em uma questão mais ampla, que envolvesse uma estratégia de saúde pública e assistência social e incluísse profissionais da saúde de diferentes frentes.

Fonte: IG SAÚDE

Comentários Facebook

12/08/2020 | Matinal | matinaljornalismo.com.br | Geral

Outros links:

<https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/newsletter/leite-propoe-retorno-das-aulas-em-20-dias/>

Desde maio, os agentes comunitários de saúde ligados ao Imesf não recebem o vale-alimentação no valor de 444,84 reais. Com um quadro de 1,1 mil profissionais, o instituto conta hoje com cerca de 600 agentes.

A Secretaria da Saúde vai recorrer judicialmente contra o projeto de lei que amplia a testagem gratuita de Covid-19 em Porto Alegre. A pasta alega que seriam necessários 120 milhões de reais para implementar a medida.

A Câmara Municipal entregou ao prefeito Nelson Marchezan Jr. a notificação sobre abertura do processo de impeachment. A partir de então, passou a contar o prazo de dez dias para Marchezan apresentar sua defesa prévia.

Foi adiada para a próxima terça, a análise do TCE sobre recurso da Prefeitura para manter a licitação de concessão do Mercado Público. Devido à complexidade da matéria, a conselheira substituta Heloisa Piccinini pediu vista do processo.

O RS foi reconhecido como zona livre de febre aftosa. A mudança abre 70% dos mercados mundiais para o produto gaúcho, segundo o secretário estadual da Agricultura, Covatti Filho.

O Ministério da Justiça não entregou ao Ministério Público Federal do RS uma cópia do dossiê sobre servidores ligados aos movimentos antifascistas. O documento, solicitado em julho, identifica mais de 500 funcionários públicos como opositores ao governo Jair Bolsonaro.

Aconteceu ontem a primeira viagem do ônibus Biosafe, criado pela Marcopolo, com adaptações para prevenir o contágio do coronavírus. O veículo possui três fileiras de poltronas, luzes acionadas por sensor e desinfecção de ar e banheiros.

A PUCRS oferece palestras online e sem custos para o público da terceira idade. As conversas serão transmitidas pela internet e contarão com convidados de diferentes áreas.

Saiba a lista de possíveis sequelas da Covid-19 no corpo humano

<http://www.meionorte.com/noticias/saiba-a-lista-de-possiveis-sequelas-da-covid-19-no-corpo-humano-395111>

Diversos estudos tentam identificar as sequelas no corpo dos infectados e ainda não é possível dizer se elas são temporárias

Sete meses depois do surgimento da Covid-19, mais de 18 milhões já foram infectados pelo novo coronavírus no mundo e cerca de 11 milhões de pacientes são considerados recuperados. De um lado, a comunidade científica ainda busca uma vacina contra o Sars-CoV-2. De outro, médicos tentam entender quais consequências de médio e longo prazo o vírus pode trazer para aqueles que já entraram em contato com ele. As informações são do G1.

Uma série de estudos divulgados nos últimos meses e a observação clínica dos profissionais que estão na linha de frente indicam as possíveis sequelas que a doença pode deixar - ainda que não seja possível dizer se elas são temporárias ou perenes.

Profissional de saúde trata pacientes com Covid-19 em Moscou, na Rússia - Foto: Maxim Shemetov/Reuters

Já se sabe, por exemplo, que alguns sintomas podem persistir não apenas entre aqueles que tiveram casos mais graves da doença e que, além de danos nos pulmões, o Sars-CoV-2 pode afetar o coração, os rins, o intestino, o sistema vascular e até o cérebro. Respiração comprometida após a alta

O pneumologista Gustavo Prado, do hospital Alemão Oswaldo Cruz, conta que tem recebido um volume expressivo de pacientes que tiveram quadros moderados de Covid-19 e relatam, por exemplo, cansaço e falta de ar.

Um dos primeiros estudos sobre a função pulmonar de pacientes que haviam acabado de receber alta na China indicava, em abril, que a redução da capacidade pulmonar era uma das principais consequências observadas mesmo entre aqueles que não chegaram a ficar em estado crítico.

Publicado em abril no European Respiratory Journal, o trabalho ressaltava a ocorrência de fenômenos semelhantes em epidemias causadas por outros coronavírus, os da Sars e da Mers, em que as sequelas se estenderam por meses ou anos em alguns casos.

Lista de possíveis sequelas da Covid-19 (Foto: Reprodução)

Mais recentemente, um estudo publicado no Journal of the American Medical Association (JAMA) verificou que, entre 143 pacientes avaliados na Itália, apenas 12,6% haviam sido internados em uma UTI, mas 87,4% relatavam persistência de pelo menos um sintoma, entre eles fadiga e falta de ar, mais de dois meses depois de terem alta.

"A gente tem visto mesmo uma latência para a recuperação plena dos pacientes que tiveram quadros moderados", afirma o pneumologista do Fleury João Salge.

Muitos desses pacientes, ele conta, retornam às atividades do dia a dia, mas relatam cansaço e veem sua produtividade e qualidade de vida afetados. A eles, o médico tem recomendado que façam exercícios físicos, respeitando as limitações do momento, e que tentem pouco a pouco desafiar o organismo para recuperar o condicionamento.

Mas ainda não se sabe por quanto tempo esses sintomas podem se estender. Fibrose pulmonar

Nos casos mais graves, é possível que haja sequelas permanentes, como a fibrose pulmonar, uma doença crônica caracterizada pela formação de cicatrizes no tecido pulmonar.

"A cicatriz preenche o espaço, mas não tem a mesma elasticidade, as mesmas características do tecido original", explica Prado.

Assim, o pulmão expande menos, ou com maior dificuldade, com uma consequente perda de eficiência nas trocas gasosas. Com a redução da capacidade respiratória vem a falta de ar e o cansaço frequentes.

Lista de possíveis sequelas da Covid-19 (Foto: Reprodução)

A fibrose pode ser causada pela inflamação intensa e generalizada que o organismo provoca para tentar expulsar o vírus do corpo. Nesse caso, ela é consequência do processo de reparação natural do tecido danificado.

Mas também pode ser resultado do próprio tratamento, quando o paciente é intubado, por exemplo.

"Apesar de necessária na síndrome respiratória grave, a ventilação não adequada pode impor estresse sobre tecidos pulmonares - por uma distensão exagerada, pela manutenção de pressões altas no enchimento do pulmões ou pela oferta de oxigênio exagerada", exemplifica Prado.

É a chamada lesão pulmonar induzida pela ventilação, ou VILI (acrônimo da expressão em inglês "ventilator-induced lung injury"), que pode evoluir para uma fibrose. Síndrome pós-UTI

Longe de ser exclusividade da Covid-19, esse tipo de lesão caracteriza diversas síndromes respiratórias mais graves.

A particularidade, nesse caso, é o fato de que o intervalo de internação dos pacientes infectados pelo novo coronavírus costuma ser maior, o que aumenta a probabilidade de ocorrência desse tipo de sequela.

"Eles ficam muito tempo intubados, traqueostomizados, em ECMO (sigla para "extracorporeal membrane oxygenation", ou oxigenação por membrana extracorporeal, que consiste no uso de uma máquina que realiza a função do coração e pulmões e bombeia o sangue)", diz a pneumologista e pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo.

O período prolongado no hospital também eleva as chances de outro problema que acomete aqueles afetados por infecções graves: a síndrome pós-UTI.

Lista de possíveis sequelas da Covid-19 (Foto: Reprodução)

Os sintomas vão desde perda de força muscular, alterações da sensibilidade e da força motora por disfunção dos nervos até depressão, ansiedade, alterações cognitivas, prejuízo de memória e da capacidade de raciocínio.

Os casos graves de Covid-19 são a minoria, cerca de 5% do total. Diante de uma pandemia de grandes proporções, entretanto, um percentual pequeno pode significar números absolutos elevados. Entre cerca de 11 milhões de recuperados, por exemplo, os 5% se tornam 550 mil.

Nesse sentido, Prado, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, chama atenção para o fato que parte desse grande contingente vai precisar de acompanhamento médico por algum tempo, seja no SUS ou na saúde privada.

"E boa parte dos pacientes ainda pertence à população economicamente ativa. A gente precisa desmistificar um pouco essa ideia de que é só o idoso com comorbidade", acrescenta. 'Marco zero'

Os pulmões são uma espécie de "marco zero" para o Sars-CoV-2. Uma vez que o vírus consegue atravessar nossa barreira imunológica e se instala no pulmão, ele segue fazendo estragos em outros órgãos.

Um artigo publicado em abril na revista Science destacava que um possível sinalizador das regiões mais vulneráveis do corpo seria aquelas ricas em receptores chamados ECA2 (enzima conversora da angiotensina 2).

Com a função de regular a pressão sanguínea, essas proteínas ficam na superfície da célula e são usadas como porta de entrada pelo vírus, que utiliza a estrutura celular para se reproduzir.

Além dos pulmões (mais especificamente os alvéolos pulmonares), o ECA2 também é encontrado em órgãos como o coração, o intestino e os rins - que têm sofrido lesões importantes em pacientes em estado mais grave.

"Por isso dizemos que a covid-19 é uma doença sistêmica, e não apenas respiratória", diz Dalcolmo, da Fiocruz.

Os cientistas ainda investigam se esses danos são causados diretamente pelo vírus ou por fatores indiretos ligados à doença.

Uma possibilidade, por exemplo, é que a "tempestade inflamatória" que o sistema imunológico gera para tentar combater o vírus, inundando o organismo de citocinas, acabe lesionando esses órgãos. Parte também pode ser uma consequência da própria infecção. Rins e coração

Independentemente da causa, os cientistas procuram entender quais desses efeitos têm consequências de curto, médio ou longo prazo.

Um estudo recente - com resultados preocupantes - realizado na Alemanha apontou que, entre 100 pacientes recuperados, 78% apresentaram algum tipo de anomalia no coração mais de dois meses após a alta. Boa parte (67%) tivera uma forma branda da doença e sequer havia sido hospitalizada.

No caso dos rins, as evidências mostram uma incidência elevada de falência entre os casos mais graves de Covid-19.

Um amplo estudo com dados de pacientes internados em Nova York entre 1 de março e 5 de abril revelou que, dentre 5.449, mais de um terço, 1.993, desenvolveram insuficiência renal aguda. Cérebro

A ocorrência de uma série de sintomas neurológicos que vão de confusão mental e dificuldade cognitiva a delírio também tem sido documentada entre pacientes com Covid-19.

No Brasil, uma força-tarefa do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (Inscer), vinculado à PUC-RS, investiga, entre outras frentes, quais sequelas podem ficar desses sintomas.

O neurologista Jaderson Costa da Costa, que coordena o grupo, conta que, entre os casos mais graves atendidos pela equipe no Hospital São Lucas, em Porto Alegre, têm sido observadas convulsões, casos de síndrome de Guillain-Barré (que ataca o sistema nervoso e causa fraqueza muscular) e de encefalite, a inflamação do parênquima do encéfalo.

Um estudo recente da University College London chamou atenção para um caso raro e grave de encefalite que tem acometido alguns pacientes com covid - a encefalomielite aguda disseminada. Sistema vascular

Outra complicação neurológica que os médicos têm observado em pacientes com casos graves é a ocorrência de acidentes vasculares cerebrais (AVC).

Por alguma razão que os cientistas ainda desconhecem, o Sars-CoV-2 aumenta a tendência de coagulação do sangue.

Tanto que um fragmento de proteína usado no diagnóstico de trombose, o dímero-D, virou um marcador de gravidade para pacientes com Covid.

"Quando ele está alto, é um sinal de possível evolução para um quadro mais grave", diz o pneumologista do Fleury João Salge.

A coagulação desenfreada pode levar a um tromboembolismo venoso - o bloqueio de uma via sanguínea, que pode acabar causando AVC, embolia pulmonar ou a necrose de extremidades, levando à necessidade de amputação, o que também tem sido observado em pacientes com covid.

"Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada", diz o pneumologista Gustavo Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados.

Para ele, a ampla gama de possíveis sequelas deixadas pela Covid-19 e a dimensão da população atingida deveriam transformar esse processo de recuperação em uma questão mais ampla, que envolvesse uma estratégia de saúde pública e assistência social e incluísse profissionais da saúde de diferentes frentes.

Instituto Ling realiza live gratuita de musicalização para crianças neste sábado

<http://www.mundocult.com.br/noticias/instituto-ling-realiza-live-gratuita-de-musicalizacao-para-criancas-neste-sabado>

Após o sucesso da primeira edição virtual, o projeto Musicalização para Crianças volta ao canal do YouTube do Instituto Ling neste sábado, dia 15 de agosto, com mais uma tarde animada para as famílias. A partir das 15h, o professor Bob Bobpsin comandará a atividade especial utilizando instrumentos como teclado, violão, guitarra e percussão para trabalhar músicas, histórias, teatro, brincadeiras e mágicas. O evento é recomendado para crianças a partir dos três anos. Para receber notificações e não perder o horário da live, as famílias podem fazer inscrição prévia e sem custo no site www.institutoling.org.br.

Anderson P. Bopsin, mais conhecido por Bob Bopsin, é educador musical. Atua em doze escolas de Porto Alegre e na faculdade de Licenciatura em Música do IPA. Kursou Relações Públicas na PUCRS e possui especialização em teatro, contação de histórias, fantoches, canto coral, mágicas, psicologia infantil e literatura infantil.

Esta programação é uma realização do Instituto Ling e do Ministério da Cidadania / Governo Federal, com patrocínio de Crown Embalagens, Fitesa e America Tampas.

SERVIÇO – PROGRAMAÇÃO ON-LINE – INFANTIL

Musicalização para Crianças

Com o professor Bop Bopsin

Dia 15 de agosto, sábado, às 15h

Gratuito, com transmissão ao vivo pelo canal do Instituto Ling no YouTube (www.youtube.com/c/InstitutoLingCultural)

Para receber lembretes e não perder o horário da live, as famílias podem fazer inscrição prévia e sem custo no site www.institutoling.org.br

Classificação etária: a partir dos 3 anos de idade

Duração: 45 minutos

Informações úteis

www.facebook.com/InstitutoLing

www.instagram.com/Instituto.Ling

twitter.com/@InstitutoLing

www.youtube.com/c/InstitutoLingCultural

Fone: 51 3533-5700

Email: instituto.ling@institutoling.org.br

FOTO: Bob Bopsin

12/08/2020 | No Palco | jornalnopalco.com.br | Geral

Instituto Ling realiza live gratuita de musicalização para crianças

<https://www.jornalnopalco.com.br/2020/08/12/instituto-ling-realiza-live-gratuita-de-musicalizacao-para-criancas/>

Após o sucesso da primeira edição virtual, o projeto Musicalização para Crianças volta ao canal do YouTube do Instituto Ling neste sábado, dia 15 de agosto, com mais uma tarde animada para as famílias. A partir das 15h, o professor Bob Bopsin comandará a atividade especial utilizando instrumentos como teclado, violão, guitarra e percussão para trabalhar músicas, histórias, teatro, brincadeiras e mágicas. O evento é recomendado para crianças a partir dos três anos. Para receber notificações e não perder o horário da live, as famílias podem fazer inscrição prévia e sem custo no site www.institutoling.org.br.

Anderson P. Bopsin, mais conhecido por Bob Bopsin, é educador musical. Atua em doze escolas de Porto Alegre e na faculdade de Licenciatura em Música do IPA. Cursou Relações Públicas na PUCRS e possui especialização em teatro, contação de histórias, fantoches, canto coral, mágicas, psicologia infantil e literatura infantil.

Esta programação é uma realização do Instituto Ling e do Ministério da Cidadania / Governo Federal, com patrocínio de Crown Embalagens, Fitesa e America Tampas.

SERVIÇO - PROGRAMAÇÃO ON-LINE - INFANTIL

Musicalização para Crianças

Com o professor Bob Bopsin

Dia 15 de agosto, sábado, às 15h

Gratuito, com transmissão ao vivo pelo canal do Instituto Ling no YouTube (www.youtube.com/c/InstitutoLingCultural)

Para receber lembretes e não perder o horário da live, as famílias podem fazer inscrição prévia e sem custo no site www.institutoling.org.br

Classificação etária: a partir dos 3 anos de idade

Duração: 45 minutos Por: Jéssica Barcellos

12/08/2020 | O Sul | osul.com.br | Geral

Pulmão, coração, rins e até o cérebro: a lista de órgãos afetados pelo coronavírus

<https://www.osul.com.br/pulmao-coracao-rins-e-ate-o-cerebro-a-lista-de-orgaos-afetados-pelo-coronavirus/>

? Ouça essa notícia clicando aqui

Sete meses depois do surgimento da Covid-19, mais de 18 milhões já foram infectados pelo novo coronavírus no mundo e cerca de 11 milhões de pacientes são considerados recuperados.

Uma série de estudos divulgados nos últimos meses e a observação clínica dos profissionais que estão na linha de frente indicam as possíveis sequelas que a doença pode deixar - ainda que não seja possível dizer se elas são temporárias ou perenes.

Já se sabe, por exemplo, que alguns sintomas podem persistir não apenas entre aqueles que tiveram casos mais graves da doença e que, além de danos nos pulmões, o Sars-CoV-2 pode afetar o coração, os rins, o intestino, o sistema vascular e até o cérebro.

Respiração comprometida

O pneumologista Gustavo Prado, do hospital Alemão Oswaldo Cruz, conta que tem recebido um volume expressivo de pacientes que tiveram quadros moderados de Covid-19 e relatam, por exemplo, cansaço e falta de ar.

Um dos primeiros estudos sobre a função pulmonar de pacientes que haviam acabado de receber alta na China indicava, em abril, que a redução da capacidade pulmonar era uma das principais consequências observadas mesmo entre aqueles que não chegaram a ficar em estado crítico.

Publicado em abril no *European Respiratory Journal*, o trabalho ressaltava a ocorrência de fenômenos semelhantes em epidemias causadas por outros coronavírus, os da Sars e da Mers, em que as sequelas se estenderam por meses ou anos em alguns casos.

Fibrose pulmonar

Nos casos mais graves, é possível que haja sequelas permanentes, como a fibrose pulmonar, uma doença crônica caracterizada pela formação de cicatrizes no tecido pulmonar.

Assim, o pulmão expande menos, ou com maior dificuldade, com uma consequente perda de eficiência nas trocas gasosas. Com a redução da capacidade respiratória vem a falta de ar e o cansaço frequentes.

A fibrose pode ser causada pela inflamação intensa e generalizada que o organismo provoca para tentar expulsar o vírus do corpo. Nesse caso, ela é consequência do processo de reparação natural do tecido danificado.

"Marco-zero"

Os pulmões são uma espécie de "marco zero" para o Sars-CoV-2. Uma vez que o vírus consegue atravessar nossa barreira imunológica e se instala no pulmão, ele segue fazendo estragos em outros órgãos.

Um artigo publicado em abril na revista *Science* destacava que um possível sinalizador das regiões mais vulneráveis do corpo seria aquelas ricas em receptores chamados ECA2 (enzima conversora da angiotensina 2).

Com a função de regular a pressão sanguínea, essas proteínas ficam na superfície da célula e são usadas como porta de entrada pelo vírus, que utiliza a estrutura celular para se reproduzir.

Além dos pulmões (mais especificamente os alvéolos pulmonares), o ECA2 também é encontrado em órgãos como o coração, o intestino e os rins - que têm sofrido lesões importantes em pacientes em estado mais grave.

"Por isso dizemos que a Covid-19 é uma doença sistêmica, e não apenas respiratória", diz Dalcolmo, da Fiocruz.

Rins e coração

Independentemente da causa, os cientistas procuram entender quais desses efeitos têm consequências de curto, médio ou longo prazo.

Um estudo recente - com resultados preocupantes - realizado na Alemanha apontou que, entre 100 pacientes recuperados, 78% apresentaram algum tipo de anomalia no coração mais de dois meses após a alta. Boa parte (67%) tivera uma forma branda da doença e sequer havia sido hospitalizada.

No caso dos rins, as evidências mostram uma incidência elevada de falência entre os casos mais graves de Covid-19.

Cérebro

A ocorrência de uma série de sintomas neurológicos que vão de confusão mental e dificuldade cognitiva a delírio também tem sido documentada entre pacientes com Covid-19.

No Brasil, uma força-tarefa do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (Inscer), vinculado à PUCRS, investiga, entre outras frentes, quais sequelas podem ficar desses sintomas.

O neurologista Jaderson Costa da Costa, que coordena o grupo, conta que, entre os casos mais graves atendidos pela equipe no Hospital São Lucas, em Porto Alegre, têm sido observadas convulsões, casos de síndrome de Guillain-Barré (que ataca o sistema nervoso e causa fraqueza muscular) e de encefalite, a inflamação do parênquima do encéfalo.

Um estudo recente da University College London chamou atenção para um caso raro e grave de encefalite que tem acometido alguns pacientes com Covid - a encefalomielite aguda disseminada.

Voltar Todas de Geral Notícia Anterior Cientistas de uma universidade na Flórida reforçam que é possível se infectar com coronavírus pelo ar

12/08/2020 | Outras Palavras | outraspalavras.net | Geral

A silenciosa epidemia de transtornos mentais

<https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-silenciosa-epidemia-de-transtornos-mentais/>

Pesquisas preliminares, apontam alarmante aumento de quadros graves de depressão. Pós-pandemia pode gerar sobrecarga nos sistemas de saúde e, em países como o Brasil, aprofundar as desigualdades sociais no acesso ao tratamento psíquico

Um estudo publicado pela Revista Fapesp

As transformações no modo de viver e morrer impostas pelo novo coronavírus podem começar em breve a cobrar um preço alto sobre a saúde mental das pessoas - se já não o estão fazendo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), de quando surgiu na China, em dezembro de 2019, a 27 de julho deste ano, o vírus já infectou mais de 16 milhões de indivíduos, matou 646 mil e continua se espalhando. Na tentativa de frear a disseminação do Sars-CoV-2, causador da Covid-19, governos e autoridades de saúde de diversas nações aplicaram regras que alteraram a forma como as pessoas vivem e se relacionam umas com as outras.

De uma hora para outra, comércio, indústria, escolas e centros de lazer e atividade física fecharam e a mobilidade das pessoas ficou restrita. Quem pôde e dispôs dos recursos necessários isolou-se em casa, adotou o trabalho remoto e passou a ajudar os filhos com as aulas virtuais. Homens e mulheres começaram a usar máscara em locais públicos e o contato físico foi desestimulado - desapareceu o beijo no rosto e até o aperto de mão. Os que precisam ir às ruas convivem com receio de contrair o vírus e quem se infecta experimenta, além de sintomas físicos, o medo de desenvolver a forma grave da doença e precisar de internação. Nos hospitais, os pacientes perdem o contato direto com a família - em certos casos, conseguem contato remoto - durante um tratamento prolongado no qual só interagem com a equipe de saúde. Os médicos e a equipe de enfermagem, por sua vez, vivem rotinas exaustivas e angustiantes diante do elevado número de mortes e do risco de se infectar e levar o vírus para casa. O caminho dos que morrem ficou mais solitário, e quem perde alguém para a Covid-19 tem de lidar com a despedida incompleta.

Apesar da capacidade humana de se adaptar a transformações, as mudanças e o surgimento de tantas adversidades em pouco tempo podem gerar uma sobrecarga de estresse que já preocupa as autoridades internacionais de saúde e os profissionais de saúde mental.

Em 13 de maio, a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou um relatório chamando a atenção de governos do mundo todo para que adotem medidas para reduzir o possível impacto da pandemia de Covid-19 sobre a saúde psíquica da população. "A saúde mental e o bem-estar de sociedades inteiras foram severamente afetados por essa crise e são uma prioridade que deve ser tratada com urgência", informa o documento. "É provável que haja um aumento duradouro no número e na gravidade dos problemas de saúde mental."

+ OUTRAS PALAVRAS é financiado pelas pessoas que o leem. Faça parte >>>

A OMS considera a saúde mental uma área negligenciada, que recebe dos países, em média, 2% do orçamento destinado à saúde, embora as doenças neurológicas e psiquiátricas afetem quase 1 bilhão de pessoas - segundo a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), os transtornos mentais geram custos diretos e indiretos de US\$ 2,5 trilhões (4% do PIB mundial). "Se não agirmos, haverá um grande percentual de pessoas seriamente afetadas, o que terá um impacto sobre a economia desses países", afirmou a psicóloga Dévora Kestel, diretora do Departamento de Saúde Mental e Abuso de Substâncias da OMS, à tevê alemã Deutsche Welle no dia seguinte ao lançamento do relatório.

Alguns especialistas sugeriram que os problemas de saúde mental podem, eles próprios, transformarem-se em uma nova pandemia. Por ora, no entanto, não é possível saber a dimensão que o problema pode assumir. "Não houve tempo suficiente para coletar dados que permitiriam responder adequadamente a essa questão", afirmou a psiquiatra norte-americana Carol S. North, especialista em traumas e desastres do Centro Médico Sudoeste da Universidade do Texas, por e-mail a Pesquisa FAPESP. Para North, as pesquisas feitas em pandemias anteriores, como a da Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars), em 2003, são limitadas. "Precisamos esperar que bons dados mostrem como a Covid-19 está afetando as pessoas", propõe.

Apesar do pouco tempo desde o começo da pandemia, estudos iniciais sugerem que as mudanças na rotina e o temor de contrair a infecção e adoecer começam a elevar o número de casos de sofrimento psicológico - e possivelmente de problemas psiquiátricos - em alguns países. Realizados por meio da internet, esses levantamentos consistem na aplicação de questionários a um número modesto de participantes. Seus resultados, longe de definitivos, possibilitam ter uma ideia do que pode vir pela frente. Informações mais precisas só devem ser conhecidas em meses ou anos, quando os pesquisadores tiverem melhores condições e mais tempo para aprofundar os estudos sobre esse tema.

Na China, pesquisadores da Universidade Normal do Noroeste enviaram, por meio de um aplicativo de troca de mensagens, perguntas que permitem identificar sinais de depressão, ansiedade, consumo excessivo de álcool e bem-estar psicológico para 1.074 pessoas com idade entre 14 e 68 anos. Quase dois terços eram moradores da província de Hubei, onde se localiza a cidade de Wuhan, berço da atual pandemia. Segundo os resultados, publicados em abril no Asian Journal of Psychiatry, a proporção de indivíduos com sinais de depressão grave era duas vezes mais alta em Hubei (11,4%) do que nas demais províncias chinesas (5,3%) que haviam sido menos afetadas pelo novo coronavírus e serviram de parâmetro de comparação. Algo semelhante foi observado com o consumo abusivo e a dependência de álcool, respectivamente, de 11% e 6,8% em Hubei e de 1,9% e 1% no resto da China.

Ainda em abril, um grupo da Universidade de Sichuan, também na China, reportou na revista Medical Science - Monitor os achados de outro levantamento virtual. Nele, 1.593 adultos de Hubei e de quatro províncias vizinhas foram entrevistados em fevereiro, no auge do surto, semanas após a adoção de medidas mais restritivas de isolamento. A proporção de pessoas com sinais que caracterizam ansiedade e depressão foi, respectivamente, de 13% e 22% entre aquelas que enfrentaram a quarentena, índices duas vezes maiores do que os observados entre os indivíduos que puderam circular e levar uma vida mais próxima à normal (7% e 12%).

O bem-estar emocional de crianças e adolescentes também parece ter sido abalado de modo importante pelo medo do contágio e pelo isolamento social. Com autorização dos pais, 1.784 crianças de duas escolas primárias responderam a perguntas que avaliavam sinais de depressão e ansiedade, além do nível de preocupação com o contágio e do otimismo mantido durante a pandemia. Quase um em cada quatro estudantes relatou sinais compatíveis com o diagnóstico de depressão e um em cada cinco de ansiedade, proporção ao menos 30% superior à observada em estudos anteriores com crianças asiáticas de idade semelhante, segundo artigo publicado em abril na revista Jama Pediatrics. Os sintomas de depressão foram mais intensos nas crianças de Wuhan do que nas que viviam em uma cidade próxima, Huangshi, que permaneceu menos tempo em quarentena. "Os achados sugerem que, assim como experiências traumáticas, doenças infecciosas graves podem influenciar a saúde mental de crianças", escreveram os autores do trabalho, coordenado pela pesquisadora Ranran Song, da Universidade Huazhong de Ciência e Tecnologia.

Não há motivo para suspeitar de que a situação inicial registrada na China seja muito diversa da enfrentada pelo Ocidente. Aqui, a doença se dissemina de modo acelerado há meses, mas são escassos os dados sobre seu efeito na saúde mental das pessoas. Em um levantamento com 1.143 pais de crianças e adolescentes espanhóis e italianos conduzido pela psicóloga Mireia Orgilés, da Universidade Miguel Hernández, na Espanha, 86% dos genitores relataram que seus filhos apresentaram mudanças emocionais e de comportamento durante a quarentena. Segundo artigo depositado em abril no repositório PsyArXiv, 77% das crianças e adolescentes tiveram dificuldade de concentração, 52% se tornaram entediadas, 39% mais irritadas e inquietas.

No Brasil, o psiquiatra Guilherme Polanczyk e sua equipe no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) iniciaram em junho o monitoramento, também por meio da aplicação de questionários on-line, de crianças e adolescentes com idade entre 5 e 17 anos de todo o país. Os pesquisadores planejam avaliar alterações na rotina, no comportamento e nas emoções ao longo de um ano. Dados preliminares, obtidos a partir da análise de 4.504 respostas, indicam que a garotada tem passado muito tempo navegando na internet (metade usa eletrônicos por mais de oito horas por dia, descontando as aulas), dormindo menos e mais sedentária (43% não faziam atividade física havia duas semanas). Também sugerem que 13% dos participantes apresentavam algum nível de ansiedade e 16% de depressão que mereceria a avaliação de um especialista. "É uma proporção muito elevada, maior ainda nos filhos de pais estressados e com menor nível socioeconômico", afirma Polanczyk.

Os números nesses levantamentos impressionam, mas devem ser vistos com cautela. Apesar dos cuidados tomados pelos pesquisadores, inquéritos feitos via internet nem sempre atingem amostra representativa de uma população. Por exemplo, é maior a probabilidade de que pessoas mais ricas, com maior escolaridade e melhor acesso à rede respondam à pesquisa do que as que se encontram no outro extremo socioeconômico. Também é esperado que um número maior de indivíduos com algum grau de sofrimento psíquico dedique algum tempo para responder às questões do que aqueles que se sentem saudáveis.

Além dessas limitações, há uma diferença importante entre sofrimento psicológico e transtorno psiquiátrico, que nem sempre é apreendida nesses levantamentos. Ambos os problemas consistem em sentimentos e emoções que podem ou não surgir em resposta a mudanças no ambiente e causam desconforto emocional, afetando a capacidade de executar as atividades cotidianas. "O que distingue um do outro é a intensidade", explica o psicólogo Christian Kristensen, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). "A partir de certo grau de sofrimento ou prejuízo no funcionamento e de sua duração, o problema se torna patológico e pode ser considerado transtorno psiquiátrico", conta o pesquisador, integrante de um grupo da PUC-RS que realiza outro inquérito on-line para avaliar como a pandemia está afetando a saúde mental dos brasileiros. Além de menos intenso, o sofrimento psicológico persiste menos tempo (dura dias) e raramente necessita de tratamento com medicação, embora seja de duas a três vezes mais frequente na população do que os transtornos psiquiátricos.

Outra razão para analisar com prudência os números é que boa parte das pessoas, mesmo as expostas a eventos traumáticos, não desenvolve transtornos psiquiátricos. Estudando os desastres, Carol North constatou que menos da metade das pessoas que passaram diretamente por traumas intensos apresentou um problema psiquiátrico. "Essa proporção é muito menor na população geral", afirma a psiquiatra. "As pessoas são resilientes." Ela, no entanto, suspeita que grande parte dos indivíduos, incluindo os não expostos, possa apresentar algum grau de sofrimento psíquico em consequência do medo associado à infecção, ao isolamento social e às perdas econômicas.

"O surgimento dos transtornos mentais depende da vulnerabilidade biológica do indivíduo e dos fatores ambientais. Diante de um fator ambiental com a magnitude dessa pandemia, até as pessoas menos vulneráveis podem desenvolver algum problema", explica o psiquiatra Luis Rohde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). "Para a maior parte das outras pessoas, esse deve ser um período de estresse e ansiedade, mas transitório", pondera Polanczyk, da USP.

Além do possível aumento em casos de ansiedade e de depressão, espera-se alguma elevação nos de transtorno de estresse pós-traumático, que consiste na rememoração de eventos altamente estressantes em que há ameaça à vida, e de luto prolongado, no qual passa a existir a dificuldade de superar a perda de quem partiu. "A pandemia já provocou um processo de luto coletivo na população pela perda da vida normal e deve agravar o luto vivido por familiares e amigos de quem morre por causa da Covid", propõe a psicóloga Maria Júlia Kovács, do Instituto de Psicologia da USP.

Mesmo que modesto, um aumento nos casos de transtorno psiquiátrico deve sobrecarregar um sistema de saúde despreparado para lidar com o problema. "O sistema de saúde brasileiro foi organizado para atender casos graves, como esquizofrenia e transtorno

bipolar", lembra o psiquiatra Jair Mari, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). "Pessoas com depressão, ansiedade, síndrome do pânico ou problema de adição a drogas vivem no limbo." Estudos coordenados por Mari já indicaram que o Brasil tem proporcionalmente poucos psiquiatras (3,2 para cada 100 mil habitantes; nos países ricos essa proporção é 20 vezes maior) e que 85% das pessoas com um diagnóstico de transtorno mental não recebem tratamento medicamentoso que poderia controlar o problema.

Para Polanczyk, a pandemia deve alargar as desigualdades sociais também no que diz respeito ao acesso aos serviços de saúde mental. "Os mais atingidos provavelmente serão as crianças e os adultos mais pobres, cujo problema nem chega a ser detectado em levantamentos on-line", diz. "Em nosso estudo, observamos que o número de crianças e adultos com sintomas clínicos é de duas a três vezes maior entre os de nível socioeconômico mais baixo do que entre os mais ricos. Para melhorar a situação deles, será necessária a atuação do Estado."

Enquanto não se enxerga o fim da pandemia, psiquiatras e psicólogos fazem algumas recomendações para amenizar o sofrimento psíquico: manter uma rotina parecida com a de antes, dormindo e acordando no mesmo horário; fazer exercício físico; não aumentar o consumo de bebidas alcoólicas; tentar desenvolver hobbies e realizar atividades de lazer; e não ficar ligado o tempo todo no noticiário.

"São dicas gerais e sem contraindicação", diz o psiquiatra André Brunoni, da FM-USP. Usando ferramentas on-line, atualmente ele avalia os efeitos da pandemia em uma amostra de 4 mil pessoas que participam do Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto (Elsa-Brasil), que acompanha há anos a saúde de 15 mil funcionários públicos brasileiros. "Esperamos identificar fatores que aumentem o risco de desenvolver transtornos mentais", explica.

Os participantes da pesquisa que apresentarem alto nível de estresse serão encaminhados para participar de uma das duas estratégias de atendimento a distância para ajudar a lidar com problemas como estresse, insônia e pensamentos negativos: a teleterapia em grupo, em que um psicólogo acompanha de seis a oito pessoas durante cinco sessões, ou a psicoeducação, em que o participante recebe textos e vídeos ensinando técnicas para lidar com os sintomas. "Se a psicoeducação atingir níveis de eficácia semelhantes aos do teleatendimento, ela poderá ajudar a aumentar a capacidade de atender as pessoas", diz Brunoni.

Para o restante da população, a equipe da psiquiatria da USP lançou em junho um aplicativo de celular - o COMVC, disponível para os sistemas Android e iOS - que usa questionários aprovados por entidades psiquiátricas para monitorar sintomas de ansiedade, depressão, insônia e esgotamento (burnout). Quem apresenta nível moderado recebe a indicação de vídeos que orientam como lidar com o problema. Para os casos graves, a ferramenta apresenta uma lista de instituições que oferecem atendimento psicológico de emergência gratuito ou de baixo custo. "Há muitos apps de saúde mental, mas é difícil encontrar informações e tratamento de qualidade", diz o psicólogo Daniel Fatori, que coordenou o desenvolvimento do COMVC e faz estágio de pós-doutorado na instituição. "Esperamos que o aplicativo ajude a resolver casos leves ou moderados."

Gostou do texto? Contribua para manter e ampliar nosso jornalismo de profundidade: OutrosQuinhentos

12/08/2020 | **Pioneiro GZH** | gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro | Geral

Os 120 anos de presença dos irmãos maristas no Rio Grande do Sul

<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/noticia/2020/08/os-120-anos-de-presenca-dos-irmaos-maristas-no-rio-grande-do-sul-12536011.html>

Trio precursor, formado pelos missionários Weibert, Marie Berthaire e Jean Dominici, chegou ao Rio Grande do Sul em 1900, depois de mais de 30 dias de viagem

No último dia 2 de agosto a Rede Marista celebrou 120 anos de presença dos irmãos da congregação no sul do Brasil. A chegada dos primeiros irmãos maristas missionários em Bom Princípio, no Vale do Caí, em 2 de agosto de 1900, deu origem às escolas maristas, aos centros sociais, à Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS), ao Hospital São Lucas e ao InsCer (Instituto do Cérebro), em Porto Alegre, e à atuação missionária na região amazônica.

O trio precursor, formado pelos irmãos Weibert, Marie Berthaire e Jean Dominici, chegou ao Estado depois de mais de 30 dias de uma viagem longa e desgastante, desde a França até o Brasil - eles atendiam ao chamado do bispo Dom Cláudio Ponce de Leon, que

tinha como objetivo qualificar a educação na região com a instalação de uma escola católica.

A travessia deu-se em um navio chamado Guahyba, saído do Porto de Le Havre, na Normandia, a 175 quilômetros de Paris, no dia 18 de junho de 1900, rumo ao desconhecido.

Registro oficial do embarque dos três missionários rumo ao RS. Em pé, da esquerda para a direita, os irmãos Marie Berthaire, Weibert e Jean Dominici. Sentados, irmãos Climaque e DiogèneFoto: Reprodução / Acervo Rede Marista

O irmão Alfredo Henz, no livro Maristas no Brasil Meridional, narra que, por não saberem o que iriam encontrar no Brasil, os três trouxeram uma bagagem grande - tanto que o agente alfandegário do Rio Grande do Sul interpelou o trio como sendo caixeiros viajantes disfarçados querendo comercializar na América e decidiu confiscar toda a bagagem.

Mesmo assim, os irmãos não desanimaram e começaram a trabalhar, quase que imediatamente, em uma pequena escola paroquial de Bom Princípio. A primeira turma, com 40 alunos, iniciou seus estudos em duas salas instaladas nas dependências da Igreja Matriz da cidade. Dez anos depois, já em um prédio próprio, os irmãos atendiam 120 alunos no colégio, batizado de Sagrado Coração de Jesus.

Acima, o registro oficial do embarque dos três missionários rumo às terras gaúchas. Na foto também aparecem o irmão Climaque, assistente do superior-geral, e o irmão Diogène, visitador que fazia registros e relatos para o Instituto. Em pé, da esquerda para a direita, estão irmão Marie Berthaire, irmão Weibert e irmão Jean Dominici.

Primeira casa dos irmãos, ao lado da Igreja Matriz de Bom Princípio, em 1902Foto: Reprodução / Acervo Rede Marista

A fundação de novas escolas gerou um cenário de otimismo para a educação católica e, ainda hoje, os colégios maristas seguem sendo instituições de referência no Estado e em todo o país.

As comemorações dos 120 anos, em tempos de pandemia, foram realizadas de forma virtual, para cumprir os protocolos de distanciamento social - houve uma missa transmitida pelo Facebook, na Paróquia Nossa Senhora da Purificação, em Bom Princípio.

A Rede Marista lançou, ainda, no seu canal do YouTube, um mini-documentário falando sobre a trajetória dos primeiros irmãos até Bom Princípio.

O desembarque no Rio Grande do Sul, em 1900, foi o início de uma grande obra que hoje chega a 16 cidades do Rio Grande do Sul, além de Brasília e Amazônia. A inspiração dos três pioneiros é seguida por 10 mil colaboradores, entre irmãos maristas e profissionais de outras diversas áreas.

Informações desta página foram publicadas originalmente na coluna Almanaque Gaúcho, do colega Ricardo Chaves, de Zero Hora.

12/08/2020 | Pioneiro GZH | gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro | Geral

Sociedade por João Pulita

<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/joao-pulita/noticia/2020/08/sociedade-por-joao-pulita-12535978.html>

Veja a coluna social desta quarta-feira!

O jovem cirurgião plástico Matheus Martini e a advogada e acadêmica do curso de Moda da UCS, Nuriélem Sirena Maschio são os leoninos aniversariantes desta quarta-feira. Amanhã, quinta-feira, dia 13, as atenções serão ao redor do ex-prefeito de Caxias do Sul, o advogado Alceu Barbosa Velho. A todos a coluna deseja alegrias, saúde e vida longa.

Paula Renata da Rosa Posser e Marcos Paulo Pereira, vice-presidentes administrativo e financeiro do Recreio Cruzeiro, atuantes em prol da agremiação Foto: Andreia Copini / Divulgação

Thomas Cortinaz Silveira, que abocanhou o prêmio de melhor chef do Festival de Cultura e Gastronomia de Gramado 2019, é um

dos entusiastas da edição deste ano Foto: Cleiton Thiele / Divulgação

O Concurso Melhor Chef, promovido pelo Festival de Cultura e Gastronomia de Gramado, em parceria com o SENAC Gramado, exclusivo para os cozinheiros da Região das Hortênsias, acaba de abrir as inscrições. O tema deste ano será "Do produtor à mesa: valorizando a economia local", alinhado à proposta da 12ª edição. Os participantes terão que criar uma receita e preparar um prato com um item produzido pelas famílias da agroindústria local. As inscrições devem ser realizadas até o dia 25 de agosto pelo e-mail senacgramado@senacrs.com.br. Graduado em Design de Produto pela FSG, Michel Goulart, comemora o sucesso da franquia Life Planner e o comando da corretora de seguros que leva a assinatura dele Foto: Fabio Grison / Divulgação

Profissional de marketing com foco na saúde, Monise Teles, realizará, sábado, a segunda edição do workshop "Marketing na Saúde" Foto: Matheus Salvador / Divulgação

Monise Teles, profissional de marketing da Serra gaúcha com foco na área da saúde, vai compartilhar sua expertise de quase 10 anos com empreendedores do setor. Neste sábado, ela ministrará a segunda edição do workshop "Marketing na Saúde", de forma online e ao vivo. As inscrições podem ser efetuadas até dia 15, pela plataforma Sympla. Formada em Marketing e pós-graduada em Gestão Empresarial, Monise tem especializações em Análise Organizacional pela Stanford University, nos Estados Unidos, e em Business e Marketing, na Austrália. Em quase uma década de atuação, trabalhou como gerente de Marketing do Grupo Diagnose e realizou mais de 30 eventos voltados ao público médico e acadêmicos da área.

Juliana Pandolfo da SilvaFoto: Jeferson Deboni / Divulgação

Produtora cultural desde 2004, a caxiense Juliana Pandolfo da Silva, filha de Lourdes Pandolfo da Silva (in memoriam) e Walter Lentz da Silva, é dessas pessoas sensíveis que preserva laços afetivos como as amizades seladas na tenra infância. Apaixonada pela música e todo o seu repertório, nossa entrevistada coleciona feitos na área com a Mostra Tum Tum. Formada em História pela UCS, em 2006, ela protagoniza a sua própria. Conheça um pouco mais do que está nas veias desta ariana com ascendente em leão e lua em aquário, que valoriza o fazer artístico com prazer e profissão!

Casa cheia. Somos cinco irmãos, sou a mais nova, a "rapa do tacho", como dizia minha mãe. Nasci com diferença de 12 anos do meu último irmão. Somos a Silvana (in memoriam), a Fernanda, o Sandro e o Eduardo. Cresci feliz no meio de adolescentes, mas amadureci muito rápido, o que acho ótimo. Minhas memórias são muito vivas, pois meus pais adoravam rememorar e sempre nos contavam muitas histórias. Quando nasci morávamos em uma casa, na Rua Nico Pires, mas minhas lembranças iniciam quando, com um ano de idade, nos mudamos para o Edifício Salgueiro, na Avenida Júlio de Castilhos. Foi ali que fiz minhas primeiras amizades, que preservo até hoje. Lembro de passear no parque Cinquentenário, com minha mana Silvana e de curtir a natureza todas as manhãs. Dos verões inesquecíveis na casa dos meus avós maternos Aquilino Pandolfo e Julieta Amális Boff Pandolfo (in memoriam), em Imbé, e dos almoços de domingo na casa dos meus avós paternos Osvaldo Lentz da Silva e Amarolina Cristóvão da Rosa Lentz da Silva (in memoriam) comendo os deliciosos gostolis da avó Marola, no café da tarde. Me remete a vivacidade e dá muita saudades da minha mãe querida, que foi pra outro plano há três anos. Era uma mulher à frente do seu tempo, independente, lutadora e que me ensinou, desde cedo, a estudar muito e seguir batalhando pelos meus desejos e sonhos, nunca desistir. Meu pai também sempre me incentivou a fazer o que eu gostava, fui criada com muita liberdade, mas na "rédea curta". Lembro de ir aos sábados na marcenaria dele, brincar enquanto ele trabalhava.

De Joana d'Arc, uma heroína francesa e santa canonizada pela Igreja Católica.

Em maio de 2019, passei por um renascer das cinzas quando retirei um aneurisma cerebral e saí ilesa. Isso foi transformador para mim. "Fênix", seria o título ideal.

(muitas coisas) mas como sou muito ligada na astrologia, tenho alguma curiosidade em saber o que está por vir.

As expressões artísticas.

Me envolvo muito em todos os trabalhos e projetos. Já produzi mais de 60 ações culturais nas diversas áreas das artes em Caxias do Sul e em Bento Gonçalves. Mas a menina dos olhos é a Mostra Tum Tum, porque é minha primogênita e o Simpósio Internacional de Escultores, em Bento, pois é uma imersão no mundo da escultura, que sempre fui apaixonada.

Em uma mesa do Zarabatana Café, nossa segunda casa, eu e o Beto Scopel, meu sócio, queríamos dar asas a todas as nossas ideias e movimentar a cidade. Assim como a Mostra Tum Tum e a Semana Tum Tum de Música, surgiram dos nossos bate-papos no "Zaraba".

Acredito que ter gestores e funcionários públicos mais capacitados, que não temos desde 2016.

Desde a implementação da Secretaria Municipal da Cultura, há 22 anos, demos um salto. A esperança é que voltemos a colocar a arte integrada em foco novamente na sociedade caxiense, sendo valorizada pelo que ela é, cultura, um conceito amplo que perpassa por todos os setores, saúde, educação e qualidade de vida.

A Tum Tum, por exemplo, sempre teve como base o acesso democrático aos espetáculos e a interação do público com o artista in loco. Para nós, agora é como um momento de gestação do que está por vir para 2021.

Minha graduação iniciou em História na PUC, em Porto Alegre, cursei dois maravilhosos anos quando estudei muito sobre arte, depois, transferi para Caxias do Sul e além de história, cursei jornalismo. Tive o privilégio de ser bolsista de iniciação científica. Aprendi muito, a escrever, a pesquisar, a interpretar, a argumentar e analisar a historiografia brasileira, principalmente a sulista. Para elaborar projetos culturais todo esse conhecimento ainda é fundamental.

Ouvir música, contemplar a natureza, meditar, ler muito e saber quando temos que relaxar.

Os mantras (kirtan e japa) e muita música brasileira.

Estou em um momento "in" de voltar para dentro, o autoconhecimento sempre fez parte da minha vida e é nisso que estou focando agora. Resgatando relações familiares, amizades e valorizando a positividade.

Muito estudo e seriedade nas ações.

amabilidade.

impaciência.

Tomar um bom vinho.

Viajar para o exterior, assim que possível.

"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento." Clarice Lispector.

12/08/2020 | Portal Gaz | gaz.com.br | Geral

Elmar Kunz, o 1º dentista formado de Sinimbu, decidiu se aposentar

http://www.gaz.com.br/conteudos/regional/2020/08/12/169271-elmar_kunz_o_1_dentista_formado_de_sinimbu_decidiu_se_aposentar.html.php

Desde janeiro de 1959 é no número 527 da Rua Flores da Cunha, a principal de Sinimbu, que o cirurgião-dentista Elmar Kunz, hoje com 87 anos, trabalha todos os dias. Dentista formado pela PUC de Porto Alegre, ele vem de um tempo em que sentar na cadeira e abrir a boca era sinônimo de dor e sofrimento.

No antigo consultório, o aparelho de raios-X da marca Philips e a cadeira, que já é a terceira da carreira, denunciavam que muito tempo se passou desde a primeira vez que um paciente foi atendido ali. E, em 31 de dezembro próximo, seu Elmar irá apagar de vez o refletor odontológico e encerrar a atividade, conduzida por ele há 61 anos.

A caixa de som instalada no alto da parede verde-claro, adornada por cortinas de algodão branco, alvas como o jaleco de Elmar, ajudava a tranquilizar o paciente. A música clássica é parte do tratamento oferecido pelo dentista, que tem a calma como primeiro mandamento.

"Essa é a maior diferença dos antigos práticos. Eles não tinham essa calma para tratar com o paciente", contou. Seu Elmar lembra que só tinha uma fita K7, que colocava para tocar sempre, repetindo a trilha sonora que acompanhava seus atendimentos.

Hoje o som não é usado mais, ele só ligou para entrar no clima da época em que o consultório era um vai e vem de pacientes. "Antigamente não se marcava hora, depois tudo mudou. Agora não ouço mais música, também estou realizando poucos atendimentos", afirmou. Seu Elmar ainda vai seguir com os atendimentos até o fim do ano. Para a aposentadoria, planeja conhecer a terra natal de seu pai | Foto: Alencar da Rosa

O dentista inovou desde o início. Com mais cuidado e métodos lapidados na faculdade de Odontologia, ele trouxe para Sinimbu um atendimento preciso e delicado. "Eu logo comprei um aparelho de raios-X, que permite um diagnóstico certo, para que se evite a extração de dentes." O equipamento funciona até hoje e, segundo Kunz, está entre os mais cobiçados pelos dentistas, pela qualidade de funcionamento. Ao longo dos anos ele se especializou, admirou-se com as avançadas técnicas de ortodontia para corrigir imperfeições da arcada dentária e até fabricou um aparelho para o próprio caçula, Leonardo.

Casado com Vera Maria, Elmar teve dois filhos, os seus orgulhos. O primogênito, Maurício, é psiquiatra, e Leonardo atua na área da Computação. "Eu sou muito feliz por isso, por ter criado esses dois filhos e dado uma formação boa para eles", contou. Leonardo tem uma filha - o xodó do avô -, a Livia Helena, de 3 anos.

Ao longo da carreira, o dentista de Sinimbu sempre teve empatia com as crianças. "Eu colocava uma espuma nos instrumentos e fazia de conta que era um ratinho. Eles vinham com medo, mas perdiam depois de passarem pelo consultório", recordou. Certa vez, uma mãe com três filhos - dois gurus e uma menina - foi ao consultório. Os pequenos foram atendidos, e a menina permaneceu no colo da mãe. Por fim, já na calçada, indo embora, a menina começou a chorar. "Ela queria sentar-se na cadeira também, mas a consulta não era para ela. Então, examinei a menina e ela saiu daqui feliz da vida."

Quando o fim do ano chegar, as seis décadas de odontologia de Elmar Kunz serão só lembrança em seu antigo consultório. Ele quer se aposentar, parar de trabalhar e aproveitar a saúde e a disposição dos octogenários de bem com a vida.

A pandemia do novo coronavírus fez, segundo ele mesmo, com que apressasse a decisão. "Faz algum tempo que eu queria parar. Agora, com esse vírus aí, decidi encerrar meu trabalho", sentenciou. Nos bons tempos, além de gentil com as crianças, Kunz sempre foi muito humano. Os agricultores que tinham dor de dente, mas ainda não haviam vendido a safra de tabaco, podiam pagar depois da venda, tinham crédito na casa.

Com a saúde em dia e o amor de dona Vera ao lado, ele agora pretende viajar. Deseja conhecer a terra natal do pai, Adolf Kunz, que emigrou da Alemanha antes da Segunda Guerra Mundial. "A gente tem que esperar só um pouquinho, até as coisas melhorarem, para que a viagem seja possível", confirmou o otimista Elmar.

O pai dele também foi figura conhecida em Sinimbu, por causa de suas obras de arte. Adolf era escultor, esculpia em mármore, e é dele boa parte dos adereços das antigas lápides do Cemitério Católico de Sinimbu. "Depois de perder a visão em um dos olhos esculpindo, meu pai começou a pintar. Ele tem vários quadros, com paisagens da época, pintados em óleo."

Com a calma de quem tranquilizava crianças com a broca ligada, seu Elmar despede-se do ofício com a sensação de dever cumprido. Com parte do equipamento mais antigo já doada para o museu de um colecionador, o primeiro dentista formado a atuar em Sinimbu diz aos mais novos que é preciso se atualizar sempre. "Quando mais jovem, eu não perdia um curso. Só não consegui me aperfeiçoar em implantes, a grande sensação agora."

Apaixonado pelo ofício, Elmar disse também que a regra geral de qualquer profissão é gostar do público, paciente e cliente. "É preciso se dar bem com o público, com as pessoas que você atende. Esta sempre foi uma das minhas características", complementou. A fita K7 acabou, o som suave cessou e, no fim do ano, o consultório irá fechar. "São ciclos, não é? Esse é o meu."

Coronavírus: a longa lista de possíveis sequelas da covid-19

<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/08/12/coronavirus-a-longa-lista-de-possiveis-sequelas-da-covid-19.htm>

Sete meses depois do surgimento da covid-19, mais de 18 milhões já foram infectados pelo novo coronavírus no mundo e cerca de 11 milhões de pacientes são considerados recuperados.

De um lado, a comunidade científica ainda busca uma vacina contra o Sars-CoV-2. De outro, médicos tentam entender quais consequências de médio e longo prazo o vírus pode trazer para aqueles que já entraram em contato com ele. Relacionadas

Cientistas citam falta de dados e tratam com desconfiança vacina russa

Argentina ultrapassa marca de 5.000 mortes por coronavírus e número de casos salta

Nova Zelândia vê frete refrigerado como origem de novos casos de covid-19

Uma série de estudos divulgados nos últimos meses e a observação clínica dos profissionais que estão na linha de frente indicam as possíveis sequelas que a doença pode deixar - ainda que não seja possível dizer se elas são temporárias ou perenes.

Já se sabe, por exemplo, que alguns sintomas podem persistir não apenas entre aqueles que tiveram casos mais graves da doença e que, além de danos nos pulmões, o Sars-CoV-2 pode afetar o coração, os rins, o intestino, o sistema vascular e até o cérebro. Respiração comprometida após a alta

O pneumologista Gustavo Prado, do hospital Alemão Oswaldo Cruz, conta que tem recebido um volume expressivo de pacientes que tiveram quadros moderados de covid-19 e relatam, por exemplo, cansaço e falta de ar.

Um dos primeiros estudos sobre a função pulmonar de pacientes que haviam acabado de receber alta na China indicava, em abril, que a redução da capacidade pulmonar era uma das principais consequências observadas mesmo entre aqueles que não chegaram a ficar em estado crítico.

"Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada", diz Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados

Imagem: Bruno Kelly/Reuters

Publicado em abril no European Respiratory Journal, o trabalho ressaltava a ocorrência de fenômenos semelhantes em epidemias causadas por outros coronavírus, os da Sars e da Mers, em que as sequelas se estenderam por meses ou anos em alguns casos.

Mais recentemente, um estudo publicado no Journal of the American Medical Association (JAMA) verificou que, entre 143 pacientes avaliados na Itália, apenas 12,6% haviam sido internados em uma UTI, mas 87,4% relatavam persistência de pelo menos um sintoma, entre eles fadiga e falta de ar, mais de dois meses depois de terem alta.

"A gente tem visto mesmo uma latência para a recuperação plena dos pacientes que tiveram quadros moderados", afirma o pneumologista do Fleury João Salge.

Muitos desses pacientes, ele conta, retornam às atividades do dia a dia, mas relatam cansaço e veem sua produtividade e qualidade de vida afetados.

A eles, o médico tem recomendado que façam exercícios físicos, respeitando as limitações do momento, e que tentem pouco a pouco desafiar o organismo para recuperar o condicionamento.

Mas ainda não se sabe por quanto tempo esses sintomas podem se estender. Fibrose pulmonar

Nos casos mais graves, é possível que haja sequelas permanentes, como a fibrose pulmonar, uma doença crônica caracterizada pela formação de cicatrizes no tecido pulmonar.

"A cicatriz preenche o espaço, mas não tem a mesma elasticidade, as mesmas características do tecido original", explica Prado.

Assim, o pulmão expande menos, ou com maior dificuldade, com uma consequente perda de eficiência nas trocas gasosas. Com a redução da capacidade respiratória vem a falta de ar e o cansaço frequentes.

A fibrose pode ser causada pela inflamação intensa e generalizada que o organismo provoca para tentar expulsar o vírus do corpo. Nesse caso, ela é consequência do processo de reparação natural do tecido danificado.

Mas também pode ser resultado do próprio tratamento, quando o paciente é intubado, por exemplo.

"Apesar de necessária na síndrome respiratória grave, a ventilação não adequada pode impor estresse sobre tecidos pulmonares - por uma distensão exagerada, pela manutenção de pressões altas no enchimento do pulmões ou pela oferta de oxigênio exagerada", exemplifica Prado.

É a chamada lesão pulmonar induzida pela ventilação, ou VILI (acrônimo da expressão em inglês "ventilator-induced lung injury"), que pode evoluir para uma fibrose. Síndrome pós-UTI

Longe de ser exclusividade da covid-19, esse tipo de lesão caracteriza diversas síndromes respiratórias mais graves.

A particularidade, nesse caso, é o fato de que o intervalo de internação dos pacientes infectados pelo novo coronavírus costuma ser maior, o que aumenta a probabilidade de ocorrência desse tipo de sequela.

"Eles ficam muito tempo intubados, traqueostomizados, em ECMO (sigla para "extracorporeal membrane oxygenation", ou oxigenação por membrana extracorporeal, que consiste no uso de uma máquina que realiza a função do coração e pulmões e bombeia o sangue)", diz a pneumologista e pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo.

O período prolongado no hospital também eleva as chances de outro problema que acomete aqueles afetados por infecções graves: a síndrome pós-UTI.

Os sintomas vão desde perda de força muscular, alterações da sensibilidade e da força motora por disfunção dos nervos até depressão, ansiedade, alterações cognitivas, prejuízo de memória e da capacidade de raciocínio.

Os casos graves de covid-19 são a minoria, cerca de 5% do total. Diante de uma pandemia de grandes proporções, entretanto, um percentual pequeno pode significar números absolutos elevados. Entre cerca de 11 milhões de recuperados, por exemplo, os 5% se tornam 550 mil.

Nesse sentido, Prado, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, chama atenção para o fato que parte desse grande contingente vai precisar de acompanhamento médico por algum tempo, seja no SUS ou na saúde privada.

"E boa parte dos pacientes ainda pertence à população economicamente ativa. A gente precisa desmistificar um pouco essa ideia de que é só o idoso com comorbidade", acrescenta. "Marco zero"

Os pulmões são uma espécie de "marco zero" para o Sars-CoV-2. Uma vez que o vírus consegue atravessar nossa barreira imunológica e se instala no pulmão, ele segue fazendo estragos em outros órgãos.

Imagem: BBC

Um artigo publicado em abril na revista Science destacava que um possível sinalizador das regiões mais vulneráveis do corpo seria aquelas ricas em receptores chamados ECA2 (enzima conversora da angiotensina 2).

Com a função de regular a pressão sanguínea, essas proteínas ficam na superfície da célula e são usadas como porta de entrada pelo vírus, que utiliza a estrutura celular para se reproduzir.

Além dos pulmões (mais especificamente os alvéolos pulmonares), o ECA2 também é encontrado em órgãos como o coração, o intestino e os rins - que têm sofrido lesões importantes em pacientes em estado mais grave.

"Por isso dizemos que a covid-19 é uma doença sistêmica, e não apenas respiratória", diz Dalcolmo, da Fiocruz.

Os cientistas ainda investigam se esses danos são causados diretamente pelo vírus ou por fatores indiretos ligados à doença.

Uma possibilidade, por exemplo, é que a "tempestade inflamatória" que o sistema imunológico gera para tentar combater o vírus, inundando o organismo de citocinas, acabe lesionando esses órgãos. Parte também pode ser uma consequência da própria infecção. Rins e coração

Independentemente da causa, os cientistas procuram entender quais desses efeitos têm consequências de curto, médio ou longo prazo.

Um estudo recente - com resultados preocupantes - realizado na Alemanha apontou que, entre 100 pacientes recuperados, 78% apresentaram algum tipo de anomalia no coração mais de dois meses após a alta. Boa parte (67%) tivera uma forma branda da doença e sequer havia sido hospitalizada.

No caso dos rins, as evidências mostram uma incidência elevada de falência entre os casos mais graves de covid-19.

Um amplo estudo com dados de pacientes internados em Nova York entre 1 de março e 5 de abril revelou que, dentre 5.449, mais de um terço, 1.993, desenvolveram insuficiência renal aguda. Cérebro

A ocorrência de uma série de sintomas neurológicos que vão de confusão mental e dificuldade cognitiva a delírio também tem sido documentada entre pacientes com covid-19.

No Brasil, uma força-tarefa do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul (Inscer), vinculado à PUC-RS, investiga, entre outras frentes, quais sequelas podem ficar desses sintomas.

O neurologista Jaderson Costa da Costa, que coordena o grupo, conta que, entre os casos mais graves atendidos pela equipe no Hospital São Lucas, em Porto Alegre, têm sido observadas convulsões, casos de síndrome de Guillain-Barré (que ataca o sistema nervoso e causa fraqueza muscular) e de encefalite, a inflamação do parênquima do encéfalo.

Um estudo recente da University College London chamou atenção para um caso raro e grave de encefalite que tem acometido alguns pacientes com covid - a encefalomielite aguda disseminada. Sistema vascular

Outra complicação neurológica que os médicos têm observado em pacientes com casos graves é a ocorrência de acidentes vasculares cerebrais (AVC).

Por alguma razão que os cientistas ainda desconhecem, o Sars-CoV-2 aumenta a tendência de coagulação do sangue.

Tanto que um fragmento de proteína usado no diagnóstico de trombose, o dímero-D, virou um marcador de gravidade para pacientes com covid.

"Quando ele está alto, é um sinal de possível evolução para um quadro mais grave", diz o pneumologista do Fleury João Salge.

A coagulação desenfreada pode levar a um tromboembolismo venoso - o bloqueio de uma via sanguínea, que pode acabar causando AVC, embolia pulmonar ou a necrose de extremidades, levando à necessidade de amputação, o que também tem sido observado em pacientes com covid.

"Essa dicotomia entre 'morreu' e 'sobreviveu' é errada", diz o pneumologista Gustavo Prado, chamando atenção para a necessidade de se discutir a reabilitação dos recuperados.

Para ele, a ampla gama de possíveis sequelas deixadas pela covid-19 e a dimensão da população atingida deveriam transformar esse processo de recuperação em uma questão mais ampla, que envolvesse uma estratégia de saúde pública e assistência social e incluísse profissionais da saúde de diferentes frentes.

Segmento: Outras Universidades

12/08/2020 | ACI NH | acinh.com.br | Geral

Pesquisa vai analisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo

<http://www.acinh.com.br/noticia/pesquisa-vai-analisar-a-variabilidade-dos-aspectos-clinicos-da-covid-19-no-mundo>

Universidade Feevale representa o Brasil nos estudos financiados pela Comunidade Europeia

A Covid-19 vem sendo alvo de muitos estudos, mas ainda de forma isolada pelas universidades de cada país. Para que haja uma comparação mundial, a partir dos dados mais evidentes de pacientes que tiveram a doença confirmada, a Comunidade Europeia acaba de aprovar o projeto UnCover, que vai pesquisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo.

O projeto é liderado pelo Instituto de Medicina da Universidade da Antuérpia, da Bélgica, e conta com a participação de 30 instituições, localizadas em 18 países. O Brasil está representado pela Universidade Feevale (Rio Grande do Sul), que vem sendo referência no diagnóstico da doença. A Instituição foi convidada a participar devido à parceria que possui, há alguns anos, com a área de saúde da University of South Florida, dos Estados Unidos.

À frente do projeto na Feevale, Fernando Spilki, professor do mestrado em Virologia, diz que os estudos financiados pela Comunidade Europeia começarão na metade deste semestre e terão duração de dois anos. As universidades participantes analisarão os dados clínicos de milhares de pacientes para comparar as realidades dos países. "Queremos entender como a Covid-19 se manifesta em diferentes populações, se tem variabilidade ou não, se realmente podemos classificar a doença no mundo inteiro de forma igual e se ela permanecerá com as mesmas características ao longo do tempo", afirma Spilki.

Países e instituições participantes:

Bélgica

- University of Antwerp
- Sciensano

Bósnia

Univerzitet u Sarajevu

Brasil

- Universidade Feevale

Colômbia

- Universidad de Antioquia

Coreia do Sul

- Korea University

Croácia

- Croatian National Institute of Public Health
- Institut za Antropologiju - Inantro

Eslováquia

- Trnavská Univerzita v Trnave

Espanha

- Fundación de Investigación HM Hospitales
- Universidad Politécnica de Madrid
- Universidad de Navarra
- Fundación para la Investigación Biomédica del Hospital Universitario la Princesa
- Instituto Investigación Sanitaria de la Fundación Jiménez Díaz

Estados Unidos

- University of South Florida

Grécia

- University of Thessaly

Inglaterra

- St Mary's University

Irlanda

- Technological University Dublin
- University College Cork
- National University of Ireland

Itália

- Istituto Sacro Cuore Don Calabria
- Azienda Ulss 6 Euganea

Luxemburgo

- Luxembourg Institute of Health

Noruega

- University of South-Eastern Norway

Portugal

- Universidade do Porto
- Universidade Católica Portuguesa
- Instituto Politécnico de Coimbra

Romênia

- Universitatea de Medicina si Farmacie Iuliu Hatieganu
- Universitatea de Medicina si Farmacie Grigore T. Popa

Turquia

- Baskent Universitesi Vakfi - Baskentuniversity

Fonte/Associada: Universidade Feevale

Pesquisa sobre coronavírus no Rio Grande do Sul entra na sétima etapa de testes

<https://www.acusticafm.com.br/noticias/34469/pesquisa-sobre-coronavirus-no-rio-grande-do-sul-entra-na-setima-etapa-de-testes.html>

Resultados mais recentes apontou aumento de gaúchos com anticorpos para doença

O próximo fim de semana marcará a sétima rodada do estudo de Evolução da Prevalência de Infecção por Covid-19 no Rio Grande do Sul (Epicovid19-RS). Encomendada pelo governo do Estado à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a pesquisa irá repetir, entre o sábado (15/8) e a próxima segunda-feira (17/8), a aplicação de testes rápidos e entrevistas de 4.500 pessoas em nove cidades das regiões demográficas do Estado, segundo classificação do IBGE: Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Caxias do Sul, Passo Fundo, Santa Maria, Ijuí, Santa Cruz do Sul e Uruguaiana. O trabalho busca estimar o percentual da população gaúcha que já contraiu o coronavírus.

Os dados mais recentes da pesquisa identificaram que a proporção de habitantes com anticorpos para o coronavírus dobrou no Rio Grande do Sul no intervalo de um mês. O número estimado de pessoas que têm ou já tiveram o coronavírus passou de 55.904 (32.891 a 81.059, pela margem de erro), na última semana de junho, para 108.716 (78.774 a 146.196), na última semana de julho. Esse aumento motivou a coordenação do estudo, em decisão conjunta com o governo do Estado, a antecipar em uma semana a realização da sétima etapa.

"Fazemos um raio X do coronavírus no Estado. É o único estudo populacional no mundo a realizar sete fases de acompanhamento com a população das mesmas cidades", diz a epidemiologista Mariângela Freitas da Silveira, que integra a coordenação do estudo na UFPel.

"O estudo em solo gaúcho encontrou uma evolução no percentual de casos semelhante à do estudo nacional, em que a prevalência também dobrou no intervalo de um mês. Enquanto o país atingiu 100 mil óbitos nesta semana, o RS tem apresentado aumento do número de casos, internações e mortes, com uma taxa de ocupação de leitos de UTI em geral em torno de 76%. A próxima coleta será muito importante para avaliarmos a realidade dos casos na população e o avanço do coronavírus nas diferentes regiões em relação à etapa anterior", afirma a epidemiologista.

Em cada município do estudo, a seleção das residências e dos moradores que irão fazer o teste para o coronavírus ocorre por meio de um sorteio aleatório, utilizando os setores censitários do IBGE como base. Além do exame, o participante responde a uma breve entrevista sobre ocorrência de sintomas relacionados à Covid-19, busca por assistência médica e rotina das famílias em relação às medidas de distanciamento social.

Coordenadora do Comitê de Dados do governo no enfrentamento da Covid-19, Leany Lemos ressalta que o estudo sobre a prevalência da doença é importante para que se possa monitorar o comportamento da pandemia e a capacidade de atendimento em cada região, mas acima de tudo para alertar a população sobre as medidas de prevenção. "Sempre digo que o vetor dessa doença é o ser humano. Nós somos os vetores, então é justamente os nossos cuidados, o distanciamento, o uso de máscara e evitar aglomerações. É assim que faremos essa contenção", reforçou Leany Lemos.

Parcerias

A pesquisa tem apoio das secretarias de saúde e dos órgãos de segurança dos municípios e segue todos os protocolos de biossegurança para proteger os entrevistadores e participantes. Em caso de dúvida, os moradores podem entrar em contato com a Guarda Municipal ou Brigada Militar para obter informações sobre as visitas às casas.

O estudo mobiliza 12 universidades públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); Imed; Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo); Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

A partir desta rodada, o Banrisul também irá participar do financiamento do estudo, juntamente com a Unimed Porto Alegre, o

Instituto Cultural Floresta, também da capital, e o Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados vão ser divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do governo estadual cerca de 72 horas após a finalização da coleta de dados.

12/08/2020 | Blog do Juares | blogdojuares.com.br | Geral

Pesquisa sobre coronavírus no Rio Grande do Sul entra na sétima etapa de testes

<https://blogdojuares.com.br/noticia/48586/pesquisa-sobre-coronavirus-no-rio-grande-do-sul-entra-na-setima-etapa-de-testes.html>

O próximo fim de semana marcará a sétima rodada do estudo de Evolução da Prevalência de Infecção por covid-19 no Rio Grande do Sul (Epicovid19-RS). Encomendada pelo governo do Estado à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a pesquisa irá repetir, entre o sábado (15) e a próxima segunda-feira (17), a aplicação de testes rápidos e entrevistas de 4.500 pessoas em nove cidades das regiões demográficas do Estado, segundo classificação do IBGE: Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Caxias do Sul, Passo Fundo, Santa Maria, Ijuí, Santa Cruz do Sul e Uruguaiana. O trabalho busca estimar o percentual da população gaúcha que já contraiu o coronavírus.

Os dados mais recentes da pesquisa identificaram que a proporção de habitantes com anticorpos para o coronavírus dobrou no Rio Grande do Sul no intervalo de um mês. O número estimado de pessoas que têm ou já tiveram o coronavírus passou de 55.904 (32.891 a 81.059, pela margem de erro), na última semana de junho, para 108.716 (78.774 a 146.196), na última semana de julho. Esse aumento motivou a coordenação do estudo, em decisão conjunta com o governo do Estado, a antecipar em uma semana a realização da sétima etapa.

"Fazemos um raio X do coronavírus no Estado. É o único estudo populacional no mundo a realizar sete fases de acompanhamento com a população das mesmas cidades", diz a epidemiologista Mariângela Freitas da Silveira, que integra a coordenação do estudo na UFPel.

"O estudo em solo gaúcho encontrou uma evolução no percentual de casos semelhante à do estudo nacional, em que a prevalência também dobrou no intervalo de um mês. Enquanto o país atingiu 100 mil óbitos nesta semana, o RS tem apresentado aumento do número de casos, internações e mortes, com uma taxa de ocupação de leitos de UTI em geral em torno de 76%. A próxima coleta será muito importante para avaliarmos a realidade dos casos na população e o avanço do coronavírus nas diferentes regiões em relação à etapa anterior", afirma a epidemiologista.

Em cada município do estudo, a seleção das residências e dos moradores que irão fazer o teste para o coronavírus ocorre por meio de um sorteio aleatório, utilizando os setores censitários do IBGE como base. Além do exame, o participante responde a uma breve entrevista sobre ocorrência de sintomas relacionados à covid-19, busca por assistência médica e rotina das famílias em relação às medidas de distanciamento social.

Coordenadora do Comitê de Dados do governo no enfrentamento da covid-19, Leany Lemos ressalta que o estudo sobre a prevalência da doença é importante para que se possa monitorar o comportamento da pandemia e a capacidade de atendimento em cada região, mas acima de tudo para alertar a população sobre as medidas de prevenção. "Sempre digo que o vetor dessa doença é o ser humano. Nós somos os vetores, então é justamente os nossos cuidados, o distanciamento, o uso de máscara e evitar aglomerações. É assim que faremos essa contenção", reforçou Leany Lemos.

Parcerias

A pesquisa tem apoio das secretarias de saúde e dos órgãos de segurança dos municípios e segue todos os protocolos de biossegurança para proteger os entrevistadores e participantes. Em caso de dúvida, os moradores podem entrar em contato com a Guarda Municipal ou Brigada Militar para obter informações sobre as visitas às casas.

O estudo mobiliza 12 universidades públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de

Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); Imed; Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo); Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

A partir desta rodada, o Banrisul também irá participar do financiamento do estudo, juntamente com a Unimed Porto Alegre, o Instituto Cultural Floresta, também da capital, e o Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados vão ser divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do governo estadual cerca de 72 horas após a finalização da coleta de dados.

12/08/2020 | Clic Camaquã | cliccamaqua.com.br | Geral

Covid-19: Pesquisa no Rio Grande do Sul entra na sétima etapa de testes

<https://www.cliccamaqua.com.br/noticia/57176/covid-19-pesquisa-no-rio-grande-do-sul-entra-na-setima-etapa-de-testes.html>

Resultados mais recentes apontaram que a proporção de gaúchos com anticorpos para o coronavírus dobrou no intervalo de um mês

O próximo fim de semana marcará a sétima rodada do estudo de Evolução da Prevalência de Infecção por Covid-19 no Rio Grande do Sul (Epicovid19-RS). Encomendada pelo governo do Estado à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a pesquisa irá repetir, entre o sábado (15/8) e a próxima segunda-feira (17/8), a aplicação de testes rápidos e entrevistas de 4.500 pessoas em nove cidades das regiões demográficas do Estado, segundo classificação do IBGE: Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Caxias do Sul, Passo Fundo, Santa Maria, Ijuí, Santa Cruz do Sul e Uruguaiana. O trabalho busca estimar o percentual da população gaúcha que já contraiu o coronavírus.

Os dados mais recentes da pesquisa identificaram que a proporção de habitantes com anticorpos para o coronavírus dobrou no Rio Grande do Sul no intervalo de um mês. O número estimado de pessoas que têm ou já tiveram o coronavírus passou de 55.904 (32.891 a 81.059, pela margem de erro), na última semana de junho, para 108.716 (78.774 a 146.196), na última semana de julho. Esse aumento motivou a coordenação do estudo, em decisão conjunta com o governo do Estado, a antecipar em uma semana a realização da sétima etapa.

"Fazemos um raio X do coronavírus no Estado. É o único estudo populacional no mundo a realizar sete fases de acompanhamento com a população das mesmas cidades", diz a epidemiologista Mariângela Freitas da Silveira, que integra a coordenação do estudo na UFPel.

"O estudo em solo gaúcho encontrou uma evolução no percentual de casos semelhante à do estudo nacional, em que a prevalência também dobrou no intervalo de um mês. Enquanto o país atingiu 100 mil óbitos nesta semana, o RS tem apresentado aumento do número de casos, internações e mortes, com uma taxa de ocupação de leitos de UTI em geral em torno de 76%. A próxima coleta será muito importante para avaliarmos a realidade dos casos na população e o avanço do coronavírus nas diferentes regiões em relação à etapa anterior", afirma a epidemiologista.

Em cada município do estudo, a seleção das residências e dos moradores que irão fazer o teste para o coronavírus ocorre por meio de um sorteio aleatório, utilizando os setores censitários do IBGE como base. Além do exame, o participante responde a uma breve entrevista sobre ocorrência de sintomas relacionados à Covid-19, busca por assistência médica e rotina das famílias em relação às medidas de distanciamento social.

Coordenadora do Comitê de Dados do governo no enfrentamento da Covid-19, Leany Lemos ressalta que o estudo sobre a prevalência da doença é importante para que se possa monitorar o comportamento da pandemia e a capacidade de atendimento em cada região, mas acima de tudo para alertar a população sobre as medidas de prevenção. "Sempre digo que o vetor dessa doença é o ser humano. Nós somos os vetores, então é justamente os nossos cuidados, o distanciamento, o uso de máscara e evitar aglomerações. É assim que faremos essa contenção", reforçou Leany Lemos. Parcerias

A pesquisa tem apoio das secretarias de saúde e dos órgãos de segurança dos municípios e segue todos os protocolos de

biossegurança para proteger os entrevistadores e participantes. Em caso de dúvida, os moradores podem entrar em contato com a Guarda Municipal ou Brigada Militar para obter informações sobre as visitas às casas.

O estudo mobiliza 12 universidades públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); Imed; Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo); Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

A partir desta rodada, o Banrisul também irá participar do financiamento do estudo, juntamente com a Unimed Porto Alegre, o Instituto Cultural Floresta, também da capital, e o Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados vão ser divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do governo estadual cerca de 72 horas após a finalização da coleta de dados.

12/08/2020 | Coletiva | coletiva.net | Geral

Pesquisa investiga impacto da pandemia no trabalho de publicitários e jornalistas gaúchos

<https://coletiva.net/comunicacao/pesquisa-investiga-impacto-da-pandemia-no-trabalho-de-publicitarios-e-jornalistas-gauchos,366595.jhtml>

Levantamento está sendo feito pelo Mestrado Profissional em Indústria Criativa da Universidade Feevale

Iniciativa é do Mestrado em Indústria Criativa da Feevale - Reprodução

Um mapeamento sobre o impacto da proliferação da Covid-19 nos veículos de comunicação e nas agências de publicidade gaúchos está sendo feito pelo Mestrado Profissional em Indústria Criativa da Universidade Feevale, de Novo Hamburgo. O levantamento está coletando informações sobre as mudanças no trabalho em setores criativos e no consumo digital dos gaúchos durante a pandemia, com medidas restritivas e o isolamento social. A iniciativa é coordenada pelos professores Cristiano Max Pereira Pinheiro, Vanessa Valiati e Maurício Barth.

De acordo com o coordenador do Mestrado em Indústria Criativa da Feevale, Cristiano Max Pereira Pinheiro, a pesquisa busca orientar a proposição de políticas públicas e soluções para os setores afetados pelo vírus. O mapeamento considera as especificidades de cada área criativa, propondo um levantamento regional com formulários técnicos e individuais. "A partir desse levantamento, compreenderemos de qual maneira podemos auxiliar esses modelos de negócio atingidos. É importante relacionarmos as políticas públicas com a necessidade de cada setor", afirma.

Além de avaliar a produção da comunicação neste período, a pesquisa também busca analisar o consumo de conteúdos digitais dos gaúchos no isolamento social. Para isso, a professora do Mestrado em Indústria Criativa Vanessa Valiati explica que está disponível um formulário dividido entre as áreas de audiovisual, música e jogos digitais. "A pesquisa vai ajudar a mapear o consumo de conteúdo criativo em plataformas de streaming durante a pandemia. Os dados coletados poderão auxiliar na mensuração da demanda por produtos específicos, fornecendo informações para a compreensão do cenário atual", argumenta.

Além disso, Vanessa ressalta que esse segmento do estudo conta com o auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), por meio de um edital de fomento de auxílio a recém-doutores. O projeto também conta o apoio do governo estadual, através do programa RS Criativo e da Secretaria de Cultura do Estado.

Questionário de Publicidade e Propaganda: abre.ai/ppicrs

Questionário de Rádio e Televisão: forms.gle/rax2VitFLpME4cGv9

Questionário de Consumo Digital: forms.gle/3bHUQwT3XrgtsQjh8

Mais informações podem ser obtidas pelo site www.feevale.br/industriacriativars.

#05 Vida Disruptiva | Futuro das carreiras e transformações do aprender e do ensinar

<https://www.correiogravatai.com.br/multimedia/podcasts/2020/08/12/05-vida-disruptiva---futuro-das-carreiras-e-transformacoes-do-aprender-e-do-ensinar.html>

Não há previsão exata sobre quais profissões serão as mais requisitadas no futuro, mas é possível prever quais habilidades indispensáveis para quem vem por aí no mercado de trabalho. Para pensar na relação entre o aprender e o ensinar no contexto atual e as transformações necessárias deste processo, o quinto episódio do podcast Vida Disruptiva se volta para histórias de quem prioriza a escuta e a inovação.

Foto por: Divulgação

Descrição da foto: Com a palavra, os professores. Tatiane, Cleber e Joice.

A reportagem apresenta a trajetória de duas professoras. Tatiane Schuster, de Harmonia, que teve sua vida transformada pelo ensino de línguas onde, além de ensinar, aprendeu com os alunos no Brasil e na Alemanha; e Joice Lamb, coordenadora pedagógica da EMEF Profª Adolfina J. M. Diefenthaler, em Novo Hamburgo, premiada nacionalmente por suas iniciativas que dão protagonismo aos alunos.

Leia também #01 Vida Disruptiva | Economia e indústria criativa

#02 Vida Disruptiva | Mesmo na pandemia, internacionalização da carreira pode continuar

#03 Vida Disruptiva | Nem toda startup é empresa de tecnologia, mas inovação é requisito

#04 Vida Disruptiva | Mercado pet: Segmento da economia movimentou mais de R\$ 30 bilhões

O episódio tem a participação do também professor, e reitor da Universidade Feevale, Cleber Prodanov, que fala sobre as mudanças e prioridades na educação, além das habilidades fundamentais para o que vem pela frente.

O podcast Vida Disruptiva, que pode ser ouvido nos principais players de música, como Spotify e Deezer, tem o patrocínio da Universidade Feevale.

Listen to "#05 / Futuro das carreiras, do ensinar e do aprender" on Spreaker. TAGS: blended learning educação ensino podcast vida disruptiva

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

Feevale será o Brasil em pesquisa que analisará comportamento da Covid pelo mundo

https://www.correiogravatai.com.br/noticias/novo_hamburgo/2020/08/12/pesquisa-vai-analisar-como-covid-19-se-manifesta-em-diferentes-populacoes-pelo-mundo.html

Fernando Spilki liderará o projeto na Feevale Foto: Carlos Rissotto/GES-Especial A Covid-19 vem sendo alvo de muitos estudos, mas ainda de forma isolada pelas universidades de cada país. Para que haja uma comparação mundial, a partir dos dados mais evidentes de pacientes que tiveram a doença confirmada, a Comunidade Europeia acaba de aprovar o projeto UnCover, que vai pesquisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo.

Leia também Meteorologia aponta quarta-feira chuvosa e com risco de temporais e queda de granizo

'Prefeitos e professores contra a volta das crianças às escolas'

Mais da metade dos profissionais que combatem a Covid em Novo Hamburgo têm sintomas de exaustão

O projeto é liderado pelo Instituto de Medicina da Universidade da Antuérpia, da Bélgica, e conta com a participação de 30 instituições, localizadas em 18 países. O Brasil está representado pela Universidade Feevale, de Novo Hamburgo, que vem sendo referência no diagnóstico da doença. A instituição foi convidada a participar devido à parceria que possui, há alguns anos, com a área de saúde da University of South Florida, dos Estados Unidos.

À frente do projeto na Feevale, Fernando Spilki, professor do mestrado em Virologia, diz que os estudos financiados pela Comunidade Europeia começarão na metade deste semestre e terão duração de dois anos. As universidades participantes analisarão os dados clínicos de milhares de pacientes para comparar as realidades dos países. "Queremos entender como a Covid-19 se manifesta em diferentes populações, se tem variabilidade ou não, se realmente podemos classificar a doença no mundo inteiro de forma igual e se ela permanecerá com as mesmas características ao longo do tempo", afirma Spilki. Países e instituições participantes

Bélgica

University of Antwerp e Sciensano

Bósnia

Univerzitet u Sarajevu

Brasil

Universidade Feevale

Colômbia

Universidad de Antioquia

Coreia do Sul

Korea University

Croácia

Croatian National Institute of Public Health e Institut za Antropologiju - Inantro

Eslováquia

Trnavská Univerzita v Trnave

Espanha

Fundación de Investigación HM Hospitales, Universidad Politécnica de Madrid, Universidad de Navarra, Fundación para la Investigación Biomédica del Hospital Universitario la Princesa e Instituto Investigación Sanitaria de la Fundación Jiménez Díaz

Estados Unidos
University of South Florida

Grécia
University of Thessaly

Inglaterra
St Mary's University

Irlanda
Technological University Dublin, University College Cork e National University of Ireland

Itália
Istituto Sacro Cuore Don Calabria e Azienda Ulss 6 Euganea

Luxemburgo
Luxembourg Institute of Health

Noruega
University of South-Eastern Norway

Portugal
Universidade do Porto, Universidade Católica Portuguesa e Instituto Politécnico de Coimbra

Romênia
Universitatea de Medicina si Farmacie Iuliu Hatieganu e Universitatea de Medicina si Farmacie Grigore T. Popa

Turquia
Baskent Universitesi Vakfi - Baskentuniversity TAGS: covid-19 Fernando Spilki pesquisa

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/08/2020 | Correio de Gravataí | [correiogravatai.com.br](https://www.correiogravatai.com.br) | Geral

Mais da metade dos profissionais que combatem a Covid em Novo Hamburgo têm sintomas de exaustão

https://www.correiogravatai.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/08/12/mais-da-metade-dos-profissionais-que-combatem-a-covid-em-novo-hamburgo-tem-sintomas-de-exaustao.html

UTI do Hospital Municipal de Novo Hamburgo Foto: Divulgação/FMSNH

Sintomas compatíveis com exaustão e síndrome de Burnout - este é o resultado preliminar preocupante em 60% dos entrevistados de

uma pesquisa realizada com funcionários da área da saúde da cidade de Novo Hamburgo, que atuam na linha de frente do combate à Covid-19. Trata-se do estudo Estresse percebido e saúde mental no enfrentamento à Covid-19 entre profissionais de saúde da linha de frente, vinculado ao mestrado em Psicologia da Universidade Feevale e realizado pelos professores Eduardo Guimarães Camargo, Rogério Lessa Horta e Marcus Levi Lopes Barbosa e pelo acadêmico Pedro José Sartorelli Lantin.

Ainda em desenvolvimento, a pesquisa selecionou funcionários indicados pelo Hospital Municipal de Novo Hamburgo (HMNH), referência no Sistema Único de Saúde (SUS) para o enfrentamento à Covid-19 no município e região. Na primeira etapa, foram entrevistadas 63 pessoas, sendo 44 profissionais de enfermagem (36 dos quais, de nível técnico), 11 de medicina, um de fisioterapia e sete de apoio. Feito com metodologia mista, por meio de chamadas telefônicas ou chamadas de áudio ou vídeo pelo aplicativo WhatsApp, o estudo aplicou questionários de percepção de estresse e indicadores de saúde mental. Os profissionais também foram convidados a participarem de entrevistas em profundidade, que servirão, ainda, como oferta de escuta qualificada ao longo do período de enfrentamento.

A primeira série de entrevistas foi realizada entre os dias 13 e 20 de junho, o que corresponde ao final da Semana Epidemiológica (SE) 24 e o início da SE 26 - na qual o Estado contava com 25.608 casos, 3.430 hospitalizações e 591 óbitos e Novo Hamburgo, com 30,6 hospitalizações para cada 100 mil habitantes e 5,4 óbitos para cada 100 mil habitantes. Dos profissionais ouvidos, 71% são mulheres, 54 residem fora do município e 79,5% vivem com outras pessoas no mesmo domicílio. Na semana que antecedeu as entrevistas, os profissionais trabalharam 54,1h de trabalho, 35h das quais na linha de frente da pandemia.

Os dados mais preocupantes, de acordo com os pesquisadores, são os que indicam os níveis de estresse e cansaço mental: 40% dos profissionais apresentaram indicações de adoecimento psíquico, por meio de inventários de estimativa de Sofrimento Psíquico, e 41% tiveram nível elevado de Percepção do Estresse. Porém, o que causa mais atenção é o inventário de Burnout, que demonstrou que 60% dos entrevistados manifestaram escores compatíveis com exaustão, e 49%, distanciamento de suas atividades, que é indicativo de redução da capacidade de manter o envolvimento efetivo nas tarefas. Foram identificados 39,7% dos profissionais com escores elevados nestas duas últimas dimensões, o que é compatível com Burnout - que é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante.

Para os professores que conduzem o estudo, as condições específicas da atividade em linha de frente tornam as cargas semanais de trabalho ainda mais extenuantes. De acordo com o professor Rogério Lessa Horta, nas primeiras entrevistas em profundidade já analisadas, foram destacados longos plantões como característica do trabalho e sem intervalos devido à paramentação, que só pode ser retirada no final do turno.

"Foram citados, como dificultando a atividade profissional, o uso de equipamentos de proteção individual por um longo período, o isolamento dentro do próprio hospital, pois não se pode acessar outras áreas como copa e banheiros, além do risco da própria contaminação do profissional, além temores e culpa relacionados às famílias, tanto pelo distanciamento, quanto pela proximidade, que aumenta a chance de contágio." explica o professor Rogério Lessa Horta."

O que transparece nas entrevistas como alívio para os profissionais, e que pode ser um fator importante para ajudá-los a passar por esse momento, é a união das equipes, como um aspecto que favorece o desempenho no enfrentamento. Poucos estão em atendimento psicoterápico ou utilizam psicofármacos, mas várias solicitações de indicações de serviços de apoio ou atendimento emocional chegaram aos pesquisadores, o que apontaria para uma das futuras ações de enfrentamento do desgaste das equipes. "Inicialmente, recomenda-se avaliar a necessidade de priorizar repouso e intervalos, o que poderá exigir adequações de rotinas e espaços físicos, além de ampliar a oferta de apoio emocional às equipes", diz Horta, completando que o estudo seguirá, pelo menos, até setembro, mas podendo ser estendido até novembro, a depender de como se comportar a pandemia.

Confira os números

Profissionais de saúde do Hospital Municipal de Novo Hamburgo - 63

71 % mulheres

54 % residentes fora de NH

79,5 % vivem com outras pessoas no mesmo domicílio

Covid-19

48% informaram terem sido testados
13% possuíam, no momento da entrevista, sintomas compatíveis com a Covid-19
8% testaram positivo para Covid-19
29% apresentam comorbidades consideradas como risco aumentado em caso de Covid-19

Estresse percebido e saúde mental
40% com indicações de adoecimento psíquico
41% possuem nível elevado de percepção de estresse
60% possuem escores compatíveis com exaustão
49% indicam distanciamento de suas atividades TAGS: pesquisa

12/08/2020 | Correio do Povo | correiodopovo.com.br | Geral

UBS Madezatti será construída pela iniciativa privada no bairro Feitoria, em São Leopoldo

<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/ubs-madezatti-ser%C3%A1-constru%C3%ADda-pela-iniciativa-privada-no-bairro-feitoria-em-s%C3%A3o-leopoldo-1.464048>

Obra será executada pela Neo Incorporações após acordo de medidas compensatórias urbanísticas
publicidade

O bairro Feitoria, o mais populoso de São Leopoldo, terá em breve mais uma Unidade Básica de Saúde. A unidade, que será construída ao lado da Escola Caic Madezatti, na Rua Francisco A. dos Santos, e não terá custo para a administração municipal. A construção será feita pela empresa Neo Incorporações, que tocará o projeto como parte das medidas compensatórias urbanísticas previstas em lei.

Segundo o prefeito Ary Vanazzi, a população aguarda pela unidade desde 2008, quando a obra foi votada pelo Orçamento Participativo daquele ano. "Não conseguimos fazer, e agora, por meio de uma parceria exitosa, estamos construindo", explica.

O prédio terá 220 metros quadrados abrigando consultório ginecológico, três consultórios clínicos, um consultório odontológico, sala de procedimentos, recepção, salas de vacinação, de educação e saúde e quatro banheiros, sendo um deles adaptado para pessoas com deficiência física.

"É uma obra estruturante que vai mudar completamente a vida da população desta região", disse o secretário da Saúde Ricardo Charão.

A UBS Madezatti irá contar com uma equipe de atenção primária, que será composta por médico, enfermeiro, técnico de enfermagem, cirurgião dentista e auxiliar de saúde bucal, sendo ainda, campo de integração entre ensino e serviço de curso técnico, graduação e pós-graduação do curso de Medicina da Unisinos.

12/08/2020 | Correio do Povo | correiodopovo.com.br | Geral

Feevale integrará projeto de pesquisa sobre o novo coronavírus no mundo

<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/feevale-integrar%C3%A1-projeto-de-pesquisa-sobre-o-novo-coronav%C3%ADrus-no-mundo-1.464127>

A ação é liderada pelo Instituto de Medicina da Universidade da Antuérpia da Bélgica
publicidade

A Universidade Feevale, com sede em Novo Hamburgo, é a primeira instituição de ensino do país a integrar o projeto UnCover, que vai pesquisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo. A ação é liderada pelo Instituto de Medicina da Universidade da Antuérpia, da Bélgica, e conta com a participação de 30 instituições, localizadas em 18 países.

A Feevale vem sendo referência no diagnóstico da doença para os municípios do Vale do Sinos e foi convidada a participar devido à parceria que possui, há alguns anos, com a área de saúde da University of South Florida, dos Estados Unidos. À frente do projeto na Feevale, Fernando Spilki, professor do mestrado em Virologia, diz que os estudos financiados pela Comunidade Europeia começarão na metade deste semestre e terão duração de dois anos.

As universidades participantes analisarão os dados clínicos de milhares de pacientes para comparar as realidades dos países. "Queremos entender como a Covid-19 se manifesta em diferentes populações, se tem variabilidade ou não, se realmente podemos classificar a doença no mundo inteiro de forma igual e se ela permanecerá com as mesmas características ao longo do tempo", afirma Spilki. Entre instituições participantes estão universidades da Bélgica, Colômbia, Coreia do Sul, Croácia, Espanha, Estados Unidos, Grécia, Inglaterra, Irlanda, Itália.

12/08/2020 | Diário de Cachoeirinha | diariocachoeirinha.com.br | Geral

#05 Vida Disruptiva | Futuro das carreiras e transformações do aprender e do ensinar

<http://www.diariocachoeirinha.com.br/multimedia/podcasts/2020/08/12/05-vida-disruptiva---futuro-das-carreiras-e-transformacoes-do-aprender-e-do-ensinar.html>

Não há previsão exata sobre quais profissões serão as mais requisitadas no futuro, mas é possível prever quais habilidades indispensáveis para quem vem por aí no mercado de trabalho. Para pensar na relação entre o aprender e o ensinar no contexto atual e as transformações necessárias deste processo, o quinto episódio do podcast Vida Disruptiva se volta para histórias de quem prioriza a escuta e a inovação.

Foto por: Divulgação

Descrição da foto: Com a palavra, os professores. Tatiane, Cleber e Joice.

A reportagem apresenta a trajetória de duas professoras. Tatiane Schuster, de Harmonia, que teve sua vida transformada pelo ensino de línguas onde, além de ensinar, aprendeu com os alunos no Brasil e na Alemanha; e Joice Lamb, coordenadora pedagógica da EMEF Profª Adolfin J. M. Diefenthaler, em Novo Hamburgo, premiada nacionalmente por suas iniciativas que dão protagonismo aos alunos.

Leia também #01 Vida Disruptiva | Economia e indústria criativa

#02 Vida Disruptiva | Mesmo na pandemia, internacionalização da carreira pode continuar

#03 Vida Disruptiva | Nem toda startup é empresa de tecnologia, mas inovação é requisito

#04 Vida Disruptiva | Mercado pet: Segmento da economia movimentou mais de R\$ 30 bilhões

O episódio tem a participação do também professor, e reitor da Universidade Feevale, Cleber Prodanov, que fala sobre as mudanças e prioridades na educação, além das habilidades fundamentais para o que vem pela frente.

O podcast Vida Disruptiva, que pode ser ouvido nos principais players de música, como Spotify e Deezer, tem o patrocínio da Universidade Feevale.

Listen to "#05 / Futuro das carreiras, do ensinar e do aprender" on Spreaker. TAGS: blended learning educação ensino podcast vida disruptiva

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/08/2020 | Diário de Cachoeirinha | diariocachoeirinha.com.br | Geral

Feevale será o Brasil em pesquisa que analisará comportamento da Covid pelo mundo

http://www.diariocachoeirinha.com.br/noticias/novo_hamburgo/2020/08/12/feevale-sera-o-brasil-em-pesquisa-que-analisara-comportamento-da-covid-pelo-mundo.html

Fernando Spilki liderará o projeto na Feevale Foto: Carlos Rissotto/GES-Especial A Covid-19 vem sendo alvo de muitos estudos, mas ainda de forma isolada pelas universidades de cada país. Para que haja uma comparação mundial, a partir dos dados mais evidentes de pacientes que tiveram a doença confirmada, a Comunidade Europeia acaba de aprovar o projeto UnCover, que vai pesquisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo.

Leia também Meteorologia aponta quarta-feira chuvosa e com risco de temporais e queda de granizo

'Prefeitos e professores contra a volta das crianças às escolas'

Mais da metade dos profissionais que combatem a Covid em Novo Hamburgo têm sintomas de exaustão

O projeto é liderado pelo Instituto de Medicina da Universidade da Antuérpia, da Bélgica, e conta com a participação de 30 instituições, localizadas em 18 países. O Brasil está representado pela Universidade Feevale, de Novo Hamburgo, que vem sendo referência no diagnóstico da doença. A instituição foi convidada a participar devido à parceria que possui, há alguns anos, com a área de saúde da University of South Florida, dos Estados Unidos.

À frente do projeto na Feevale, Fernando Spilki, professor do mestrado em Virologia, diz que os estudos financiados pela Comunidade Europeia começarão na metade deste semestre e terão duração de dois anos. As universidades participantes analisarão os dados clínicos de milhares de pacientes para comparar as realidades dos países. "Queremos entender como a Covid-19 se manifesta em diferentes populações, se tem variabilidade ou não, se realmente podemos classificar a doença no mundo inteiro de forma igual e se ela permanecerá com as mesmas características ao longo do tempo", afirma Spilki. Países e instituições participantes

Bélgica

University of Antwerp e Sciensano

Bósnia

Univerzitet u Sarajevu

Brasil

Universidade Feevale

Colômbia

Universidade de Antioquia

Coreia do Sul

Korea University

Croácia

Croatian National Institute of Public Health e Institut za Antropologiju - Inantro

Eslováquia

Trnavská Univerzita v Trnave

Espanha

Fundación de Investigación HM Hospitales, Universidad Politécnica de Madrid, Universidad de Navarra, Fundación para la Investigación Biomédica del Hospital Universitario la Princesa e Instituto Investigación Sanitaria de la Fundación Jiménez Díaz

Estados Unidos

University of South Florida

Grécia

University of Thessaly

Inglaterra

St Mary's University

Irlanda

Technological University Dublin, University College Cork e National University of Ireland

Itália

Istituto Sacro Cuore Don Calabria e Azienda Ulss 6 Euganea

Luxemburgo

Luxembourg Institute of Health

Noruega

University of South-Eastern Norway

Portugal

Universidade do Porto, Universidade Católica Portuguesa e Instituto Politécnico de Coimbra

Romênia

Universitatea de Medicina si Farmacie Iuliu Hatieganu e Universitatea de Medicina si Farmacie Grigore T. Popa

Turquia

Baskent Universitesi Vakfi - Baskentuniversity TAGS: covid-19 Fernando Spilki pesquisa

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

12/08/2020 | Diário de Cachoeirinha | diariocachoeirinha.com.br | Geral

Mais da metade dos profissionais que combatem a Covid em Novo Hamburgo têm sintomas de exaustão

http://www.diariocachoeirinha.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/08/12/mais-da-metade-dos-profissionais-que-combatem-a-covid-em-novo-hamburgo-tem-sintomas-de-exaustao.html

UTI do Hospital Municipal de Novo Hamburgo Foto: Divulgação/FMSNH

Sintomas compatíveis com exaustão e síndrome de Burnout - este é o resultado preliminar preocupante em 60% dos entrevistados de uma pesquisa realizada com funcionários da área da saúde da cidade de Novo Hamburgo, que atuam na linha de frente do combate à Covid-19. Trata-se do estudo Estresse percebido e saúde mental no enfrentamento à Covid-19 entre profissionais de saúde da linha de frente, vinculado ao mestrado em Psicologia da Universidade Feevale e realizado pelos professores Eduardo Guimarães Camargo, Rogério Lessa Horta e Marcus Levi Lopes Barbosa e pelo acadêmico Pedro José Sartorelli Lantin.

Ainda em desenvolvimento, a pesquisa selecionou funcionários indicados pelo Hospital Municipal de Novo Hamburgo (HMNH), referência no Sistema Único de Saúde (SUS) para o enfrentamento à Covid-19 no município e região. Na primeira etapa, foram entrevistadas 63 pessoas, sendo 44 profissionais de enfermagem (36 dos quais, de nível técnico), 11 de medicina, um de fisioterapia e sete de apoio. Feito com metodologia mista, por meio de chamadas telefônicas ou chamadas de áudio ou vídeo pelo aplicativo WhatsApp, o estudo aplicou questionários de percepção de estresse e indicadores de saúde mental. Os profissionais também foram convidados a participarem de entrevistas em profundidade, que servirão, ainda, como oferta de escuta qualificada ao longo do período de enfrentamento.

A primeira série de entrevistas foi realizada entre os dias 13 e 20 de junho, o que corresponde ao final da Semana Epidemiológica (SE) 24 e o início da SE 26 - na qual o Estado contava com 25.608 casos, 3.430 hospitalizações e 591 óbitos e Novo Hamburgo, com 30,6 hospitalizações para cada 100 mil habitantes e 5,4 óbitos para cada 100 mil habitantes. Dos profissionais ouvidos, 71% são mulheres, 54 residem fora do município e 79,5% vivem com outras pessoas no mesmo domicílio. Na semana que antecedeu as entrevistas, os profissionais trabalharam 54,1h de trabalho, 35h das quais na linha de frente da pandemia.

Os dados mais preocupantes, de acordo com os pesquisadores, são os que indicam os níveis de estresse e cansaço mental: 40% dos profissionais apresentaram indicações de adoecimento psíquico, por meio de inventários de estimativa de Sofrimento Psíquico, e 41% tiveram nível elevado de Percepção do Estresse. Porém, o que causa mais atenção é o inventário de Burnout, que demonstrou que 60% dos entrevistados manifestaram escores compatíveis com exaustão, e 49%, distanciamento de suas atividades, que é indicativo de redução da capacidade de manter o envolvimento efetivo nas tarefas. Foram identificados 39,7% dos profissionais com escores elevados nestas duas últimas dimensões, o que é compatível com Burnout - que é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante.

Para os professores que conduzem o estudo, as condições específicas da atividade em linha de frente tornam as cargas semanais de trabalho ainda mais extenuantes. De acordo com o professor Rogério Lessa Horta, nas primeiras entrevistas em profundidade já analisadas, foram destacados longos plantões como característica do trabalho e sem intervalos devido à paramentação, que só pode ser retirada no final do turno.

"Foram citados, como dificultando a atividade profissional, o uso de equipamentos de proteção individual por um longo período, o isolamento dentro do próprio hospital, pois não se pode acessar outras áreas como copa e banheiros, além do risco da própria contaminação do profissional, além temores e culpa relacionados às famílias, tanto pelo distanciamento, quanto pela proximidade, que aumenta a chance de contágio." explica o professor Rogério Lessa Horta."

O que transparece nas entrevistas como alívio para os profissionais, e que pode ser um fator importante para ajudá-los a passar por esse momento, é a união das equipes, como um aspecto que favorece o desempenho no enfrentamento. Poucos estão em atendimento

psicoterápico ou utilizam psicofármacos, mas várias solicitações de indicações de serviços de apoio ou atendimento emocional chegaram aos pesquisadores, o que apontaria para uma das futuras ações de enfrentamento do desgaste das equipes. "Inicialmente, recomenda-se avaliar a necessidade de priorizar repouso e intervalos, o que poderá exigir adequações de rotinas e espaços físicos, além de ampliar a oferta de apoio emocional às equipes", diz Horta, completando que o estudo seguirá, pelo menos, até setembro, mas podendo ser estendido até novembro, a depender de como se comportar a pandemia.

Confira os números

Profissionais de saúde do Hospital Municipal de Novo Hamburgo - 63

71 % mulheres

54 % residentes fora de NH

79,5 % vivem com outras pessoas no mesmo domicílio

Covid-19

48% informaram terem sido testados

13% possuíam, no momento da entrevista, sintomas compatíveis com a Covid-19

8% testaram positivo para Covid-19

29% apresentam comorbidades consideradas como risco aumentado em caso de Covid-19

Estresse percebido e saúde mental

40% com indicações de adoecimento psíquico

41% possuem nível elevado de percepção de estresse

60% possuem escores compatíveis com exaustão

49% indicam distanciamento de suas atividades TAGS: covid-19 Novo Hamburgo pesquisa

12/08/2020 | Diário de Canoas | diariodecanoas.com.br | Geral

#05 Vida Disruptiva | Futuro das carreiras e transformações do aprender e do ensinar

<https://www.diariodecanoas.com.br/multimidia/podcasts/2020/08/12/05-vida-disruptiva---futuro-das-carreiras-e-transformacoes-do-aprender-e-do-ensinar.html>

Não há previsão exata sobre quais profissões serão as mais requisitadas no futuro, mas é possível prever quais habilidades indispensáveis para quem vem por aí no mercado de trabalho. Para pensar na relação entre o aprender e o ensinar no contexto atual e as transformações necessárias deste processo, o quinto episódio do podcast Vida Disruptiva se volta para histórias de quem prioriza a escuta e a inovação.

Foto por: Divulgação

Descrição da foto: Com a palavra, os professores. Tatiane, Cleber e Joice.

A reportagem apresenta a trajetória de duas professoras. Tatiane Schuster, de Harmonia, que teve sua vida transformada pelo ensino de línguas onde, além de ensinar, aprendeu com os alunos no Brasil e na Alemanha; e Joice Lamb, coordenadora pedagógica da EMEF Profª Adolfinia J. M. Diefenthaler, em Novo Hamburgo, premiada nacionalmente por suas iniciativas que dão protagonismo aos alunos.

Leia também #01 Vida Disruptiva | Economia e indústria criativa

#02 Vida Disruptiva | Mesmo na pandemia, internacionalização da carreira pode continuar

#03 Vida Disruptiva | Nem toda startup é empresa de tecnologia, mas inovação é requisito

O episódio tem a participação do também professor, e reitor da Universidade Feevale, Cleber Prodanov, que fala sobre as mudanças e prioridades na educação, além das habilidades fundamentais para o que vem pela frente.

O podcast Vida Disruptiva, que pode ser ouvido nos principais players de música, como Spotify e Deezer, tem o patrocínio da Universidade Feevale.

Listen to "#05 / Futuro das carreiras, do ensinar e do aprender" on Spreaker. TAGS: blended learning educação ensino podcast vida disruptiva

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/08/2020 | Diário de Canoas | diariodecanoas.com.br | Geral

Feevale será o Brasil em pesquisa que analisará comportamento da Covid pelo mundo

https://www.diariodecanoas.com.br/noticias/novo_hamburgo/2020/08/12/pesquisa-vai-analisar-como-covid-19-se-manifesta-em-diferentes-populacoes-pelo-mundo.html

Fernando Spilki liderará o projeto na Feevale Foto: Carlos Rissotto/GES-Especial A Covid-19 vem sendo alvo de muitos estudos, mas ainda de forma isolada pelas universidades de cada país. Para que haja uma comparação mundial, a partir dos dados mais evidentes de pacientes que tiveram a doença confirmada, a Comunidade Europeia acaba de aprovar o projeto UnCover, que vai pesquisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo.

Leia também Meteorologia aponta quarta-feira chuvosa e com risco de temporais e queda de granizo

'Prefeitos e professores contra a volta das crianças às escolas'

Mais da metade dos profissionais que combatem a Covid em Novo Hamburgo têm sintomas de exaustão

O projeto é liderado pelo Instituto de Medicina da Universidade da Antuérpia, da Bélgica, e conta com a participação de 30 instituições, localizadas em 18 países. O Brasil está representado pela Universidade Feevale, de Novo Hamburgo, que vem sendo referência no diagnóstico da doença. A instituição foi convidada a participar devido à parceria que possui, há alguns anos, com a área de saúde da University of South Florida, dos Estados Unidos.

À frente do projeto na Feevale, Fernando Spilki, professor do mestrado em Virologia, diz que os estudos financiados pela Comunidade Europeia começarão na metade deste semestre e terão duração de dois anos. As universidades participantes analisarão os dados clínicos de milhares de pacientes para comparar as realidades dos países. "Queremos entender como a Covid-19 se manifesta em diferentes populações, se tem variabilidade ou não, se realmente podemos classificar a doença no mundo inteiro de forma igual e se ela permanecerá com as mesmas características ao longo do tempo", afirma Spilki. Países e instituições participantes

Bélgica
University of Antwerp e Sciensano

Bósnia
Univerzitet u Sarajevu

Brasil
Universidade Feevale

Colômbia
Universidad de Antioquia

Coreia do Sul
Korea University

Croácia
Croatian National Institute of Public Health e Institut za Antropologiju - Inantro

Eslováquia
Trnavská Univerzita v Trnave

Espanha
Fundación de Investigación HM Hospitales, Universidad Politécnica de Madrid, Universidad de Navarra, Fundación para la Investigación Biomédica del Hospital Universitario la Princesa e Instituto Investigación Sanitaria de la Fundación Jiménez Díaz

Estados Unidos
University of South Florida

Grécia
University of Thessaly

Inglaterra
St Mary's University

Irlanda
Technological University Dublin, University College Cork e National University of Ireland

Itália
Istituto Sacro Cuore Don Calabria e Azienda Ulss 6 Euganea

Luxemburgo
Luxembourg Institute of Health

Noruega
University of South-Eastern Norway

Portugal
Universidade do Porto, Universidade Católica Portuguesa e Instituto Politécnico de Coimbra

Romênia
Universitatea de Medicina si Farmacie Iuliu Hatieganu e Universitatea de Medicina si Farmacie Grigore T. Popa

Turquia

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/08/2020 | Diário de Canoas | diariodecanoas.com.br | Geral

Mais da metade dos profissionais que combatem a Covid em Novo Hamburgo têm sintomas de exaustão

https://www.diariodecanoas.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/08/12/mais-da-metade-dos-profissionais-que-combatem-a-covid-em-novo-hamburgo-tem-sintomas-de-exaustao.html

UTI do Hospital Municipal de Novo Hamburgo Foto: Divulgação/FMSNH

Sintomas compatíveis com exaustão e síndrome de Burnout - este é o resultado preliminar preocupante em 60% dos entrevistados de uma pesquisa realizada com funcionários da área da saúde da cidade de Novo Hamburgo, que atuam na linha de frente do combate à Covid-19. Trata-se do estudo Estresse percebido e saúde mental no enfrentamento à Covid-19 entre profissionais de saúde da linha de frente, vinculado ao mestrado em Psicologia da Universidade Feevale e realizado pelos professores Eduardo Guimarães Camargo, Rogério Lessa Horta e Marcus Levi Lopes Barbosa e pelo acadêmico Pedro José Sartorelli Lantin.

Leia também Pacientes de Covid-19 podem continuar sentindo as consequências após tratamento

Putin diz que Rússia é o primeiro país a registrar vacina contra a Covid-19

Primeira viagem com ônibus adaptado para a Covid-19 acontece no RS nesta terça-feira

Anvisa não recebeu pedido de pesquisa ou registro da vacina russa contra Covid-19

Infectologista: tomar mais de uma vacina não significa maior proteção

Rio Grande do Sul registra mais de 3 mil novos casos e 55 óbitos associados à Covid-19

Ainda em desenvolvimento, a pesquisa selecionou funcionários indicados pelo Hospital Municipal de Novo Hamburgo (HMNH), referência no Sistema Único de Saúde (SUS) para o enfrentamento à Covid-19 no município e região. Na primeira etapa, foram entrevistadas 63 pessoas, sendo 44 profissionais de enfermagem (36 dos quais, de nível técnico), 11 de medicina, um de fisioterapia e sete de apoio. Feito com metodologia mista, por meio de chamadas telefônicas ou chamadas de áudio ou vídeo pelo aplicativo WhatsApp, o estudo aplicou questionários de percepção de estresse e indicadores de saúde mental. Os profissionais também foram convidados a participarem de entrevistas em profundidade, que servirão, ainda, como oferta de escuta qualificada ao longo do período de enfrentamento.

A primeira série de entrevistas foi realizada entre os dias 13 e 20 de junho, o que corresponde ao final da Semana Epidemiológica (SE) 24 e o início da SE 26 - na qual o Estado contava com 25.608 casos, 3.430 hospitalizações e 591 óbitos e Novo Hamburgo, com 30,6 hospitalizações para cada 100 mil habitantes e 5,4 óbitos para cada 100 mil habitantes. Dos profissionais ouvidos, 71% são mulheres, 54 residem fora do município e 79,5% vivem com outras pessoas no mesmo domicílio. Na semana que antecedeu as

entrevistas, os profissionais trabalharam 54,1h de trabalho, 35h das quais na linha de frente da pandemia.

Os dados mais preocupantes, de acordo com os pesquisadores, são os que indicam os níveis de estresse e cansaço mental: 40% dos profissionais apresentaram indicações de adoecimento psíquico, por meio de inventários de estimativa de Sofrimento Psíquico, e 41% tiveram nível elevado de Percepção do Estresse. Porém, o que causa mais atenção é o inventário de Burnout, que demonstrou que 60% dos entrevistados manifestaram escores compatíveis com exaustão, e 49%, distanciamento de suas atividades, que é indicativo de redução da capacidade de manter o envolvimento efetivo nas tarefas. Foram identificados 39,7% dos profissionais com escores elevados nestas duas últimas dimensões, o que é compatível com Burnout - que é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante.

Para os professores que conduzem o estudo, as condições específicas da atividade em linha de frente tornam as cargas semanais de trabalho ainda mais extenuantes. De acordo com o professor Rogério Lessa Horta, nas primeiras entrevistas em profundidade já analisadas, foram destacados longos plantões como característica do trabalho e sem intervalos devido à paramentação, que só pode ser retirada no final do turno.

"Foram citados, como dificultando a atividade profissional, o uso de equipamentos de proteção individual por um longo período, o isolamento dentro do próprio hospital, pois não se pode acessar outras áreas como copa e banheiros, além do risco da própria contaminação do profissional, além temores e culpa relacionados às famílias, tanto pelo distanciamento, quanto pela proximidade, que aumenta a chance de contágio." explica o professor Rogério Lessa Horta."

O que transparece nas entrevistas como alívio para os profissionais, e que pode ser um fator importante para ajudá-los a passar por esse momento, é a união das equipes, como um aspecto que favorece o desempenho no enfrentamento. Poucos estão em atendimento psicoterápico ou utilizam psicofármacos, mas várias solicitações de indicações de serviços de apoio ou atendimento emocional chegaram aos pesquisadores, o que apontaria para uma das futuras ações de enfrentamento do desgaste das equipes. "Inicialmente, recomenda-se avaliar a necessidade de priorizar repouso e intervalos, o que poderá exigir adequações de rotinas e espaços físicos, além de ampliar a oferta de apoio emocional às equipes", diz Horta, completando que o estudo seguirá, pelo menos, até setembro, mas podendo ser estendido até novembro, a depender de como se comportar a pandemia.

Confira os números

Profissionais de saúde do Hospital Municipal de Novo Hamburgo - 63

71 % mulheres

54 % residentes fora de NH

79,5 % vivem com outras pessoas no mesmo domicílio

Covid-19

48% informaram terem sido testados

13% possuíam, no momento da entrevista, sintomas compatíveis com a Covid-19

8% testaram positivo para Covid-19

29% apresentam comorbidades consideradas como risco aumentado em caso de Covid-19

Estresse percebido e saúde mental

40% com indicações de adoecimento psíquico

41% possuem nível elevado de percepção de estresse

60% possuem escores compatíveis com exaustão

49% indicam distanciamento de suas atividades TAGS: covid-19 Novo Hamburgo pesquisa

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/08/2020 | Eco Debate | ecodebate.com.br | Geral

Renda Básica Universal ou Pleno Emprego e Trabalho Decente?

<https://www.ecodebate.com.br/2020/08/12/renda-basica-universal-ou-pleno-emprego-e-trabalho-decente/>

"Uma esmola, para o homem que é são, ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão"

Luiz Gonzaga (1912-1989)

Artigo de José Eustáquio Diniz Alves

[EcoDebate] O Brasil vive uma emergência sanitária e um pandemônio econômico. Já são mais de 3 milhões de pessoas infectadas e mais de 100 mil mortes pela covid-19. O país está vivendo a recessão mais profunda da história nacional, com um sofrimento incalculável para as camadas mais pobres da população.

No meio da pandemia o Congresso Nacional aprovou o Auxílio Emergencial que é um benefício financeiro destinado aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados, e tem por objetivo fornecer proteção emergencial no período de enfrentamento à crise causada pela pandemia do Coronavírus. O benefício no valor de R\$ 600,00 será pago para até duas pessoas da mesma família. Para as famílias em que a mulher seja a única responsável pelas despesas da casa, o valor pago mensalmente será de R\$ 1.200,00.

Evidentemente, este Auxílio Emergencial foi fundamental para a sobrevivência das pessoas no período de isolamento social, de paralisação da economia e de aumento do desemprego. A queda dos níveis de ocupação tem ocorrido de forma dramática.

O gráfico abaixo, com dados da PNAD Contínua Mensal, mostra a taxa de atividade (PO/PIA) e a taxa de ocupação (PO/PT). No trimestre abr-mai-jun de 2012 a população ocupada representava 57,1% da população em idade ativa (PIA) e caiu para 47,9% trimestre abr-mai-jun de 2020. No mesmo período a população ocupada sobre a população total caiu de 45,1% para 39,5%. Ou seja, atualmente, menos de 4 pessoas em cada 10 brasileiros está trabalhando. Ainda segundo o IBGE, a população subutilizada está em 31,9 milhões de pessoas. Além disto temos muitos jovens nem-nem (nem trabalhando e nem estudando) que nem entram na contabilidade da população subutilizada.

Este quadro é sério e mostra que o Brasil está desrespeitando um direito básico de cidadania. Do ponto de vista dos direitos humanos, a ideia do pleno emprego e do trabalho decente já estava presente no Art. 23º da Declaração Universal, de 1948, que estabelece o seguinte: "Toda a pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho, a condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à proteção contra o desemprego. Todos têm direito, sem discriminação alguma, a salário igual por trabalho igual".

A Constituição Federal do Brasil, de 1988, no artigo no Art. 6º estabelece o trabalho como um direito fundamental: "São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição". O "Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social" enumera mais de 30 itens em defesa do trabalho decente.

O objetivo 8 dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) fala no Pleno Emprego Produtivo e Trabalho Decente para todas as pessoas. A meta 8.3 diz: "Promover políticas orientadas para o desenvolvimento que apoiem as atividades produtivas, geração de emprego decente, empreendedorismo, criatividade e inovação, e incentivar a formalização e o crescimento das micro, pequenas e médias empresas, inclusive por meio do acesso a serviços financeiros"

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) considera que a bandeira do trabalho decente tem como objetivo principal melhorar

as condições de vida de todos cidadãos e cidadãs: a) oportunidades para encontrar um emprego que seja produtivo e proporcione um rendimento justo e que garanta a eles e suas famílias desfrutarem uma qualidade de vida decente; b) liberdade para escolher o trabalho e a livre participação em atividades sindicais; c) condições para que os trabalhadores possam ser tratados de forma justa, sem discriminação e que sejam capazes de conciliar trabalho e responsabilidades familiares; d) condições de segurança para proteger a saúde dos trabalhadores e proporcionar-lhes a proteção social adequada; e) condições de dignidade humana para que todos os trabalhadores sejam tratados com respeito e possam participar na tomada de decisão sobre suas condições de trabalho.

Portanto, o direito ao trabalho e à autodeterminação produtiva está presente nos ordenamentos nacionais e internacionais. Além disto, toda a teoria econômica mostra que o trabalho é a base da riqueza de qualquer nação. A primeira frase do famoso livro *A riqueza das nações*, publicado em 1776, por Adam Smith (1723-1790), diz: "O trabalho anual de cada nação constitui o fundo que originalmente lhe fornece todos os bens necessários e os confortos materiais que consome anualmente" (SMITH, 1983, p. 35). Toda a teoria do valor marxista também tem como base a contribuição essencial do trabalho para a riqueza nacional e mundial, pois só o trabalho gera mais-valia.

Evidentemente, é difícil garantir emprego para todas as pessoas em idade produtiva e garantir todos os direitos trabalhistas para todos os trabalhadores. Mas, se a bandeira do "Pleno emprego e o trabalho decente" for colocada em prática e se a sociedade, com um bom sistema de proteção social, garantir educação e saúde universais e de boa qualidade para toda a população, então onde se encaixa a proposta de "Renda básica de cidadania"?

Bem, se a renda básica de cidadania for entendida como uma política pública de transferência de renda voltada para a redução das desigualdades e da pobreza, ela se justifica pela necessidade de se corrigir as "externalidades do mercado" e devido a possibilidade de incentivar a solidariedade cidadã e a busca da mobilidade social ascendente, num contexto de melhoria coletiva da sociedade. Especificamente, as políticas de transferência de renda para crianças carentes são importantes para romper com o ciclo intergeracional de pobreza e garantir uma sociedade mais igualitária com oportunidades para todos.

No caso brasileiro, a Lei n. 10.835, de 08/01/2004, que institui a renda básica de cidadania estabelece: Art. 1º É instituída, a partir de 2005, a renda básica de cidadania, que se constituirá no direito de todos os brasileiros residentes no País e estrangeiros residentes há pelo menos 5 (cinco) anos no Brasil, não importando sua condição socioeconômica, receberem, anualmente, um benefício monetário; § 1º A abrangência mencionada no caput deste artigo deverá ser alcançada em etapas, a critério do Poder Executivo, priorizando-se as camadas mais necessitadas da população; § 2º O pagamento do benefício deverá ser de igual valor para todos, e suficiente para atender às despesas mínimas de cada pessoa com alimentação, educação e saúde, considerando para isso o grau de desenvolvimento do País e as possibilidades orçamentárias; § 3º O pagamento deste benefício poderá ser feito em parcelas iguais e mensais; § 4º O benefício monetário previsto no caput deste artigo será considerado como renda não-tributável para fins de incidência do Imposto sobre a Renda de Pessoas Físicas. Art. 2º Caberá ao Poder Executivo definir o valor do benefício, em estrita observância ao disposto nos arts. 16 e 17 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000 - Lei de Responsabilidade Fiscal.

Uma questão é saber se essa renda básica de cidadania viria de forma prioritária ou complementar à política de Pleno Emprego e Trabalho Decente. Neste momento em que o Brasil vive uma emergência sanitária e econômica, foi criada a Frente Parlamentar Mista em Defesa da Renda Básica, lançada em 21 de julho, em Brasília, que conta com 217 parlamentares de 23 dos 24 partidos do Congresso. Existe uma proposta de transformar o Auxílio Emergencial em renda básica permanente.

Os críticos argumentam que não existe orçamento fiscal para implementar um programa permanente com o custo do Auxílio Emergencial. Segundo o FMI o Brasil deve registrar um déficit fiscal de 16% do PIB e a dívida pública deve chegar a 102% do PIB. É uma rota totalmente insustentável. Nunca se gastou tanto em qualquer tempo, quanto neste governo atual que tem um ministro "ultra neoliberal". Nunca houve um déficit público de tal monta.

Por outro lado, um investimento para atingir o Pleno Emprego e Trabalho Decente seria sustentável na medida que incorporasse cerca de 40 milhões de brasileiros que estão em idade de trabalhar, mas não encontram oportunidades no mercado. Algumas pessoas dizem que isto não é viável pois o processo de mudança tecnológica está eliminando os empregos e o mundo caminha para uma sociedade sem trabalho. Evidentemente, isto é totalmente falso pois não existe nação sem trabalho, pois segundo a Teoria do Valor só o trabalho cria riqueza.

É um equívoco supor que o desenvolvimento tecnológico vai levar a um mundo sem trabalho, pois isto nunca aconteceu e a

tecnologia, em geral, avança associada ao emprego. É claro que o trabalho muda e assume novas dinâmicas, mas não deixa de ser trabalho. Por exemplo, a automação não implica necessariamente em desemprego. As relações são mais complexas. O desemprego tecnológico, em nível microeconômico, faz parte da história do Capitalismo. O economista francês Jean-Baptiste Say, no livro "Tratado de Economia Política", de 1803, dá o exemplo do parque gráfico que eliminou os empregos dos copistas. Say diz que cada emprego gráfico eliminou 199 copistas. Mas a maior facilidade de ler obras impressas e o rebaixamento do custo de impressão deu o incentivo para aumentar a leitura para instrução, lazer etc. Assim, em termos macroeconômicos, em pouco tempo, havia mais gráficos empregados do que copistas desocupados. Outro exemplo é o setor agropecuário dos Estados Unidos, que empregava 90% da força de trabalho e, por conta da automação agrícola, atualmente emprega cerca de 3%, embora o país estava, até 2019, próximo do pleno emprego.

O fim do emprego "tradicional" (especialmente o industrial tradicional) não significa o fim do trabalho, mesmo numa sociedade pós-industrial. O proletariado clássico da 2ª Revolução Industrial já não existe mais. O trabalho se transformou. Porém, não passa de uma ilusão trocar a centralidade do trabalho pela centralidade da transferência de renda.

Dizem que a história vai ser diferente com a automação e a robótica da Revolução Industrial 4.0, pois os empregos desaparecerão. Mas o gráfico abaixo mostra o contrário, segundo dados da Federação Internacional de Robótica e a OIT. Os 4 países com maior percentagem de robôs em relação a cada 10 mil trabalhadores (Singapura, Coreia do Sul, Alemanha e Japão), são também os que apresentam taxas de desemprego muito baixo e próximo do pleno emprego. Assim, o nível de robotização não está correlacionado com perda de emprego nestes quatro países. Os robôs podem ter efeito multiplicador (Phelps, 2020).

Já o Brasil, com pouquíssimos robôs no seu parque produtivo, possui mais de 30 milhões de desempregados ou subutilizados (no conceito amplo do IBGE) e uma taxa de desemprego acima de 40% entre os jovens. A Covid-19 apenas acentuou o drama desta geração perdida por falta de oportunidades.

Como é fácil perceber, o desemprego e a subutilização da força de trabalho neste momento é uma verdadeira catástrofe, pois estamos em um instante singular da história brasileira, um momento que só acontece uma única vez na vida de qualquer país. É quando a proporção de pessoas em idade ativa está em seu ponto máximo e a proporção de pessoas em idade não produtiva ou menos produtiva (crianças e idosos) está em seu ponto mínimo. Conhecido como "bônus demográfico" este acontecimento especial é aquele evento indispensável para a decolagem do desenvolvimento socioeconômico de qualquer país. Não existe nenhuma nação com altíssimo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que não tenha aproveitado as oportunidades de uma baixa razão de dependência demográfica.

Esta nova configuração demográfica exigiria que as políticas econômicas e sociais se adaptem à nova realidade populacional, fortalecendo as políticas de educação e emprego. Infelizmente a crise econômica que começou em 2014 já estava fazendo o Brasil desperdiçar este momento histórico e que é fundamental para qualquer nação que queira dar um salto de qualidade de vida para a sua população.

Tudo isto significa que o Brasil está desperdiçando a sua janela de oportunidade demográfica e também desperdiçando a chance de se tornar um país rico (com bem-estar de seus habitantes) antes de envelhecer. O trabalho produtivo é a base da riqueza das nações e o pleno emprego e o trabalho decente devem ser a prioridade número um, pois é o direito humano mais desrespeitado atualmente no Brasil. Sem trabalho para todos, os demais direitos ficam comprometidos, a economia não melhora e a qualidade de vida tende a cair para toda a população nacional.

O Brasil precisa elevar as taxas de investimento e investir em saneamento básico e recuperação dos ecossistemas (reflorestamento, por exemplo). Investindo na saúde social e ambiental o país poderia criar milhões de empregos e gerar renda para a população e para o país reduzir os déficits ecossociais.

Mas se nada for feito, a crise sanitária e a crise do mercado de trabalho podem ser o golpe mortal no anseio do Brasil de ser uma nação com alto nível de desenvolvimento humano. O Brasil voltou aos níveis de renda per capita de 2010. Assim, não seria fácil sustentar uma renda básica de cidadania sem uma base produtiva sólida que seja fonte de riqueza via trabalho, gerando riqueza para ser posteriormente redistribuída. Como disse o escritor Fiódor Dostoiévski (1821-1881): "Se alguém quiser reduzir o ser humano a nada, basta dar ao seu trabalho o caráter de inutilidade".

José Eustáquio Diniz Alves

Colunista do EcoDebate.

Doutor em demografia, link do CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2003298427606382>

Referências:

ALVES, JED. A Inteligência Artificial pode se transformar em um monstro incontrolável. Entrevista para Patrícia Fachin, IHU, 28/09/2017

<http://www.ihu.unisinos.br/572111-a-4-revolucao-industrial-ainda-e-uma-promessa-entrevista-especial-com-jose-eustaquio-alves>

ALVES, J. E. D. Crise no mercado de trabalho, bônus demográfico e desempoderamento feminino. In: ITABORAI, N. R.; RICOLDI, A. M. (Org.). Até onde caminhou a revolução de gênero no Brasil? Belo Horizonte: Abep, 2016. p. 21-44. ISBN 978-85-85543-31-0

<http://187.45.187.130/~abeporgb/publicacoes/index.php/ebook/article/view/2445/2400>

International Federation of Robotics. Robot density rises globally, 2018

<https://ifr.org/news/robot-density-rises-globally/>

SMITH, A. A riqueza das nações. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SIMÕES, PHC. ALVES, JED. SILVA, PLN. Transformações e tendências do mercado de trabalho no Brasil entre 2001 e 2015: paradoxo do baixo desemprego? R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v.33, n.3, p.541-566, set./dez. 2016
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982016000300541&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

Edmund S. Phelps. The Robot Question, PS, Aug 6, 2020
<https://www.project-syndicate.org/commentary/economics-of-ai-robot-labor-by-edmund-s-phelps-2020-08>

in EcoDebate, ISSN 2446-9394, 12/08/2020

Para pesquisar mais sobre este tema ou outros, use a ferramenta de pesquisa

[CC BY-NC-SA 3.0][O conteúdo da EcoDebate pode ser copiado, reproduzido e/ou distribuído, desde que seja dado crédito ao autor, à EcoDebate com link e, se for o caso, à fonte primária da informação]

Inclusão na lista de distribuição do Boletim Diário da revista eletrônica EcoDebate, ISSN 2446-9394,

Caso queira ser incluído(a) na lista de distribuição de nosso boletim diário, basta enviar um email para newsletter_ecodebate+subscribe@googlegroups.com . O seu e-mail será incluído e você receberá uma mensagem solicitando que confirme a inscrição.

O EcoDebate não pratica SPAM e a exigência de confirmação do e-mail de origem visa evitar que seu e-mail seja incluído indevidamente por terceiros.

Remoção da lista de distribuição do Boletim Diário da revista eletrônica EcoDebate

Para cancelar a sua inscrição neste grupo, envie um e-mail para newsletter_ecodebate+unsubscribe@googlegroups.com ou ecodebate@ecodebate.com.br. O seu e-mail será removido e você receberá uma mensagem confirmando a remoção. Observe que a remoção é automática mas não é instantânea.

Corsan participará de curso para formação de professores oferecido pelo Pró-Sinos e pela Feevale na área de saneamento básico

<https://expansaors.com.br/corsan-participa-de-curso-para-formacao-de-professores-oferecido-pelo-pro-sinos-e-pela-feevale-na-area-de-saneamento-basico/>

Promovido pelo Pró-Sinos e a Feevale, por meio do Programa Educação Ambiental na Bacia Hidrográfica do Vale do Sinos, o Curso de Formação de Professores na área do saneamento básico ganhou mais um importante parceiro. A Corsan, por meio da Diretoria de Meio Ambiente e Sustentabilidade, vai participar das atividades apresentando o H2OJE - sistema integrado que reúne informações e alerta sobre sustentabilidade hídrica. As inscrições estão abertas até o dia 17 de agosto e podem participar docentes que atuam em escolas localizadas nos municípios da bacia do Rio dos Sinos. O curso, online e gratuito, tem início no dia 19 de agosto e duração de 40 horas.

No portal H2OJE estão disponíveis atividades como jogos interativos e propostas pedagógicas para os professores desenvolverem com o público infantil, fomentando a aprendizagem de maneira lúdica e divertida. A ideia é trabalhar a transformação cultural, voltada para o meio ambiente e direcionada às crianças. "É um material muito rico. Ajudará bastante os professores neste momento em que todos estão se adaptando às atividades a distância", destaca Nadine Vergara Schorr, assistente de Diretoria de Meio Ambiente e Sustentabilidade da Corsan.

A série animada Patrulha da Água pode ser acessada no portal. Em oito episódios, a criançada vai conhecer a história de Leo, Nina e Joca (peixinho), numa jornada para despoluir o rio da sua cidade. Cada capítulo terá um plano pedagógico de acordo com o tema abordado. Os professores terão ainda contato com o projeto Juntos em Casa, que conta com cards sobre o tema da Patrulha da Água. Para completar, vão saber mais sobre o aplicativo H2OJE com jogo interativo de cuidados com peixinhos e um quiz.

Na abertura do curso, a Corsan também participará compartilhando a sua visão sobre a importância da educação ambiental e os projetos que vem desenvolvendo na área. A formação envolve quatro serviços de Saneamento Básico: Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos e Abastecimento de Água, Esgotamento Sanitário, Drenagem Urbana e Manejo de Águas Pluviais e Limpeza Urbana e Manejo de Resíduos Sólidos. Serão oferecidas videoaulas e materiais informativos, além de sugestões de atividades para professores desenvolverem em sala de aula ou na modalidade a distância. Em dias programados, serão realizadas lives para a discussão dos temas. O curso

Serão 20h de encontros pela plataforma Blackboard, da Feevale, e 20h de atividades EaD e produções docentes, com certificação de 40h. Professores que atuam na Bacia do Rio dos Sinos podem fazer sua inscrição clicando aqui. O curso também tem por objetivo a formação dos professores das escolas inscritas no "Programa Saneamento na Escola", do Consórcio Pró-Sinos, que teve suas atividades presenciais suspensas com a pandemia. Foto: Divulgação | Fonte: Assessoria

Ansiedade é tema de aula inaugural do curso de Farmácia

<https://expansaors.com.br/ansiedade-e-tema-de-aula-inaugural-do-curso-de-farmacia/>

O curso de Farmácia da Universidade Feevale realizará, nesta quarta-feira, dia 12, a partir das 19h30min, a aula inaugural Fazendo as pazes com a ansiedade: como trazer a leveza para momentos de crise. A palestra, que acontecerá de forma on-line, por meio da plataforma Blackboard Collaborate, será gratuita e aberta à comunidade. Não é necessário realizar inscrição.

A ministrante do evento será Marcela Bohn, psicóloga formada pela Universidade Feevale. Interessados em participar da aula inaugural devem acessar, no dia da transmissão, o site www.feevale.br/aulainauguralfarmacia.

Pesquisa vai analisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo

<https://expansaors.com.br/pesquisa-vai-analisar-a-variabilidade-dos-aspectos-clinicos-da-covid-19-no-mundo/>

A Covid-19 vem sendo alvo de muitos estudos, mas ainda de forma isolada pelas universidades de cada país. Para que haja uma comparação mundial, a partir dos dados mais evidentes de pacientes que tiveram a doença confirmada, a Comunidade Europeia acaba de aprovar o projeto UnCover, que vai pesquisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo.

O projeto é liderado pelo Instituto de Medicina da Universidade da Antuérpia, da Bélgica, e conta com a participação de 30 instituições, localizadas em 18 países. O Brasil está representado pela Universidade Feevale (Rio Grande do Sul), que vem sendo referência no diagnóstico da doença. A Instituição foi convidada a participar devido à parceria que possui, há alguns anos, com a área de saúde da University of South Florida, dos Estados Unidos.

À frente do projeto na Feevale, Fernando Spilki, professor do mestrado em Virologia, diz que os estudos financiados pela Comunidade Europeia começarão na metade deste semestre e terão duração de dois anos. As universidades participantes analisarão os dados clínicos de milhares de pacientes para comparar as realidades dos países. "Queremos entender como a Covid-19 se manifesta em diferentes populações, se tem variabilidade ou não, se realmente podemos classificar a doença no mundo inteiro de forma igual e se ela permanecerá com as mesmas características ao longo do tempo", afirma Spilki. Foto: Divulgação | Fonte: Assessoria

12/08/2020 | Expansão | expansao.co | Geral

Sicredi oferece linha de crédito universitário sem taxa de juros

<https://expansaors.com.br/sicredi-oferece-linha-de-credito-universitario-sem-taxa-de-juros/>

A Sicredi Pioneira RS ampliou a parceria com a Universidade Feevale e está oferecendo aos estudantes dos cursos presenciais de graduação o Sicredi Crédito Universitário. O produto permite, neste momento de pandemia do coronavírus, o financiamento de 100% da mensalidade, sem taxa de juros para o semestre atual (2020/2), exceto para o curso de Medicina, onde a taxa é a partir de 0,89% ao mês.

Para contratar essa linha, o estudante precisa estar matriculado em, no mínimo, 16 créditos, além de ser associado da cooperativa. Quem não tiver conta na Sicredi Pioneira RS pode entrar em contato pelo site e solicitar abertura de conta.

Cada semestre financiado é pago pelo estudante em 12 vezes, com carência necessária para que não haja mais de uma parcela por mês. As parcelas não são cumulativas e, a partir da renovação do contrato, o estudante assume parte dos juros. Neste semestre, a Feevale está assumindo esse encargo em função da situação causada pela pandemia. Foto: Divulgação | Fonte: Assessoria

12/08/2020 | G1 Rio Grande do Sul | g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul | Geral

Pesquisa aponta que 60% dos profissionais do SUS estão com sintomas de exaustão em Novo Hamburgo devido à pandemia

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/08/12/pesquisa-aponta-que-60percent-dos-profissionais-do-sus-estao-com-sintomas-de-exaustao-em-novo-hamburgo-devido-a-pandemia.ghtml>

Levantamento foi feito pela Universidade Feevale com profissionais que atuam no combate à Covid-19. Foram entrevistadas 63 pessoas, entre enfermeiros, médicos, fisioterapeutas e equipe de apoio.

Pesquisa aponta que 60% dos profissionais de saúde apresenta exaustão e estresse no RS

Uma pesquisa feita pela Universidade Feevale aponta que 60% dos profissionais do Sistema Único de Saúde que atuam no combate ao coronavírus em Novo Hamburgo, na Região Metropolitana de Porto Alegre, estão com sintomas de exaustão.

Ao todo, foram entrevistadas 63 pessoas, sendo 44 profissionais de enfermagem, 11 de medicina, um de fisioterapia e sete de apoio. O estudo aplicou questionários de percepção de estresse e indicadores de saúde mental, além de entrevistar os profissionais entre os dias 13 e 20 de junho.

A pesquisa selecionou funcionários indicados pelo Hospital Municipal de Novo Hamburgo (HMNH), referência no SUS para o enfrentamento da doença município e região.

Os resultados dessa primeira fase foi divulgado na terça-feira (11), são eles:

60% possuem escores compatíveis com exaustão
40% com indicações de adoecimento psíquico
41% possuem nível elevado de percepção de estresse
49% indicam distanciamento de suas atividades

Na semana que antecedeu as entrevistas, os profissionais trabalharam 35 horas na linha de frente da pandemia.

"Foram citados, como dificultando a atividade profissional, o uso de equipamentos de proteção individual por um longo período, o isolamento dentro do próprio hospital, pois não se pode acessar outras áreas como copa e banheiros, além do risco da própria contaminação do profissional, além temores e culpa relacionados às famílias, tanto pelo distanciamento, quanto pela proximidade, que aumenta a chance de contágio", pontua um dos responsáveis pela pesquisa, o professor Rogério Lessa Horta.

Foram entrevistadas 63 pessoas, sendo 44 profissionais de enfermagem, 11 de medicina, um de fisioterapia e sete de apoio. - Foto: Reprodução/RBS TV

Foram entrevistadas 63 pessoas, sendo 44 profissionais de enfermagem, 11 de medicina, um de fisioterapia e sete de apoio. - Foto: Reprodução/RBS TV

CORONAVÍRUS

VÍDEOS: Coronavírus: perguntas e respostas

VACINA: testes estão em andamento pelo mundo; SIGA as novidades

Manual das máscaras: como fazer, como usar e a importância do uso

Como se prevenir do coronavírus?

Saiba quais os sintomas do coronavírus e quando procurar um médico

Veja o que é #FATO ou #FAKE sobre o coronavírus

12/08/2020 | JE Acontece | jeacontece.com.br | Geral

Pesquisa sobre coronavírus no Rio Grande do Sul entra na sétima etapa de testes

<http://jeacontece.com.br/?p=709546>

Resultados mais recentes do estudo apontaram que a proporção de gaúchos com anticorpos para doença dobrou no intervalo de um mês

O próximo fim de semana marcará a sétima rodada do estudo de Evolução da Prevalência de Infecção por Covid-19 no Rio Grande

do Sul (Epicovid19-RS). Encomendada pelo governo do Estado à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a pesquisa irá repetir, entre o sábado (15/8) e a próxima segunda-feira (17/8), a aplicação de testes rápidos e entrevistas de 4.500 pessoas em nove cidades das regiões demográficas do Estado, segundo classificação do IBGE: Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Caxias do Sul, Passo Fundo, Santa Maria, Ijuí, Santa Cruz do Sul e Uruguaiana. O trabalho busca estimar o percentual da população gaúcha que já contraiu o coronavírus.

Os dados mais recentes da pesquisa identificaram que a proporção de habitantes com anticorpos para o coronavírus dobrou no Rio Grande do Sul no intervalo de um mês. O número estimado de pessoas que têm ou já tiveram o coronavírus passou de 55.904 (32.891 a 81.059, pela margem de erro), na última semana de junho, para 108.716 (78.774 a 146.196), na última semana de julho. Esse aumento motivou a coordenação do estudo, em decisão conjunta com o governo do Estado, a antecipar em uma semana a realização da sétima etapa.

"Fazemos um raio X do coronavírus no Estado. É o único estudo populacional no mundo a realizar sete fases de acompanhamento com a população das mesmas cidades", diz a epidemiologista Mariângela Freitas da Silveira, que integra a coordenação do estudo na UFPel.

"O estudo em solo gaúcho encontrou uma evolução no percentual de casos semelhante à do estudo nacional, em que a prevalência também dobrou no intervalo de um mês. Enquanto o país atingiu 100 mil óbitos nesta semana, o RS tem apresentado aumento do número de casos, internações e mortes, com uma taxa de ocupação de leitos de UTI em geral em torno de 76%. A próxima coleta será muito importante para avaliarmos a realidade dos casos na população e o avanço do coronavírus nas diferentes regiões em relação à etapa anterior", afirma a epidemiologista.

Em cada município do estudo, a seleção das residências e dos moradores que irão fazer o teste para o coronavírus ocorre por meio de um sorteio aleatório, utilizando os setores censitários do IBGE como base. Além do exame, o participante responde a uma breve entrevista sobre ocorrência de sintomas relacionados à Covid-19, busca por assistência médica e rotina das famílias em relação às medidas de distanciamento social.

Coordenadora do Comitê de Dados do governo no enfrentamento da Covid-19, Leany Lemos ressalta que o estudo sobre a prevalência da doença é importante para que se possa monitorar o comportamento da pandemia e a capacidade de atendimento em cada região, mas acima de tudo para alertar a população sobre as medidas de prevenção. "Sempre digo que o vetor dessa doença é o ser humano. Nós somos os vetores, então é justamente os nossos cuidados, o distanciamento, o uso de máscara e evitar aglomerações. É assim que faremos essa contenção", reforçou Leany Lemos.

Parcerias

A pesquisa tem apoio das secretarias de saúde e dos órgãos de segurança dos municípios e segue todos os protocolos de biossegurança para proteger os entrevistadores e participantes. Em caso de dúvida, os moradores podem entrar em contato com a Guarda Municipal ou Brigada Militar para obter informações sobre as visitas às casas.

O estudo mobiliza 12 universidades públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); Imed; Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo); Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

A partir desta rodada, o Banrisul também irá participar do financiamento do estudo, juntamente com a Unimed Porto Alegre, o Instituto Cultural Floresta, também da capital, e o Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados vão ser divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do governo estadual cerca de 72 horas após a finalização da coleta de dados.

Ascom SPGG - Comitê de Dados e Ascom / Epidemiologia UFPel

Projeto audiovisual mostra detalhes da Casa Lutzenberger

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/cultura/2020/08/751833-projeto-audiovisual-mostra-detalhes-da-casa-lutzenberger.html

Erguida pelo arquiteto e artista plástico Joseph Lutzenberger e tombada como patrimônio histórico de Porto Alegre em 2012, a Casa Lutzenberger ganhou, recentemente, uma nova janela para o mundo. A estrutura, e em especial seu lendário jardim interno, surgem em dois vídeos do canal Lutz Global, hospedado no YouTube e dedicado à vida do filho ilustre de Joseph, o agrônomo e ambientalista José Lutzenberger. É uma chance não apenas de ver detalhes da estrutura (apresentados pela filha do ativista ambiental, Lilly Lutzenberger), mas também de entender a importância afetiva e formativa do local para o ativista, um dos pioneiros da luta ambiental no Brasil.

O canal Lutz Global é um dos desdobramentos do projeto de pesquisa José Lutzenberger: Um mediador entre o ambientalismo brasileiro e global (décadas 1980-1990), coordenado pela professora de História Elenita Malta. O objetivo é estudar a importância da atuação internacional do ambientalista gaúcho, decisiva para construir a ponte entre a luta ambiental brasileira e o exterior.

Apesar do rigor acadêmico, uma das principais metas é levar esse conhecimento ao público em formato acessível - e o canal no YouTube acaba sendo uma ferramenta nesse sentido.

Com uma linha de pesquisa voltada à história ambiental, Elenita tem estudado a vida de José Lutzenberger (tratado como Lutz pelos mais íntimos) há cerca de 10 anos. Antes, desenvolveu seu mestrado em torno da vida de outro importante ambientalista gaúcho, Henrique Luís Roessler - trabalho que rendeu o livro Roessler: o homem que amava a natureza, publicado em 2013.

No atual trabalho, explica ela, o acesso ao volumoso acervo de Lutzenberger tem sido fundamental - um tesouro que tem a curadoria de Lilly Lutzenberger, e hoje está aos cuidados do memorial da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Além de trazer conteúdos audiovisuais inéditos ou pouco conhecidos da vida do ativista (incluindo vídeos de palestras no exterior e entrevistas com pessoas que conviveram com ele), o Lutz Global também se propõe a trazer um lado mais humano e familiar do retratado. É aí que os vídeos sobre a Casa Lutzenberger e seu lendário jardim entram na história.

Além da residência da família, o alemão Joseph projetou prédios marcantes na paisagem urbana de Porto Alegre, como o Pão dos Pobres, a Igreja São José e o Palácio do Comércio. A Casa passou para a mão do filho José a partir do falecimento do patriarca, em 1952 - tornando-se, desde então, um local ainda mais importante na vida do pioneiro da luta ambiental no País.

"A casa e o jardim não entram tanto nessa linha de divulgação internacional (do ambientalista), mas o canal também traz como premissa esse lado da memória", explica a historiadora. "A Lilly vai contando tantas coisas, os detalhes do trajeto vão reavivando memórias e acredito que muitas dessas coisas não eram de domínio público. O próprio Lutz falava muito da importância do pai e da mãe na vida dele, lembrava do trabalho com as plantas no jardim, e todas esses aspectos acabam sendo influências importantes para o ambientalista que ele iria se tornar."

O material acaba também, é claro, sendo uma chance de conhecer a própria Casa Lutzenberger e o seu jardim, que atualmente estão com acesso restrito. Lugares cuja importância para o ativista vai muito além de recordações da infância e juventude. "Para ele, a casa da família era um porto seguro", conta Elenita.

Após muitos anos no exterior, trabalhando para a multinacional Basf, Lutz passou a ser atormentado por dilemas éticos e acabou pedindo demissão. Foi para a casa de seus pais que ele retornou, quando decidiu abandonar um emprego lucrativo em nome da atuação como ambientalista - e era lá que ele se refugiava após cada uma das centenas de viagens em três décadas de militância, excursões que são o ponto de partida conceitual do projeto.

O esforço do Lutz Global é colocar novos conteúdos no YouTube a cada três semanas, em média. A próxima postagem deve ser a de uma palestra, concedida em Luxemburgo no ano de 1989, na qual é discutida a teoria de Gaia, muito importante para o pensamento do ativista a partir do começo dos anos 1980.

O trabalho em torno das palestras de Lutz, porém, é demorado: é preciso passar as fitas VHS para o formato digital, realizando depois um esforço de transcrição, tradução e legendagem do conteúdo. O projeto também irá resultar em livro, que deve sair no

decorrer do ano que vem. Há ainda uma série de conteúdos de caráter documental, que vêm sendo publicados no site lutzglobal.com.br.

"A memória precisa ser reavivada, alimentada. Como dizia o (historiador português) Fernando Catroga, o historiador é um 'lembrador' para a sociedade, e acho que a nossa pesquisa, dentro da suas humildes possibilidades, ajuda a provocar nas pessoas essa memória sobre o Lutz", reflete Elenita.

12/08/2020 | **Jornal do Comércio** | jornaldocomercio.com | Geral

Profissionais do SUS estão exaustos, diz pesquisa da Feevale

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/jornal_cidades/2020/08/751776-profissionais-do-sus-estao-exaustos-diz-pesquisa-da-feevale.html

Sintomas compatíveis com exaustão e síndrome de Burnout. Este é o resultado preliminar preocupante em 60% dos entrevistados de uma pesquisa realizada com funcionários da área da saúde da cidade de Novo Hamburgo, que atuam na linha de frente do combate à Covid-19. Trata-se de um estudo vinculado ao mestrado em Psicologia da Universidade Feevale e realizado pelos professores Eduardo Guimarães Camargo, Rogério Lessa Horta e Marcus Levi Lopes Barbosa e pelo acadêmico Pedro José Sartorelli Lantin. Ainda em desenvolvimento, a pesquisa selecionou funcionários indicados pelo Hospital Municipal de Novo Hamburgo (HMNH), referência no Sistema Único de Saúde (SUS) para o enfrentamento à Covid-19 no município e região.

Na primeira etapa, foram entrevistadas 63 pessoas, sendo 44 profissionais de enfermagem (36 dos quais, de nível técnico), 11 de medicina, um de fisioterapia e sete de apoio. Feito com metodologia mista, por meio de chamadas telefônicas ou chamadas de áudio ou vídeo, o estudo aplicou questionários de percepção de estresse e indicadores de saúde mental. Os profissionais também foram convidados a participarem de entrevistas em profundidade, que servirão, ainda, como oferta de escuta qualificada ao longo do período de enfrentamento.

A primeira série de entrevistas foi realizada entre os dias 13 e 20 de junho, na qual o Estado contava com 25.608 casos, 3.430 hospitalizações e 591 óbitos e Novo Hamburgo, com 30,6 hospitalizações para cada 100 mil habitantes e 5,4 óbitos para cada 100 mil habitantes. Dos profissionais ouvidos, 71% são mulheres. Na semana que antecedeu as entrevistas, os profissionais trabalharam 54,1h de trabalho, 35h das quais na linha de frente da pandemia.

Os dados mais preocupantes, de acordo com os pesquisadores, são os que indicam os níveis de estresse e cansaço mental: 40% dos profissionais apresentaram indicações de adoecimento psíquico, e 41% tiveram nível elevado de percepção do estresse. Porém, o que causa mais atenção é o inventário de Burnout, que demonstrou que 60% dos entrevistados manifestaram escores compatíveis com exaustão, e 49%, distanciamento de suas atividades, que é indicativo de redução da capacidade de manter o envolvimento efetivo nas tarefas. Foram identificados 39,7% dos profissionais com escores elevados nestas duas últimas dimensões, o que é compatível com Burnout - que é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante.

Para os professores que conduzem o estudo, as condições específicas da atividade em linha de frente tornam as cargas semanais de trabalho ainda mais extenuantes para quem precisa trabalhar na linha de frente da Covid-19. De acordo com o professor Rogério Lessa Horta, nas primeiras entrevistas em profundidade já analisadas, foram destacados longos plantões como característica do trabalho e sem intervalos devido à paramentação, que só pode ser retirada no final do turno. "Foram citados, como dificultando a atividade profissional, o uso de equipamentos de proteção individual por um longo período, o isolamento dentro do próprio hospital, pois não se pode acessar outras áreas como copa e banheiros, além do risco da própria contaminação do profissional", explica.

O que transparece nas entrevistas como alívio para os profissionais, e que pode ser um fator importante para ajudá-los a passar por esse momento, é a união das equipes, como um aspecto que favorece o desempenho no enfrentamento. Poucos estão em atendimento psicoterápico ou utilizam psicofármacos. "Inicialmente, recomenda-se avaliar a necessidade de priorizar repouso e intervalos, o que poderá exigir adequações de rotinas e espaços físicos, além de ampliar a oferta de apoio emocional às equipes", diz Horta, completando que o estudo seguirá, pelo menos, até setembro.

Podcast fala das transformações do aprender e do ensinar

<https://www.jornalnh.com.br/multimedia/podcasts/2020/08/10/podcast-fala-das-transformacoes-do-aprender-e-do-ensinar.html>

Não há previsão exata sobre quais profissões serão as mais requisitadas no futuro, mas é possível prever quais habilidades indispensáveis para quem vem por aí no mercado de trabalho. Para pensar na relação entre o aprender e o ensinar no contexto atual e as transformações necessárias deste processo, o quinto episódio do podcast Vida Disruptiva se volta para histórias de quem prioriza a escuta e a inovação.

A reportagem apresenta a trajetória de duas professoras. Tatiane Schuster, de Harmonia, que teve sua vida transformada pelo ensino de línguas onde, além de ensinar, aprendeu com os alunos no Brasil e na Alemanha; e Joice Lamb, coordenadora pedagógica da EMEF Profª Adolfin J. M. Diefenthaler, em Novo Hamburgo, premiada nacionalmente por suas iniciativas que dão protagonismo aos alunos. O episódio tem a participação do também professor, e reitor da Universidade Feevale, Cleber Prodanov, que fala sobre as mudanças e prioridades na educação, além das habilidades fundamentais para o que vem pela frente.

O podcast Vida Disruptiva, que pode ser ouvido nos principais players de música, como Spotify e Deezer, tem o patrocínio da Universidade Feevale.

Avisar a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

#05 Vida Disruptiva | Futuro das carreiras e transformações do aprender e do ensinar

<https://www.jornalnh.com.br/multimedia/podcasts/2020/08/12/05-vida-disruptiva---futuro-das-carreiras-e-transformacoes-do-aprender-e-do-ensinar.html>

Não há previsão exata sobre quais profissões serão as mais requisitadas no futuro, mas é possível prever quais habilidades indispensáveis para quem vem por aí no mercado de trabalho. Para pensar na relação entre o aprender e o ensinar no contexto atual e as transformações necessárias deste processo, o quinto episódio do podcast Vida Disruptiva se volta para histórias de quem prioriza a escuta e a inovação.

Foto por: Divulgação

Descrição da foto: Com a palavra, os professores. Tatiane, Cleber e Joice.

A reportagem apresenta a trajetória de duas professoras. Tatiane Schuster, de Harmonia, que teve sua vida transformada pelo ensino de línguas onde, além de ensinar, aprendeu com os alunos no Brasil e na Alemanha; e Joice Lamb, coordenadora pedagógica da EMEF Profª Adolfin J. M. Diefenthaler, em Novo Hamburgo, premiada nacionalmente por suas iniciativas que dão protagonismo aos alunos.

Leia também #01 Vida Disruptiva | Economia e indústria criativa

#02 Vida Disruptiva | Mesmo na pandemia, internacionalização da carreira pode continuar

#03 Vida Disruptiva | Nem toda startup é empresa de tecnologia, mas inovação é requisito

O episódio tem a participação do também professor, e reitor da Universidade Feevale, Cleber Prodanov, que fala sobre as mudanças e prioridades na educação, além das habilidades fundamentais para o que vem pela frente.

O podcast Vida Disruptiva, que pode ser ouvido nos principais players de música, como Spotify e Deezer, tem o patrocínio da Universidade Feevale.

Listen to "#05 / Futuro das carreiras, do ensinar e do aprender" on Spreaker.

Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/08/2020 | Jornal NH | jornalnh.com.br | Geral

Mais da metade dos profissionais que combatem a Covid em Novo Hamburgo têm sintomas de exaustão

https://www.jornalnh.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/08/12/mais-da-metade-dos-profissionais-que-combatem-a-covid-em-novo-hamburgo-t-em-sintomas-de-exaustao.html

UTI do Hospital Municipal de Novo Hamburgo Foto: Divulgação/FMSNH

Sintomas compatíveis com exaustão e síndrome de Burnout - este é o resultado preliminar preocupante em 60% dos entrevistados de uma pesquisa realizada com funcionários da área da saúde da cidade de Novo Hamburgo, que atuam na linha de frente do combate à Covid-19. Trata-se do estudo Estresse percebido e saúde mental no enfrentamento à Covid-19 entre profissionais de saúde da linha de frente, vinculado ao mestrado em Psicologia da Universidade Feevale e realizado pelos professores Eduardo Guimarães Camargo, Rogério Lessa Horta e Marcus Levi Lopes Barbosa e pelo acadêmico Pedro José Sartorelli Lantin.

Ainda em desenvolvimento, a pesquisa selecionou funcionários indicados pelo Hospital Municipal de Novo Hamburgo (HMNH), referência no Sistema Único de Saúde (SUS) para o enfrentamento à Covid-19 no município e região. Na primeira etapa, foram entrevistadas 63 pessoas, sendo 44 profissionais de enfermagem (36 dos quais, de nível técnico), 11 de medicina, um de fisioterapia e sete de apoio. Feito com metodologia mista, por meio de chamadas telefônicas ou chamadas de áudio ou vídeo pelo aplicativo WhatsApp, o estudo aplicou questionários de percepção de estresse e indicadores de saúde mental. Os profissionais também foram convidados a participarem de entrevistas em profundidade, que servirão, ainda, como oferta de escuta qualificada ao longo do período de enfrentamento.

A primeira série de entrevistas foi realizada entre os dias 13 e 20 de junho, o que corresponde ao final da Semana Epidemiológica (SE) 24 e o início da SE 26 - na qual o Estado contava com 25.608 casos, 3.430 hospitalizações e 591 óbitos e Novo Hamburgo, com 30,6 hospitalizações para cada 100 mil habitantes e 5,4 óbitos para cada 100 mil habitantes. Dos profissionais ouvidos, 71% são mulheres, 54 residem fora do município e 79,5% vivem com outras pessoas no mesmo domicílio. Na semana que antecedeu as entrevistas, os profissionais trabalharam 54,1h de trabalho, 35h das quais na linha de frente da pandemia.

Os dados mais preocupantes, de acordo com os pesquisadores, são os que indicam os níveis de estresse e cansaço mental: 40% dos profissionais apresentaram indicações de adoecimento psíquico, por meio de inventários de estimativa de Sofrimento Psíquico, e 41% tiveram nível elevado de Percepção do Estresse. Porém, o que causa mais atenção é o inventário de Burnout, que demonstrou que 60% dos entrevistados manifestaram escores compatíveis com exaustão, e 49%, distanciamento de suas atividades, que é

indicativo de redução da capacidade de manter o envolvimento efetivo nas tarefas. Foram identificados 39,7% dos profissionais com escores elevados nestas duas últimas dimensões, o que é compatível com Burnout - que é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante.

Para os professores que conduzem o estudo, as condições específicas da atividade em linha de frente tornam as cargas semanais de trabalho ainda mais extenuantes. De acordo com o professor Rogério Lessa Horta, nas primeiras entrevistas em profundidade já analisadas, foram destacados longos plantões como característica do trabalho e sem intervalos devido à paramentação, que só pode ser retirada no final do turno.

"Foram citados, como dificultando a atividade profissional, o uso de equipamentos de proteção individual por um longo período, o isolamento dentro do próprio hospital, pois não se pode acessar outras áreas como copa e banheiros, além do risco da própria contaminação do profissional, além temores e culpa relacionados às famílias, tanto pelo distanciamento, quanto pela proximidade, que aumenta a chance de contágio." explica o professor Rogério Lessa Horta."

O que transparece nas entrevistas como alívio para os profissionais, e que pode ser um fator importante para ajudá-los a passar por esse momento, é a união das equipes, como um aspecto que favorece o desempenho no enfrentamento. Poucos estão em atendimento psicoterápico ou utilizam psicofármacos, mas várias solicitações de indicações de serviços de apoio ou atendimento emocional chegaram aos pesquisadores, o que apontaria para uma das futuras ações de enfrentamento do desgaste das equipes. "Inicialmente, recomenda-se avaliar a necessidade de priorizar repouso e intervalos, o que poderá exigir adequações de rotinas e espaços físicos, além de ampliar a oferta de apoio emocional às equipes", diz Horta, completando que o estudo seguirá, pelo menos, até setembro, mas podendo ser estendido até novembro, a depender de como se comportar a pandemia.

Confira os números

71 % mulheres

54 % residentes fora de NH

79,5 % vivem com outras pessoas no mesmo domicílio

48% informaram terem sido testados

13% possuíam, no momento da entrevista, sintomas compatíveis com a Covid-19

8% testaram positivo para Covid-19

29% apresentam comorbidades consideradas como risco aumentado em caso de Covid-19

40% com indicações de adoecimento psíquico

41% possuem nível elevado de percepção de estresse

60% possuem escores compatíveis com exaustão

49% indicam distanciamento de suas atividades

12/08/2020 | Jornal NH | jornalnh.com.br | Geral

Pesquisa vai analisar como Covid-19 se manifesta em diferentes populações pelo mundo

https://www.jornalnh.com.br/noticias/novo_hamburgo/2020/08/12/pesquisa-vai-analisar-como-covid-19-se-manifesta-em-diferentes-populacoes-pelo-mundo.html

Doutor Fernando Rosado Spilki, coordenador do mestrado em Virologia da Universidade Feevale Foto: Feevale/Divulgação A Covid-19 vem sendo alvo de muitos estudos, mas ainda de forma isolada pelas universidades de cada país. Para que haja uma comparação mundial, a partir dos dados mais evidentes de pacientes que tiveram a doença confirmada, a Comunidade Europeia acaba de aprovar o projeto UnCover, que vai pesquisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo.

O projeto é liderado pelo Instituto de Medicina da Universidade da Antuérpia, da Bélgica, e conta com a participação de 30

instituições, localizadas em 18 países. O Brasil está representado pela Universidade Feevale, de Novo Hamburgo, que vem sendo referência no diagnóstico da doença. A instituição foi convidada a participar devido à parceria que possui, há alguns anos, com a área de saúde da University of South Florida, dos Estados Unidos.

Leia também Dez profissionais receberam dose da vacina testes à Covid

À frente do projeto na Feevale, Fernando Spilki, professor do mestrado em Virologia, diz que os estudos financiados pela Comunidade Europeia começarão na metade deste semestre e terão duração de dois anos. As universidades participantes analisarão os dados clínicos de milhares de pacientes para comparar as realidades dos países. "Queremos entender como a Covid-19 se manifesta em diferentes populações, se tem variabilidade ou não, se realmente podemos classificar a doença no mundo inteiro de forma igual e se ela permanecerá com as mesmas características ao longo do tempo", afirma Spilki. Países e instituições participantes

University of Antwerp e Sciensano

Univerzitet u Sarajevu

Universidade Feevale

Universidad de Antioquia

Korea University

Croatian National Institute of Public Health e Institut za Antropologiju - Inantro

Trnavská Univerzita v Trnave

Fundación de Investigación HM Hospitales, Universidad Politécnica de Madrid, Universidad de Navarra, Fundación para la Investigación Biomédica del Hospital Universitario la Princesa e Instituto Investigación Sanitaria de la Fundación Jiménez Díaz

University of South Florida

University of Thessaly

St Mary's University

Technological University Dublin, University College Cork e National University of Ireland

Istituto Sacro Cuore Don Calabria e Azienda Ulss 6 Euganea

Luxembourg Institute of Health

University of South-Eastern Norway

Universidade do Porto, Universidade Católica Portuguesa e Instituto Politécnico de Coimbra

Universitatea de Medicina si Farmacie Iuliu Hatieganu e Universitatea de Medicina si Farmacie Grigore T. Popa

Baskent Universitesi Vakfi - Baskentuniversity

Avisar a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/08/2020 | Jornal NH | jornalnh.com.br | Geral

AME de Novo Hamburgo oferece mais de 100 vagas de trabalho na região

https://www.jornalnh.com.br/noticias/novo_hamburgo/2020/08/12/ame-de-novo-hamburgo-oferece-mais-de-100-vagas-de-trabalho-na-regiao.html

A Agência Municipal de Emprego (AME) de Novo Hamburgo está com mais de 108 oportunidades de empregos abertas em sua unidade. Para se candidatar a uma das vagas, basta o candidato comparecer à Agência, que fica na Rua Joaquim Pedro Soares, número 349, no Centro, de segunda a sexta-feira, das 8h às 13h, com a carteira de trabalho.

Leia também [Traficante envolvido com o PCC é preso por tráfico em Novo Hamburgo](#)

[Feevale será o Brasil em pesquisa que analisará comportamento da Covid pelo mundo](#)

[Aulas no Município tem previsão de encerramento em 19 de janeiro](#)

Também é possível ver as vagas e se candidatar pelo aplicativo Sine Fácil, assim o candidato não precisa se deslocar até a agência.
Cargo I Quantidade I Local de Trabalho

Analista de recursos humanos | 2 vagas I Novo Hamburgo

Assistente de vendas | 1 vaga I Novo Hamburgo

Auxiliar de escritório | 1 vaga I Novo Hamburgo

Cabista | 2 vagas I Novo Hamburgo

Carpinteiro | 1 vaga I Porto Alegre

Colchoeiro preparador | 4 vagas I Novo Hamburgo

Conferente de transportadora | 1 vaga I Novo Hamburgo

Costureira em geral | 5 vagas I Novo Hamburgo

Costureira na confecção em série | 6 vagas I Novo Hamburgo

Cozinheiro de restaurante | 1 vaga I Novo Hamburgo

Cuidador em saúde | 1 vaga I Novo Hamburgo

Desenhista de móveis | 1 vaga I Novo Hamburgo

Eletricista | 1 vaga I Novo Hamburgo

Instalador de gás | 1 vaga I Região, empresa com sede em Canoas

Instalador de som e acessórios de veículos | 1 vaga I Novo Hamburgo

Instalador hidráulico | 1 vaga I Região, empresa com sede em Canoas

Marceneiro | 2 vagas I Novo Hamburgo

Marteleteiro | 1 vaga I Porto Alegre

Montador de máquinas | 1 vaga I Novo Hamburgo

Montador de móveis e artefatos de madeira | 4 vagas I Novo Hamburgo

Motorista de caminhão | 1 vaga I Novo Hamburgo

Operador de bate-estacas | 3 vagas I Porto Alegre

Operador de empilhadeira | 1 vaga I Novo Hamburgo

Operador de estação elevatória | 3 vagas I Porto Alegre

Operador de extrusora de borracha e plástico | 3 vagas I Novo Hamburgo

Operador de máquina de laminação (a quente de espuma de colchão) | 1 vaga I Novo Hamburgo

Pedreiro | 1 vaga I Porto Alegre

Pedreiro | 6 vagas I Novo Hamburgo

Serralheiro | 1 vaga I Novo Hamburgo

Servente de obras | 1 vaga I Porto Alegre

Soldador | 9 vagas I Porto Alegre

Vendedor de serviços | 1 vaga I Novo Hamburgo

Vendedor interno | 1 vaga I Novo Hamburgo Vaga exclusiva para PCD

Auxiliar de produção | 30 vagas I PCD I Picada Café

Auxiliar de logística | 4 vagas I PCD I Esteio

Assistente administrativo de logística | 1 vaga I PCD I Campo Bom

Assistente administrativo de RH | 1 vaga I PCD I Campo Bom

Operador de telemarketing ativo | 2 vagas I PCD I Campo Bom

Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/08/2020 | Jornal VS | jornalvs.com.br | Geral

#05 Vida Disruptiva | Futuro das carreiras e transformações do aprender e do ensinar

<https://www.jornalvs.com.br/multimedia/podcasts/2020/08/12/05-vida-disruptiva---futuro-das-carreiras-e-transformacoes-do-aprender-e-do-ensinar.html>

Não há previsão exata sobre quais profissões serão as mais requisitadas no futuro, mas é possível prever quais habilidades indispensáveis para quem vem por aí no mercado de trabalho. Para pensar na relação entre o aprender e o ensinar no contexto atual e as transformações necessárias deste processo, o quinto episódio do podcast Vida Disruptiva se volta para histórias de quem prioriza a escuta e a inovação.

Foto por: Divulgação

Descrição da foto: Com a palavra, os professores. Tatiane, Cleber e Joice.

A reportagem apresenta a trajetória de duas professoras. Tatiane Schuster, de Harmonia, que teve sua vida transformada pelo ensino de línguas onde, além de ensinar, aprendeu com os alunos no Brasil e na Alemanha; e Joice Lamb, coordenadora pedagógica da EMEF Profª Adolfina J. M. Diefenthäler, em Novo Hamburgo, premiada nacionalmente por suas iniciativas que dão protagonismo aos alunos.

Leia também #01 Vida Disruptiva | Economia e indústria criativa

#02 Vida Disruptiva | Mesmo na pandemia, internacionalização da carreira pode continuar

#03 Vida Disruptiva | Nem toda startup é empresa de tecnologia, mas inovação é requisito

#04 Vida Disruptiva | Mercado pet: Segmento da economia movimentou mais de R\$ 30 bilhões

O episódio tem a participação do também professor, e reitor da Universidade Feevale, Cleber Prodanov, que fala sobre as mudanças e prioridades na educação, além das habilidades fundamentais para o que vem pela frente.

O podcast Vida Disruptiva, que pode ser ouvido nos principais players de música, como Spotify e Deezer, tem o patrocínio da Universidade Feevale.

Listen to "#05 / Futuro das carreiras, do ensinar e do aprender" on Spreaker. TAGS: blended learning educação ensino podcast vida disruptiva

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

Feevale será o Brasil em pesquisa que analisará comportamento da Covid pelo mundo

https://www.jornalvs.com.br/noticias/novo_hamburgo/2020/08/12/pesquisa-vai-analisar-como-covid-19-se-manifesta-em-diferentes-populacoes-pelo-mundo.html

Fernando Spilki liderará o projeto na Feevale Foto: Carlos Rissotto/GES-Especial A Covid-19 vem sendo alvo de muitos estudos, mas ainda de forma isolada pelas universidades de cada país. Para que haja uma comparação mundial, a partir dos dados mais evidentes de pacientes que tiveram a doença confirmada, a Comunidade Europeia acaba de aprovar o projeto UnCover, que vai pesquisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo.

Leia também Meteorologia aponta quarta-feira chuvosa e com risco de temporais e queda de granizo

'Prefeitos e professores contra a volta das crianças às escolas'

Mais da metade dos profissionais que combatem a Covid em Novo Hamburgo têm sintomas de exaustão

O projeto é liderado pelo Instituto de Medicina da Universidade da Antuérpia, da Bélgica, e conta com a participação de 30 instituições, localizadas em 18 países. O Brasil está representado pela Universidade Feevale, de Novo Hamburgo, que vem sendo referência no diagnóstico da doença. A instituição foi convidada a participar devido à parceria que possui, há alguns anos, com a área de saúde da University of South Florida, dos Estados Unidos.

À frente do projeto na Feevale, Fernando Spilki, professor do mestrado em Virologia, diz que os estudos financiados pela Comunidade Europeia começarão na metade deste semestre e terão duração de dois anos. As universidades participantes analisarão os dados clínicos de milhares de pacientes para comparar as realidades dos países. "Queremos entender como a Covid-19 se manifesta em diferentes populações, se tem variabilidade ou não, se realmente podemos classificar a doença no mundo inteiro de forma igual e se ela permanecerá com as mesmas características ao longo do tempo", afirma Spilki. Países e instituições participantes

Bélgica

University of Antwerp e Sciensano

Bósnia

Univerzitet u Sarajevu

Brasil

Universidade Feevale

Colômbia

Universidad de Antioquia

Coreia do Sul

Korea University

Croácia

Croatian National Institute of Public Health e Institut za Antropologiju - Inantro

Eslováquia

Trnavská Univerzita v Trnave

Espanha

Fundación de Investigación HM Hospitales, Universidad Politécnica de Madrid, Universidad de Navarra, Fundación para la

Investigación Biomédica del Hospital Universitario la Princesa e Instituto Investigación Sanitaria de la Fundación Jiménez Díaz

Estados Unidos

University of South Florida

Grécia

University of Thessaly

Inglaterra

St Mary's University

Irlanda

Technological University Dublin, University College Cork e National University of Ireland

Itália

Istituto Sacro Cuore Don Calabria e Azienda Ulss 6 Euganea

Luxemburgo

Luxembourg Institute of Health

Noruega

University of South-Eastern Norway

Portugal

Universidade do Porto, Universidade Católica Portuguesa e Instituto Politécnico de Coimbra

Romênia

Universitatea de Medicina si Farmacie Iuliu Hatieganu e Universitatea de Medicina si Farmacie Grigore T. Popa

Turquia

Baskent Universitesi Vakfi - Baskentuniversity TAGS: covid-19 Fernando Spilki pesquisa

Gostou desta matéria? Compartilhe!

Encontrou erro? Avise a redação. Nome:

E-mail:

Descrição do erro:

enviar

12/08/2020 | Jornal VS | jornalvs.com.br | Geral

Mais da metade dos profissionais que combatem a Covid em Novo Hamburgo têm sintomas de exaustão

https://www.jornalvs.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/08/12/mais-da-metade-dos-profissionais-que-combatem-a-covid-em-novo-hamburgo-t-em-sintomas-de-exaustao.html

UTI do Hospital Municipal de Novo Hamburgo Foto: Divulgação/FMSNH

Sintomas compatíveis com exaustão e síndrome de Burnout - este é o resultado preliminar preocupante em 60% dos entrevistados de uma pesquisa realizada com funcionários da área da saúde da cidade de Novo Hamburgo, que atuam na linha de frente do combate à Covid-19. Trata-se do estudo Estresse percebido e saúde mental no enfrentamento à Covid-19 entre profissionais de saúde da linha de frente, vinculado ao mestrado em Psicologia da Universidade Feevale e realizado pelos professores Eduardo Guimarães Camargo, Rogério Lessa Horta e Marcus Levi Lopes Barbosa e pelo acadêmico Pedro José Sartorelli Lantin.

Ainda em desenvolvimento, a pesquisa selecionou funcionários indicados pelo Hospital Municipal de Novo Hamburgo (HMNH), referência no Sistema Único de Saúde (SUS) para o enfrentamento à Covid-19 no município e região. Na primeira etapa, foram entrevistadas 63 pessoas, sendo 44 profissionais de enfermagem (36 dos quais, de nível técnico), 11 de medicina, um de fisioterapia e sete de apoio. Feito com metodologia mista, por meio de chamadas telefônicas ou chamadas de áudio ou vídeo pelo aplicativo WhatsApp, o estudo aplicou questionários de percepção de estresse e indicadores de saúde mental. Os profissionais também foram convidados a participarem de entrevistas em profundidade, que servirão, ainda, como oferta de escuta qualificada ao longo do período de enfrentamento.

A primeira série de entrevistas foi realizada entre os dias 13 e 20 de junho, o que corresponde ao final da Semana Epidemiológica (SE) 24 e o início da SE 26 - na qual o Estado contava com 25.608 casos, 3.430 hospitalizações e 591 óbitos e Novo Hamburgo, com 30,6 hospitalizações para cada 100 mil habitantes e 5,4 óbitos para cada 100 mil habitantes. Dos profissionais ouvidos, 71% são mulheres, 54 residem fora do município e 79,5% vivem com outras pessoas no mesmo domicílio. Na semana que antecedeu as entrevistas, os profissionais trabalharam 54,1h de trabalho, 35h das quais na linha de frente da pandemia.

Os dados mais preocupantes, de acordo com os pesquisadores, são os que indicam os níveis de estresse e cansaço mental: 40% dos profissionais apresentaram indicações de adoecimento psíquico, por meio de inventários de estimativa de Sofrimento Psíquico, e 41% tiveram nível elevado de Percepção do Estresse. Porém, o que causa mais atenção é o inventário de Burnout, que demonstrou que 60% dos entrevistados manifestaram escores compatíveis com exaustão, e 49%, distanciamento de suas atividades, que é indicativo de redução da capacidade de manter o envolvimento efetivo nas tarefas. Foram identificados 39,7% dos profissionais com escores elevados nestas duas últimas dimensões, o que é compatível com Burnout - que é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante.

Para os professores que conduzem o estudo, as condições específicas da atividade em linha de frente tornam as cargas semanais de trabalho ainda mais extenuantes. De acordo com o professor Rogério Lessa Horta, nas primeiras entrevistas em profundidade já analisadas, foram destacados longos plantões como característica do trabalho e sem intervalos devido à paramentação, que só pode ser retirada no final do turno.

"Foram citados, como dificultando a atividade profissional, o uso de equipamentos de proteção individual por um longo período, o isolamento dentro do próprio hospital, pois não se pode acessar outras áreas como copa e banheiros, além do risco da própria contaminação do profissional, além temores e culpa relacionados às famílias, tanto pelo distanciamento, quanto pela proximidade, que aumenta a chance de contágio." explica o professor Rogério Lessa Horta."

O que transparece nas entrevistas como alívio para os profissionais, e que pode ser um fator importante para ajudá-los a passar por esse momento, é a união das equipes, como um aspecto que favorece o desempenho no enfrentamento. Poucos estão em atendimento psicoterápico ou utilizam psicofármacos, mas várias solicitações de indicações de serviços de apoio ou atendimento emocional chegaram aos pesquisadores, o que apontaria para uma das futuras ações de enfrentamento do desgaste das equipes. "Inicialmente, recomenda-se avaliar a necessidade de priorizar repouso e intervalos, o que poderá exigir adequações de rotinas e espaços físicos, além de ampliar a oferta de apoio emocional às equipes", diz Horta, completando que o estudo seguirá, pelo menos, até setembro, mas podendo ser estendido até novembro, a depender de como se comportar a pandemia.

Confira os números

Profissionais de saúde do Hospital Municipal de Novo Hamburgo - 63

71 % mulheres

54 % residentes fora de NH

79,5 % vivem com outras pessoas no mesmo domicílio

Covid-19

48% informaram terem sido testados

13% possuíam, no momento da entrevista, sintomas compatíveis com a Covid-19

8% testaram positivo para Covid-19

29% apresentam comorbidades consideradas como risco aumentado em caso de Covid-19

Estresse percebido e saúde mental

40% com indicações de adoecimento psíquico

41% possuem nível elevado de percepção de estresse

60% possuem escores compatíveis com exaustão

49% indicam distanciamento de suas atividades

TAGS: covid-19 Novo Hamburgo pesquisa

12/08/2020 | Ministério Público do Rio Grande do Sul | mprs.mp.br | Geral

1º Ciclo de Debates MPRS (Caocon), UFRGS e Unisinos continua na sexta-feira com o "tema efeitos da pandemia nos contratos de consumo"

<http://www.mprs.mp.br/noticias/51663/>

O Centro de Apoio Operacional do Consumidor e da Ordem Econômica (Caocon) do Ministério Público dará seguimento, na sexta-feira, dia 14 de agosto, ao 1º Ciclo de Debates MPRS, UFRGS e Unisinos. O painel virtual, que ocorrerá das 10h às 11h30, terá como tema os "efeitos da pandemia nos contratos de consumo, mensalidades escolares e outros conflitos". Os debatedores serão o promotor de Justiça coordenador do Caocon, Gustavo de Azevedo e Souza Munhoz, e o professor da UFRGS e doutor em Direito Cesar Santolim. O procurador de Justiça do MPRS Paulo Valério Dal Pai Moraes e a professora e doutora em Direito Amanda Flávio de Oliveira participarão como facilitadores. Quem acompanhar o evento por web conferência ganhará um certificado ao fim do evento. Também haverá transmissão pelo canal do MPRS no YouTube, sem certificação nesta modalidade. O Centro de Apoio Operacional do Consumidor e da Ordem Econômica (Caocon) do Ministério Público está promovendo neste mês de agosto quatro encontros virtuais para abordar a temática das relações de consumo em tempos de pandemia, sob a perspectiva da harmonização e da superação da visão adversarial. O Ciclo de Debates é organizado pelo promotor de Justiça Gustavo de Azevedo e Souza Munhoz, pelo professor e doutor em Direito Cesar Santolim e pelo professor na FGV-SP, Luciano Benetti Timm. O primeiro debate foi realizado na sexta-feira, dia 7, e teve como tema "serviços públicos delegados em tempos de crise".

Para assistir ao Ciclo de Debates, clique aqui. **VEJA A PROGRAMAÇÃO E CONHEÇA OS PARTICIPANTES** 14 de agosto, das 10h às 11h30 Tema: Efeitos da pandemia nos contratos de consumo, mensalidades escolares e outros conflitos Debatedores:

Gustavo de Azevedo e Souza Munhoz, promotor de Justiça coordenador do Centro de Apoio Operacional do Consumidor e da Ordem Econômica (Caocon) do MPRS

Cesar Santolim, professor da UFRGS e doutor em Direito Facilitadores:

Paulo Valério Dal Pai Moraes, procurador de Justiça do MPRS

Amanda Flávio de Oliveira, professora e doutora em Direito 21 de agosto, das 10h às 11h30 Tema: A oportuna questão do Superendividamento Debatedores:

Gustavo de Azevedo e Souza Munhoz, promotor de Justiça Coordenador do Centro de Apoio Operacional do Consumidor e da Ordem Econômica (Caocon) do MPRS

Cesar Santolim, professor da UFRGS e doutor em Direito Facilitadores:

Rafael Dresch, professor e doutor em Direito

Claudia Lima Marques, professora e doutora em Direito 28 de agosto, das 10h30 às 12h Tema: A importância da Lei de Liberdade Econômica em cenário pós-Covid-19 Debatedores:

Gustavo de Azevedo e Souza Munhoz, promotor de Justiça Coordenador do Centro de Apoio Operacional do Consumidor e da Ordem Econômica (Caocon) do MPRS

Cesar Santolim, professor da UFRGS e doutor em Direito Facilitadores:

Luciano Benetti Timm, professor na FGV-SP

Eugênio Battesini, procurador federal da Advocacia-Geral da União (AGU), diretor da Escola da Advocacia-Geral da União na Quarta Região e doutor em Direito

12/08/2020 | Portal da Cidade Igrejinha | igrejinha.portaldacidade.com | Geral

Pesquisa vai analisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo

<https://igrejinha.portaldacidade.com/noticias/saude/pesquisa-vai-analisar-a-variabilidade-dos-aspectos-clinicos-da-covid-19-no-mundo-2939>

Universidade Feevale representa o Brasil nos estudos financiados pela Comunidade Europeia.

A Covid-19 vem sendo alvo de muitos estudos, mas ainda de forma isolada pelas universidades de cada país. Para que haja uma comparação mundial, a partir dos dados mais evidentes de pacientes que tiveram a doença confirmada, a Comunidade Europeia acaba de aprovar o projeto UnCover, que vai pesquisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo.

O projeto é liderado pelo Instituto de Medicina da Universidade da Antuérpia, da Bélgica, e conta com a participação de 30 instituições, localizadas em 18 países. O Brasil está representado pela Universidade Feevale (Rio Grande do Sul), que vem sendo referência no diagnóstico da doença. A Instituição foi convidada a participar devido à parceria que possui, há alguns anos, com a área de saúde da University of South Florida, dos Estados Unidos.

À frente do projeto na Feevale, Fernando Spilki, professor do mestrado em Virologia, diz que os estudos financiados pela Comunidade Europeia começarão na metade deste semestre e terão duração de dois anos. As universidades participantes analisarão os dados clínicos de milhares de pacientes para comparar as realidades dos países. “Queremos entender como a Covid-19 se manifesta em diferentes populações, se tem variabilidade ou não, se realmente podemos classificar a doença no mundo inteiro de forma igual e se ela permanecerá com as mesmas características ao longo do tempo”, afirma Spilki.

Países e instituições participantes:

Bélgica

University of Antwerp
Sciensano

Bósnia

Univerzitet u Sarajevu

Brasil

Universidade Feevale

Colômbia

Universidad de Antioquia

Coreia do Sul

Korea University

Croácia

Croatian National Institute of Public Health

Institut za Antropologiju – Inantro

Eslováquia

Trnavská Univerzita v Trnave

Espanha

Fundación de Investigación HM Hospitales

Universidad Politécnica de Madrid

Universidad de Navarra

Fundación para la Investigación Biomédica del Hospital Universitario la Princesa

Instituto Investigación Sanitaria de la Fundación Jiménez Díaz

Estados Unidos

University of South Florida

Grécia

University of Thessaly

Inglaterra

St Mary's University

Irlanda

Technological University Dublin

University College Cork

National University of Ireland

Itália

Istituto Sacro Cuore Don Calabria

Azienda Ulss 6 Euganea

Luxemburgo

Luxembourg Institute of Health

Noruega

University of South-Eastern Norway

Portugal

Universidade do Porto

Universidade Católica Portuguesa

Instituto Politécnico de Coimbra

Romênia

Turquia

Baskent Universitesi Vakfi - Baskentuniversity

Fonte: Assessoria de Imprensa da Feevale

12/08/2020 | Portal da Cidade Igrejinha | igrejinha.portaldacidade.com | Geral

Pesquisa vai analisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo

<https://igrejinha.portaldacidade.com/noticias/saude/pesquisa-vai-analisar-a-variabilidade-dos-aspectos-clinicos-da-covid-19-no-mundo-2939>

A Covid-19 vem sendo alvo de muitos estudos, mas ainda de forma isolada pelas universidades de cada país. Para que haja uma comparação mundial, a partir dos dados mais evidentes de pacientes que tiveram a doença confirmada, a Comunidade Europeia acaba de aprovar o projeto UnCover, que vai pesquisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo.

O projeto é liderado pelo Instituto de Medicina da Universidade da Antuérpia, da Bélgica, e conta com a participação de 30 instituições, localizadas em 18 países. O Brasil está representado pela Universidade Feevale (Rio Grande do Sul), que vem sendo referência no diagnóstico da doença. A Instituição foi convidada a participar devido à parceria que possui, há alguns anos, com a área de saúde da University of South Florida, dos Estados Unidos.

À frente do projeto na Feevale, Fernando Spilki, professor do mestrado em Virologia, diz que os estudos financiados pela Comunidade Europeia começarão na metade deste semestre e terão duração de dois anos. As universidades participantes analisarão os dados clínicos de milhares de pacientes para comparar as realidades dos países. "Queremos entender como a Covid-19 se manifesta em diferentes populações, se tem variabilidade ou não, se realmente podemos classificar a doença no mundo inteiro de forma igual e se ela permanecerá com as mesmas características ao longo do tempo", afirma Spilki.

Países e instituições participantes:

Bélgica

University of Antwerp
Sciensano

Bósnia

Univerzitet u Sarajevu

Brasil

Universidade Feevale

Colômbia

Universidad de Antioquia

Coreia do Sul

Korea University

Croácia

Croatian National Institute of Public Health
Institut za Antropologiju - Inantro

Eslováquia

Trnavská Univerzita v Trnave

Espanha

Fundación de Investigación HM Hospitales
Universidad Politécnica de Madrid
Universidad de Navarra
Fundación para la Investigación Biomédica del Hospital Universitario la Princesa
Instituto Investigación Sanitaria de la Fundación Jiménez Díaz

Estados Unidos

University of South Florida

Grécia

University of Thessaly

Inglaterra

St Mary's University

Irlanda

Technological University Dublin
University College Cork
National University of Ireland

Itália

Istituto Sacro Cuore Don Calabria
Azienda Ulss 6 Euganea

Luxemburgo

Luxembourg Institute of Health

Noruega

University of South-Eastern Norway

Portugal

Universidade do Porto

Romênia

Universitatea de Medicina si Farmacie Iuliu Hatieganu
Universitatea de Medicina si Farmacie Grigore T. Popa

Turquia

Baskent Universitesi Vakfi - Baskentuniversity

12/08/2020 | Porto Alegre 24 Horas | poa24horas.com.br | Geral

Novo conceito de micromarket em condomínios cresce em Porto Alegre

<https://www.poa24horas.com.br/novo-conceito-de-micromarket-em-condominios-cresce-em-porto-alegre/>

Já pensou ter produtos frescos e naturais dentro do seu próprio condomínio, a poucos metros de sua sala comercial ou residência? Esse novo tipo de negócio se chama Micromarket e cresce em Porto Alegre. É um novo conceito de conveniência e autoatendimento, que garante mais segurança em tempos de pandemia da Covid-19.

A rede de cafeterias 18 Café lançou recentemente a 18 Micromarket, voltada justamente para este segmento. A primeira unidade foi inaugurada no Mr Shan Business Center, na Av. Carlos Gomes, em Porto Alegre.

As unidades de micromarket podem ser instaladas em condomínios de salas comerciais e residenciais, co-workings, academias, indústrias, empresas, escritórios de advocacia e clínicas, órgãos públicos, hospitais e faculdades. A proposta estimula um consumo alicerçado na confiança e honestidade, conceito que está perfeitamente alinhado à economia colaborativa.

"Estamos criando um novo modelo de conveniência e autoatendimento em espaços corporativos, que permite liberdade de consumo a qualquer momento, com total segurança, sem a necessidade de deslocamentos a supermercados e outros estabelecimentos", explica Leandro Schwartzman, diretor da rede 18 Café. A empresa é 100% gaúcha e segue atuando no ramo das cafeterias abertas ao público, na Unimed Venâncio e Redenção, no Espaço Unisinos, Unisinos POA, Mr Shan Business Center e Hospital Militar.

12/08/2020 | Rádio Guaíba | guaiba.com.br | Geral

Feevale integrará projeto de pesquisa sobre o novo coronavírus no mundo

<https://guaiba.com.br/2020/08/12/feevale-integrara-projeto-de-pesquisa-sobre-o-novo-coronavirus-no-mundo/>

As universidades participantes analisarão os dados clínicos de milhares de pacientes para comparar as realidades dos países | Foto: Feevale / Divulgação / CP

A Universidade Feevale, com sede em Novo Hamburgo, é a primeira instituição de ensino do país a integrar o projeto UnCover, que vai pesquisar a variabilidade dos aspectos clínicos da Covid-19 no mundo. A ação é liderada pelo Instituto de Medicina da Universidade da Antuérpia, da Bélgica, e conta com a participação de 30 instituições, localizadas em 18 países.

A Feevale vem sendo referência no diagnóstico da doença para os municípios do Vale do Sinos e foi convidada a participar devido à parceria que possui, há alguns anos, com a área de saúde da University of South Florida, dos Estados Unidos. À frente do projeto na Feevale, Fernando Spilki, professor do mestrado em Virologia, diz que os estudos financiados pela Comunidade Europeia

começarão na metade deste semestre e terão duração de dois anos.

As universidades participantes analisarão os dados clínicos de milhares de pacientes para comparar as realidades dos países. "Queremos entender como a Covid-19 se manifesta em diferentes populações, se tem variabilidade ou não, se realmente podemos classificar a doença no mundo inteiro de forma igual e se ela permanecerá com as mesmas características ao longo do tempo", afirma Spilki. Entre instituições participantes estão universidades da Bélgica, Colômbia, Coreia do Sul, Croácia, Espanha, Estados Unidos, Grécia, Inglaterra, Irlanda, Itália.

12/08/2020 | Rádio Solaris | radiosolaris.com.br | Geral

Pesquisa sobre coronavírus no Rio Grande do Sul entra na sétima etapa de testes

<https://radiosolaris.com.br/pesquisa-sobre-coronavirus-no-rio-grande-do-sul-entra-na-setima-etapa-de-testes/>

Resultados mais recentes do estudo apontaram que a proporção de gaúchos com anticorpos para doença dobrou no intervalo de um mês **Parcerias Luiz Augusto Filipini**

O próximo fim de semana marcará a sétima rodada do estudo de Evolução da Prevalência de Infecção por Covid-19 no Rio Grande do Sul (Epicovid19-RS). Encomendada pelo governo do Estado à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a pesquisa irá repetir, entre o sábado (15) e a próxima segunda-feira (17), a aplicação de testes rápidos e entrevistas de 4.500 pessoas em nove cidades das regiões demográficas do Estado, segundo classificação do IBGE: Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Caxias do Sul, Passo Fundo, Santa Maria, Ijuí, Santa Cruz do Sul e Uruguaiana. O trabalho busca estimar o percentual da população gaúcha que já contraiu o coronavírus.

Os dados mais recentes da pesquisa identificaram que a proporção de habitantes com anticorpos para o coronavírus dobrou no Rio Grande do Sul no intervalo de um mês. O número estimado de pessoas que têm ou já tiveram o coronavírus passou de 55.904 (32.891 a 81.059, pela margem de erro), na última semana de junho, para 108.716 (78.774 a 146.196), na última semana de julho. Esse aumento motivou a coordenação do estudo, em decisão conjunta com o governo do Estado, a antecipar em uma semana a realização da sétima etapa.

"Fazemos um raio X do coronavírus no Estado. É o único estudo populacional no mundo a realizar sete fases de acompanhamento com a população das mesmas cidades", diz a epidemiologista Mariângela Freitas da Silveira, que integra a coordenação do estudo na UFPel.

"O estudo em solo gaúcho encontrou uma evolução no percentual de casos semelhante à do estudo nacional, em que a prevalência também dobrou no intervalo de um mês. Enquanto o país atingiu 100 mil óbitos nesta semana, o RS tem apresentado aumento do número de casos, internações e mortes, com uma taxa de ocupação de leitos de UTI em geral em torno de 76%. A próxima coleta será muito importante para avaliarmos a realidade dos casos na população e o avanço do coronavírus nas diferentes regiões em relação à etapa anterior", afirma a epidemiologista.

Em cada município do estudo, a seleção das residências e dos moradores que irão fazer o teste para o coronavírus ocorre por meio de um sorteio aleatório, utilizando os setores censitários do IBGE como base. Além do exame, o participante responde a uma breve entrevista sobre ocorrência de sintomas relacionados à Covid-19, busca por assistência médica e rotina das famílias em relação às medidas de distanciamento social.

Coordenadora do Comitê de Dados do governo no enfrentamento da Covid-19, Leany Lemos ressalta que o estudo sobre a prevalência da doença é importante para que se possa monitorar o comportamento da pandemia e a capacidade de atendimento em cada região, mas acima de tudo para alertar a população sobre as medidas de prevenção. "Sempre digo que o vetor dessa doença é o ser humano. Nós somos os vetores, então é justamente os nossos cuidados, o distanciamento, o uso de máscara e evitar aglomerações. É assim que faremos essa contenção", reforçou Leany Lemos.

A pesquisa tem apoio das secretarias de saúde e dos órgãos de segurança dos municípios e segue todos os protocolos de biossegurança para proteger os entrevistadores e participantes. Em caso de dúvida, os moradores podem entrar em contato com a

Guarda Municipal ou Brigada Militar para obter informações sobre as visitas às casas.

O estudo mobiliza 12 universidades públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); Imed; Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo); Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

A partir desta rodada, o Banrisul também irá participar do financiamento do estudo, juntamente com a Unimed Porto Alegre, o Instituto Cultural Floresta, também da capital, e o Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados vão ser divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do governo estadual cerca de 72 horas após a finalização da coleta de dados.

Fonte: Governo do RS. Marcado como COVID-19 Etapa Pesquisa RS Testes

Autor

Arquivo de Autor

12/08/2020 | Região dos Vales | regiaodosvales.com.br | Geral

Pesquisa sobre coronavírus no Rio Grande do Sul entra na sétima etapa de testes

<http://www.regiaodosvales.com.br/pesquisa-sobre-coronavirus-no-rio-grande-do-sul-entra-na-setima-etapa-de-testes/>

Resultados mais recentes do estudo apontaram que a proporção de gaúchos com anticorpos para doença dobrou no intervalo de um mês

O próximo fim de semana marcará a sétima rodada do estudo de Evolução da Prevalência de Infecção por Covid-19 no Rio Grande do Sul (Epicovid19-RS). Encomendada pelo governo do Estado à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a pesquisa irá repetir, entre o sábado (15/8) e a próxima segunda-feira (17/8), a aplicação de testes rápidos e entrevistas de 4.500 pessoas em nove cidades das regiões demográficas do Estado, segundo classificação do IBGE: Pelotas, Porto Alegre, Canoas, Caxias do Sul, Passo Fundo, Santa Maria, Ijuí, Santa Cruz do Sul e Uruguaiana. O trabalho busca estimar o percentual da população gaúcha que já contraiu o coronavírus.

Os dados mais recentes da pesquisa identificaram que a proporção de habitantes com anticorpos para o coronavírus dobrou no Rio Grande do Sul no intervalo de um mês. O número estimado de pessoas que têm ou já tiveram o coronavírus passou de 55.904 (32.891 a 81.059, pela margem de erro), na última semana de junho, para 108.716 (78.774 a 146.196), na última semana de julho. Esse aumento motivou a coordenação do estudo, em decisão conjunta com o governo do Estado, a antecipar em uma semana a realização da sétima etapa.

"Fazemos um raio X do coronavírus no Estado. É o único estudo populacional no mundo a realizar sete fases de acompanhamento com a população das mesmas cidades", diz a epidemiologista Mariângela Freitas da Silveira, que integra a coordenação do estudo na UFPel.

"O estudo em solo gaúcho encontrou uma evolução no percentual de casos semelhante à do estudo nacional, em que a prevalência também dobrou no intervalo de um mês. Enquanto o país atingiu 100 mil óbitos nesta semana, o RS tem apresentado aumento do número de casos, internações e mortes, com uma taxa de ocupação de leitos de UTI em geral em torno de 76%. A próxima coleta será muito importante para avaliarmos a realidade dos casos na população e o avanço do coronavírus nas diferentes regiões em relação à etapa anterior", afirma a epidemiologista.

Em cada município do estudo, a seleção das residências e dos moradores que irão fazer o teste para o coronavírus ocorre por meio de um sorteio aleatório, utilizando os setores censitários do IBGE como base. Além do exame, o participante responde a uma breve entrevista sobre ocorrência de sintomas relacionados à Covid-19, busca por assistência médica e rotina das famílias em relação às medidas de distanciamento social.

Coordenadora do Comitê de Dados do governo no enfrentamento da Covid-19, Leany Lemos ressalta que o estudo sobre a prevalência da doença é importante para que se possa monitorar o comportamento da pandemia e a capacidade de atendimento em cada região, mas acima de tudo para alertar a população sobre as medidas de prevenção. "Sempre digo que o vetor dessa doença é o ser humano. Nós somos os vetores, então é justamente os nossos cuidados, o distanciamento, o uso de máscara e evitar aglomerações. É assim que faremos essa contenção", reforçou Leany Lemos.

Parcerias

A pesquisa tem apoio das secretarias de saúde e dos órgãos de segurança dos municípios e segue todos os protocolos de biossegurança para proteger os entrevistadores e participantes. Em caso de dúvida, os moradores podem entrar em contato com a Guarda Municipal ou Brigada Militar para obter informações sobre as visitas às casas.

O estudo mobiliza 12 universidades públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); Imed; Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo); Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

A partir desta rodada, o Banrisul também irá participar do financiamento do estudo, juntamente com a Unimed Porto Alegre, o Instituto Cultural Floresta, também da capital, e o Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados vão ser divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do governo estadual cerca de 72 horas após a finalização da coleta de dados.

Texto: Pepo Kerschner/Ascom SPGG - Comitê de Dados e Ascom/Epidemiologia UFPel

Edição: Marcelo Flach/Secom

Download Premium WordPress Themes Free

Free Download WordPress Themes

Free Download WordPress Themes

Download Premium WordPress Themes Free

udemy paid course free download

download lava firmware

Download Premium WordPress Themes Free

udemy free download

12/08/2020 | Temas Preferidos | temaspreferidos.com.br | Geral

Trabalho e tecnologias é tema de webserie gratuita

<http://temaspreferidos.com.br/noticias/noticia/p/trabalho-e-tecnologias-tema-de-webserie-gratuita>

Aulas abertas serão realizadas por pesquisadoras do Projeto Coffe and Work

A difusão de novas tecnologias tem estimulado a imaginação das pessoas quando se trata do futuro. A substituição humana por robôs, entre outras, são narrativas que permeiam especulações sobre as relações de trabalho, especialmente no contexto atual. Para apresentar algumas ideias e superar receios relacionados a esse tema, as pesquisadoras Patrícia Scherer Bassani e Gislene Feiten Haubrich vão realizar uma webserie com cinco aulas abertas.

Na primeira temporada, o programa Trabalho e Tecnologias: pensando e construindo o futuro, tem como propósito pensar sobre a expressão futuro do trabalho, a partir da perspectiva daquelas que são reconhecidas como as suas principais desencadeadoras: as tecnologias. Mas o protagonismo será mesmo das máquinas? Para responder a essa e outras questões, cinco episódios, com realização semanal, abordarão conceitos fundamentais, a aplicação tecnológica na indústria e educação, entre outros.

"As questões são múltiplas quando o assunto é tecnologia e seus usos no trabalho. Nós propomos, então, o desafio de trazer à luz algumas ideias para pensarmos na apropriação que fazemos das tecnologias e como elas podem transformar nossa realidade, ou pelo menos, nossa percepção de realidade", diz Gislene.

Patrícia destaca que "é preciso acompanhar o cenário atual e as perspectivas de futuro, para que possamos compreender as mudanças que estão a caminho em diferentes áreas de atuação".

As aulas acontecem às terças-feiras, às 17h, no mês de setembro. As atividades são gratuitas e a participação pode conceder certificado. Para isso, é necessário realizar inscrição prévia, neste link, além de realizar check-in durante as transmissões.

Confira a agenda completa:

01/09 - Trabalho e Tecnologia: sempre conectados

08/09 - Alinhando alguns conceitos

15/09 - Tecnologias na Indústria

22/09 - Educadores e as transformações por meio das tecnologias

29/09 - Tecnologias e a mediação dos novos fazeres

Para saber mais sobre cada um dos episódios, acesse aqui.

Sobre o projeto Coffee and Work

O projeto tem como propósito propor reflexões acerca do trabalho a partir da difusão de pesquisas científicas sob diferentes perspectivas como a comunicação, a tecnologia, o empreendedorismo, a inclusão, entre outros. Idealizado por Gislene Feiten Haubrich, ele resulta de sua pesquisa de doutorado, realizada com bolsa Capes na Universidade Feevale.

12/08/2020 | Unijuí | unijui.edu.br | Geral

Pesquisa sobre coronavírus realiza sétima etapa de testes no fim de semana

<https://www.unijui.edu.br/comunica/coronavirus/33895-pesquisa-sobre-coronavirus-realiza-setima-etapa-de-testes-no-fim-de-semana>

Profissionais voluntários da área da saúde voltam às ruas para testar para o coronavírus 4,5 mil moradores do estado entre os dias 15 e 17 de agosto.

O estudo de Evolução da Prevalência de Infecção por Covid-19 no Rio Grande do Sul (Epicovid19-RS) realiza a sétima rodada de entrevistas e testes rápidos para o coronavírus no próximo fim de semana em nove cidades gaúchas, entre elas Ijuí, onde serão realizados 500 testes. Nos dias 15, 16 e 17 de agosto, profissionais voluntários da área da saúde, sob coordenação do Instituto Pesquisas de Opinião (IPO), vão visitar quinhentos domicílios, em cada cidade, e convidar os moradores a fazer o teste rápido para o coronavírus.

O Epicovid19-RS, coordenado pela Universidade Federal de Pelotas em parceria com o Governo do Estado, estima o percentual da população gaúcha infectada pelo coronavírus, obtém cálculos precisos da letalidade e avalia a velocidade de disseminação do contágio ao longo do tempo. Em Ijuí a pesquisa é realizada com a coordenação da Unijuí, por meio do Mestrado em Atenção Integral à Saúde e os cursos de Graduação do Departamento de Ciências da Vida (DCVida).

Nesta sexta-feira, as equipes vão passar por uma rodada de testes e treinamento no Campus da Unijuí, em Ijuí, antes de iniciarem o trabalho de campo.

Dados

Os dados mais recentes da pesquisa identificaram que a proporção de pessoas com anticorpos para o coronavírus dobrou no Rio Grande do Sul no intervalo de um mês. O número estimado de pessoas que têm ou já tiveram o coronavírus passou de 55.904 (de 32.891 a 81.059, pela margem de erro), na última semana de junho, para 108.716 (de 78.774 a 146.196), na última semana de julho. Esse aumento motivou a coordenação do estudo, em decisão conjunta com o Governo do Estado, a antecipar em uma semana a realização da sétima etapa.

A próxima coleta será muito importante para avaliação da realidade dos casos na população e o avanço do coronavírus nas diferentes regiões em relação à etapa anterior. Em cada município do estudo, a seleção das residências e dos moradores que irão fazer o teste para o coronavírus ocorre por meio de um sorteio aleatório, utilizando os setores censitários do IBGE como base.

Além do exame, o participante responde a uma breve entrevista sobre ocorrência de sintomas relacionados à Covid-19, busca por assistência médica e rotina das famílias em relação às medidas de distanciamento social. A pesquisa tem apoio das secretarias de saúde e dos órgãos de segurança dos municípios e segue todos os protocolos de biossegurança para proteger a saúde dos entrevistadores e participantes. Em caso de dúvida, os moradores podem entrar em contato com a Guarda Municipal ou Brigada Militar para obter informações sobre as visitas às casas.

O estudo mobiliza doze universidades públicas e privadas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Pampa (Unipampa/Uruguaiana); Universidade de Caxias do Sul (UCS); IMED e Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Passo Fundo), Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade La Salle (Unilasalle).

A partir da próxima fase, o Banrisul também irá participar do financiamento do estudo, junto com a Unimed Porto Alegre, o Instituto Cultural Floresta, também da capital, e o Instituto Serrapilheira, do Rio de Janeiro. Os resultados vão ser divulgados por integrantes da coordenação do estudo e do Governo do RS em aproximadamente 72 horas após a finalização da coleta de dados.

Fonte: Universidade Federal de Pelotas